



**MAYCON PÁDUA REIS**

**AMBIENTE UNIVERSITÁRIO E SOFRIMENTO PSÍQUICO:  
A PERCEPÇÃO DE DISCENTES DE UMA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO SUL DE MINAS GERAIS**

**LAVRAS-MG**

**2023**

**MAYCON PÁDUA REIS**

**AMBIENTE UNIVERSITÁRIO E SOFRIMENTO PSÍQUICO: A PERCEPÇÃO DE  
DISCENTES DE UMA UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DE MINAS GERAIS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação, área de concentração em Formação de Professores, para a obtenção do título de Mestre.

Prof. Dr. Regilson Maciel Borges

Orientador

**LAVRAS-MG**

**2023**

**Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca  
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).**

Reis, Maycon Pádua.

Ambiente universitário e sofrimento psíquico: a percepção de  
discentes de uma universidade federal do sul de Minas Gerais /  
Maycon Pádua Reis. - 2023.

170 p. : il.

Orientador(a): Regilson Maciel Borges.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de  
Lavras, 2023.

Bibliografia.

1. Saúde mental. 2. Assistência estudantil. 3. Ensino Superior.  
I. Borges, Regilson Maciel. II. Título.

**MAYCON PÁDUA REIS**

**AMBIENTE UNIVERSITÁRIO E SOFRIMENTO PSÍQUICO: A PERCEPÇÃO DE DISCENTES DE UMA UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DE MINAS GERAIS**

**UNIVERSITY ENVIRONMENT AND PSYCHIC SUFFERING: THE PERCEPTION OF STUDENTS AT A FEDERAL UNIVERSITY IN THE SOUTH OF MINAS GERAIS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-graduação do Mestrado Profissional em Educação, para obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 25 de abril de 2023.  
Dr. Regilson Maciel Borges UFLA  
Dr. Alessandro Teodoro Bruzi UFLA  
Dr. Ricardo Eleutério dos Anjos UFCAT

Prof (a). Dr (a). Regilson Maciel Borges  
Orientador (a)

**LAVRAS-MG  
2023**

## AGRADECIMENTOS

A vida é caminho, viver e caminhar. Grato sou, por um Deus de infinita graça e misericórdia que nunca deixou de me guiar em todos os momentos dessa formação, a sua sublime luz lança sobre mim toda a sorte de possibilidades de uma vida e um futuro que valem a pena serem vividos.

Nesta trajetória não me faltaram aqueles dispostos a oferecer amparo e acolhimento em momentos laboriosos aos quais meus pés tendiam a titubear, rapidamente se apresaram em me reconduzir para a caminhada.

Agradeço aos meus pais, Leovandir Ferreira Dos Reis e Rosemary Pádua Reis pelo amor e compreensão, vocês são meus exemplos e meu orgulho, sem vocês eu não seria possível. Meus agradecimentos a toda minha família e parentela.

Fui agraciado com pessoas excepcionais que durante esse percurso me concederam a dádiva de seu companheirismo, gostaria de destacar Renata Andrade, por seu amor e por permitir que eu também possa amar, com você vislumbro caminhar para sempre.

Minha gratidão ao Dr. Regilson Maciel Borges, por suas direções e orientações, sua empatia e humanidade certamente me marcaram.

Grato aos membros que compuseram a banca de qualificação e defesa, suas pontuações aperfeiçoaram a construção deste trabalho.

A Universidade Federal de Lavras, sou grato à cada membro do corpo docente, direção e administração dessa instituição de ensino.

Por fim, caminhando estou, e ao ir também se constrói caminho. Gratidão me descreve, maravilhosa Graça me persegue.

*"O principal é que o homem ou a mulher sintam que estão vivendo a sua própria vida, assumindo responsabilidade pela ação ou pela inatividade, e sejam capazes de assumir os aplausos pelo sucesso ou as censuras pelas falhas." (Donald Winnicott)*

*"Sua profissão não é aquilo que traz para casa o seu salário. Sua profissão é aquilo que foi colocado na Terra para você fazer com tal paixão e tal intensidade que se torna chamamento espiritual." (Vincent van Gogh)*

*"[eu] pensava que nós seguíamos caminhos já feitos, mas parece que não os há. O nosso ir faz o caminho." (C. S. Lewis)*

## RESUMO

A saúde mental dentro do contexto universitário ganha cada vez mais notoriedade e importância devido aos altos índices de acometimento mental. Existe um despertar de consciência para a relevância de problematizar a temática, assim, a questão das políticas educacionais voltadas para saúde mental universitária se fazem importantes. Investigar o sofrimento psíquico dentro do ambiente universitário tem grande relevância social, uma vez que, esclarecer o sentido em que essas relações podem ser pensadas implica situar a saúde mental universitária como uma questão de saúde pública, bem como discutir a consolidação de políticas educacionais da Universidade voltadas para saúde mental da/do acadêmico. Este trabalho parte do programa de pós-graduação do Mestrado Profissional em Educação e teve como objetivos discutir o sofrimento psíquico que emerge dentro das relações universitárias e investigar a percepção dos discentes sobre as políticas em saúde mental oferecidas por uma Universidade Federal do Sul de Minas Gerais. Para o alcance desses objetivos, enquanto metodologia adotou-se a realização de uma pesquisa quanti-qualitativa, iniciando-se com o levantamento de trabalhos sobre o tema pesquisado por meio de pesquisa bibliográfica realizada em base de dados da CAPES, SciELO, BDTD e Educ@. Como segunda etapa foram aplicados questionários na população de discentes da Universidade pesquisada, com a finalidade de levantar dados quantitativos e qualitativos quanto às percepções relativas à saúde mental. Foi possível compreender de maneira mais abrangente o ambiente universitário e o sofrimento psíquico e, com isso, a percepção de discentes sobre as políticas em saúde mental oferecidas pela universidade. Concluímos que existem fatores externos ao ambiente universitário que podem ser desencadeadores de sofrimento psíquico, mas grande parte do discentes tendem a culpabilizar o ambiente universitário. Sobre as políticas oferecidas, os alunos tendem a perceber a universidade como responsável pelo fornecimento de serviços de apoio e assistência em saúde mental e ampliar os já existentes. Como resultado da pesquisa se criou, como Produto Educacional, um folder sobre saúde mental universitária a ser apresentado a gestão de uma Universidade Federal do Sul de Minas Gerais e demais instituições de ensino superior por via eletrônica, somado a uma proposta de palestra sobre saúde mental a ser realizada em escolas da cidade de Lavras-MG.

**Palavras-chave:** Saúde mental. Ambiente Universitário. Ensino Superior. Assistência estudantil.

## ABSTRACT

Mental health within the university context is gaining increasing notoriety and importance due to the high rates of mental impairment and awareness raising for the relevance of problematizing the theme, thus the issue of educational policies aimed at university mental health becomes important. Investigating psychic suffering within the university environment has great social relevance, since clarifying the meaning of these relationships implies classifying university mental health as a public health issue, as well as discussing the consolidation of educational policies at the University focused on mental health of the academic. This study aimed to discuss the psychic suffering that emerges within university relationships and to investigate the students' perception of the mental health policies offered by a Federal University in the South of Minas Gerais. In order to reach these objectives, as a methodology, a quantitative and qualitative research was adopted, starting with the survey of works on the researched theme through bibliographical research carried out in CAPES, SciELO, BDTD and Educ@ databases. As a second step, questionnaires were applied to the student population of the researched University, with the purpose of raising quantitative and qualitative data regarding perceptions related to mental health. It was possible to understand more comprehensively the university environment and psychic suffering and, with that, the perception of students about the mental health policies offered by the university. We conclude that there are external factors to the university environment that can trigger psychological distress, but most students tend to blame the university environment. Regarding the policies offered, students tend to perceive the university as responsible for providing mental health support and assistance services and to develop the existing ones. As a result of the research, a folder on university mental health was created as an Educational Product, to be presented electronically to the management of a Federal University in the South of Minas Gerais and other higher education institutions, in addition to a proposal for a lecture on mental health to be carried out in schools in Lavras-MG.

**Keywords:** Mental health. University Environment. University education. Student assistance.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
1.1 Implicações do pesquisador com o objeto estudado	10
1.2 Contextualização do trabalho	11
1.3 Caracterização da pesquisa	12
1.4 Levantamento bibliográfico	13
1.5 Construção do questionário	13
1.6 População alvo e amostra e critérios de exclusão	14
1.7 Abordagem aos sujeitos da pesquisa, desconforto e riscos	15
1.8 Descrição das medidas para proteção ou minimização dos desconfortos e riscos previsíveis	15
1.9 Descrição das medidas de monitoramento da coleta de dados e proteção à confidencialidade	16
1.10 Previsão de ressarcimento de gastos, indenização e/ou reparação de danos	16
1.11 Análise dos dados	17
1.12 Trâmites do comitê de ética e pesquisa	17
1.13 Organização e estrutura do trabalho	17
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO: CAMINHOS PARA COMPREENSÃO DA DISCUSSÃO SOBRE SAÚDE MENTAL NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO</b>	<b>19</b>
2.1 Conceitualização sobre Ambiente Universitário	19
2.2 Saúde e Qualidade de Vida: Maleabilidade e Cuidado	21
2.3 Sofrimento psíquico: Convergências e Unificações	26
2.4 Políticas de Assistência em Saúde Mental Universitária	28
2.5 O psicólogo no contexto educacional e o professor: desafios e perspectivas	33
<b>3 A PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE SAÚDE MENTAL E ENSINO SUPERIOR: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b>	<b>40</b>
3.1 Procedimento de coleta de dados	40
3.2 Mapeamento e organização das fontes selecionadas na pesquisa bibliográfica	41
3.3 Descrição dos trabalhos selecionados na pesquisa bibliográfica	53
3.4 A discussão sobre “ambiente universitário/universidade”, “sofrimento psíquico” e “políticas de saúde mental/institucionais” nos trabalhos analisados	60
<b>4 POLÍTICAS RELACIONADAS A SAÚDE MENTAL OFERTADAS PELAS UNIVERSIDADES FEDERAIS BRASILEIRAS</b>	<b>65</b>
4.1 As políticas educacionais em Saúde Mental dentro das Universidades Federais brasileiras	65

4.1.1 Universidades Federais da Região Centro-Oeste	66
4.1.2 Universidades Federais da Região Nordeste	68
4.1.3 Universidades Federais da Região Norte	73
4.1.4 Universidades Federais da Região Sudeste	76
4.1.5 Universidades Federais da Região Sul	81
4.2 Políticas em saúde mental de uma Universidade Federal do Sul de Minas Gerais	86
<b>5 PERCEPÇÕES DISCENTES SOBRE POLÍTICAS DE SAÚDE MENTAL DE UMA UNIVERSIDADE DO SUL DE MINAS GERAIS</b>	<b>93</b>
5.1 Resultados estatísticos demográficos	93
5.2 Para além da doença: Saúde e Qualidade de Vida	96
5.3 Vivências universitárias e o sofrimento psíquico	107
5.4 Ambiente e experiências universitárias	111
5.5 Percepção discente da política educacional em saúde mental e o papel da instituição de ensino superior	124
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: SAÚDE MENTAL COMO UM CAMINHO</b>	<b>142</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>147</b>
APÊNDICE A — PRODUTO EDUCACIONAL	156
APÊNDICE B — QUESTIONÁRIO	161
APÊNDICE C — FOLDER INFORMATIVO	164
ANEXO 1 — TCLE	167

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Implicações do pesquisador com o objeto estudado

Exercendo a profissão enquanto psicólogo, encontro diariamente dentro do meu fazer clínico as mais variadas nuances do viver e existir, dentre elas, percebo que muitas das queixas que se manifestam na clínica de psicologia são análogas as conversas e relatos de muitos discentes que me acompanharam durante a graduação. Segundo Zabala (1998), a maneira pela qual as pessoas se relacionam são fortemente influenciadas por suas experiências, boa parte destas são adquiridas dentro de ambientes educacionais. Esse envolvimento permite que a criação de vínculos seja estabelecida bem como a própria compreensão de si.

Partindo das experiências por quais fui exposto no decorrer da minha graduação, por exemplo, os atendimentos clínicos ofertados especificamente aos discentes por meio dos estágios realizados na Clínica Escola de Psicologia, a temática sobre saúde mental, incorporada nesse contexto me foi posta e a partir de então fez-se objeto de investigação e reflexão. Essas experiências me despertaram para a urgência de pensarmos cientificamente a saúde mental no ambiente universitário. Consequentemente inspirando a temática dessa dissertação, trabalho que resulta da pesquisa desenvolvida dentro do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação.

Assim como este trabalho, a vida também é um processo de construção, aperfeiçoamento e refinamento. Segundo Nóvoa e Vieira (2017), é importante compreender a formação docente do início ao fim sobre uma perspectiva da construção desta identidade que é individual, mas ao mesmo tempo tem importantes e significativos aspectos coletivos. Para Pimenta e Anastasiou (2014), a concepção daquele que exerce a função docente transcende a formação acadêmica em si, a construção da sua identidade profissional carregam elementos anteriores a isso, como por exemplo, sua experiência enquanto aluno e sua relação com seus professores. Neste ponto é perceptível como a minha trajetória enquanto aluno influenciou e moldou as minhas escolhas.

A temática deste trabalho não seria eleita por mim se outrora não tivesse tido as experiências citadas anteriormente. Segundo Pimenta e Anastasiou (2014), a construção da identidade do professor acontece de maneira processual, e a criatividade é fundamental, uma vez que a docência coloca desafios que precisam ser superados com fins a buscar soluções. Diz Tardif (2012), trabalhar não é somente executar um trabalho, mas fazer algo consigo mesmo,

na medida em que o próprio trabalho modifica a identidade do trabalhador, já que a identidade carrega as marcas da atividade do sujeito.

Assim como a vida, esse trabalho passou por processos de construção, aperfeiçoamento e refinamento. Estudar as questões sobre a Saúde Mental dentro de um contexto de políticas em Saúde Mental Universitária é um desafio, especialmente quando encontramos um crescente aumento de sofrimento mental dentro do ambiente universitário.

Frisamos que os caminhos conclusivos a serem apresentados aqui não possuem a intenção de generalização muito menos de cauterização do assunto, pelo contrário, surgem como provocações e inspirações para futuros estudos.

## **1.2 Contextualização do trabalho**

Sabemos que no mundo em torno de 800 mil pessoas tiram sua própria vida por ano, com uma taxa de mortalidade mundial de 10.7 para cada 100 mil habitantes (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2019). Essa estatística se torna mais alarmante quando se observa que a taxa é maior entre jovens na faixa etária entre 15 a 29 anos, período em que estão se preparando para ingressar no Ensino Superior, cursando a graduação, pós-graduação ou se preparando para o mercado de trabalho. Neste cenário, verifica-se um grande aumento do número de episódios suicidas e de sofrimento psíquico que emerge dentro das universidades. As instituições de ensino superior são locais de promoção humana e emancipação social através da educação, o contexto universitário traz consigo muitos elementos subjetivos como mencionam Almeida, Soares e Ferreira (2014), dentro das universidades podemos encontrar os domínios: acadêmico, social, pessoal e vocacional. É neste contexto que a educação e a psicologia têm o desafio de atuar.

A partir disso, nosso objetivo é analisar o sofrimento psíquico que aflora dentro das relações universitárias e a percepção dos discentes da graduação sobre as políticas educacionais em saúde mental oferecidas por uma Universidade Federal do Sul do Estado de Minas Gerais.

Levantar esse temática no contexto universitário e o papel das políticas públicas educacionais, como por exemplo o Núcleo de Saúde Mental, é pertinente para aspectos pedagógicos, políticos e sociais, uma vez que nos permite situar a especificidade da educação e psicologia ao se propor a operar com estudantes universitários, sabendo da responsabilidade da instituição universitária em requerer a aquisição de conhecimento e como resultado uma produção de relevância e qualidade, contudo se recusando a aceitar que tal jornada tenha como produto transtornos mentais graves.

Esclarecer o sentido em que essas relações podem ser pensadas implica situar como a educação e a psicologia poderiam ler, por exemplo, os efeitos das modificações sociais contemporâneas para os universitários, sofrimento psíquico nas instituições de ensino superior no Brasil, bem como pensar a consolidação de políticas educacionais que abraçam a temática.

Para alcançar esses objetivos, se realizou uma pesquisa quanti-qualitativa, a partir do levantamento de trabalhos anteriores e da construção e aplicação de um questionário (APÊNDICE B) para a população alvo, discentes universitários das graduações de uma Universidade pública localizada no Sul do estado de Minas Gerais.

A princípio foi necessário a realização de um levantamento bibliográfico que se deu a partir de publicações dos últimos 10 anos, optou-se por esse recorte visto as finalidades da pesquisa, os materiais foram previamente selecionados pela busca por meio da combinação de descritores que dialogavam com a temática nos bancos de dados: CAPES, BDTD, Educ@, Google acadêmico e SciELO. Posteriormente foram filtrados utilizando o critério de afinidade com o tema de investigação deste estudo.

Com os resultados da pesquisa, se realizou a construção de um produto educacional (APÊNDICE A), como parte das exigências do programa de pós-graduação em educação – PPGE, na modalidade de Mestrado Profissional. Esse material consistiu na ministração de uma palestra aberta para comunidade acadêmica e na elaboração de um material no estilo folder (APÊNDICE C) informativo que possibilitam a promoção e prevenção em saúde mental universitária.

Em resumo, o trabalho foi realizado ao longo de quatro semestres, precisamente dois anos, onde no primeiro os esforços foram convergidos para a conclusão das disciplinas, refinamento do projeto, construção do referencial teórico e submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos e pesquisa bibliográfica. Já no segundo ano a atenção se voltou para a aplicação do questionário, elaboração e construção e proposta do produto educacional, bem com a análise e interpretação dos dados obtidos. Nos itens subsequentes trataremos de expor os aspectos metodológicos deste trabalho.

### **1.3 Caracterização da pesquisa**

A pesquisa pode ser considerada quali-quantitativa, uma vez que Creswell (2007), descreve que esse tipo de método busca o levantamento de dados de texto, através de uma revisão de literatura sobre a temática, mas também informações estatísticas que estão expostas no capítulo 5.

O viés qualitativo, como proposto por Godoy (1995), é o levantamento de informações textuais que visam entender e conhecer a situação estudada por meio da coleta de dados dos indivíduos deste ambiente em estudo, a saber o ambiente universitário. A pesquisa do tipo qualitativa, segundo Sampieri, Collado e Lucio (2013), buscam entender a visão dos indivíduos que serão pesquisados em relação ao meio que se inserem. Para Gerhard et al. (2009), a pesquisa qualitativa não se importa com a relevância numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social em dado contexto.

Na perspectiva quantitativa, Creswell (2007), afirma ser uma modalidade de pesquisa no qual as informações são recolhidas de maneira que as mesmas possam ser medidas e apresentadas de forma estatística. Busca-se apresentar na forma de dados numéricos, como por exemplo, a quantidade de universitários que afirmam passar por questões de ordem psicológica.

#### **1.4 Levantamento bibliográfico**

Com a finalidade de reunir as produções científicas relacionadas à temática da pesquisa, iniciamos com um levantamento bibliográfico por meio da coleta dos materiais publicados nos bancos de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Portal Educ@ publicações online de educação da Fundação Carlos Chagas, Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Os resultados da pesquisa bibliográfica encontram-se apresentados no Capítulo 3 “A produção científica sobre saúde mental e ensino superior: uma revisão bibliográfica”, que tem por objetivos examinar a temática do trabalho no que diz respeito aos aspectos teóricos já publicados referentes ao tema.

#### **1.5 Construção do questionário**

Optou-se pela construção do próprio instrumento de coleta de dados, não valendo de instrumentos já prontos, o motivo dessa decisão se baseou na especificidade da pesquisa em requerer perguntas direcionadas ao fim esperado, a saber, a percepção dos discentes sobre as políticas públicas ofertadas estritamente por uma universidade do sul do estado de Minas Gerais. Como ferramenta de coleta de dados foi construído um questionário com questões que buscavam levantar informações a respeito do serviço oferecido (APÊNDICE A).

O questionário segundo Gil (2008), pode ser entendido como um procedimento de coleta de dados através da apresentação de um número determinado de questões escritas a pessoas,

com o intuito de realizar o levantamento das opiniões, vivências e sentimentos sobre determinado assunto. Houve a criação de um questionário semiestruturado, elaborado em formato *Likert* onde as alternativas têm uma escala definida e múltipla escolha. As referidas perguntas que contemplaram o questionário são de fácil compreensão e elaboradas de maneira que seu entendimento e interpretação fossem rápidas e dinâmicas. Também foi disponibilizado um campo aberto para que o discente opine. De acordo com Fontelles et al. (2009), esse procedimento permite a coleta de dados relacionados a determinados grupos, comunidades ou instituições. Antes da aplicação final do questionário foi realizada a aplicação de um teste piloto com discentes voluntários, a fim de checar a aplicabilidade e compreensão das perguntas.

### **1.6 População alvo e amostra e critérios de exclusão**

Para que os resultados da pesquisa sejam representativos, em um primeiro momento foi importante delimitar uma unidade de análise, isso é, comunidade e população, posteriormente a amostra que é um subgrupo da população de interesse (SAMPIERI; COLLADO; LÚCIO, 2006). Nossa comunidade é uma Universidade Federal localizada no Sul do estado de Minas Gerais, a população são os discentes universitários desta comunidade, a amostra foram os discentes de graduação regulares de ambos os sexos, de 27 cursos de graduação e faixas etárias de 18 a 42 anos, essas informações estão mais bem detalhadas no item 5.2.

Sobre a seleção da amostra, ela se enquadra em um estilo de amostragem intencional, segundo os estudos:

A seleção de amostras intencionais ou por julgamento são realizadas de acordo com o julgamento do pesquisador. Se for adotado um critério razoável de julgamento, pode-se chegar a resultados favoráveis. O método de julgamento é muito utilizado para a escolha de uma localidade 'representativa' de um país na qual serão realizadas outras pesquisas, sendo algumas vezes até preferida em relação à seleção de uma localidade por métodos aleatórios. A amostra por julgamento pode ser, nestes casos, mais fidedigna e representativa que uma amostra probabilística. (OLIVEIRA, 2001, p. 6).

Podemos então entender que a amostragem intencional é um tipo de amostragem não-probabilística, onde há uma escolha delineada dos elementos da amostra, segundo os critérios do pesquisador e demandas da pesquisa. Esse tipo de amostra requer do pesquisador conhecimento da população e do subgrupo selecionado; estudantes universitários matriculados regularmente nos cursos de graduação de uma instituição de ensino superior específica.

Portanto, a coleta foi realizada com os discentes dos cursos de graduação regulares, foram incluídos os discentes de ambos os sexos dos cursos de graduação que concordarem em participar da pesquisa. Não foram incluídos estudantes dos cursos de pós-graduação, neste sentido foram aplicados um total de 105 questionários.

### **1.7 Abordagem aos sujeitos da pesquisa, desconforto e riscos**

Uma vez aprovado o projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos (COEP) e definidas as datas para início da aplicação o pesquisador entrou em contato com os voluntários.

A abordagem foi por meio de convites realizados através de divulgação eletrônica, por exemplo, grupos de *whatsapp*, *facebook* e *instagram*, que os direcionou para um formulário virtual (*google* formulário), neste momento foi explicado aos voluntários todos os procedimentos do estudo e ao final da pesquisa, tiveram direito ao acesso às conclusões. Salientamos que a adesão e participação foram muito positivas.

Neste formulário houve a apresentação e descrição do projeto, estando os mesmos cientes e de acordo com a abordagem e participação na pesquisa, será disponibilizado o termo de consentimento livre e esclarecido - TCLE, onde uma via foi para cada voluntário e outra para o pesquisador e ambas as vias assinadas e datadas, pelas duas partes (ANEXO 1).

O preenchimento do questionário ocorreu de maneira virtual pelo voluntário. Estimou-se que foi utilizado um tempo máximo de 10 minutos para o preenchimento do questionário, não causando prejuízos significativos a rotina acadêmica do discente.

A proposta de trabalho foi apresentada na primeira parte do questionário a cada participante que manifestou interesse quando receber o link de acesso do formulário, sendo solicitado assim, sua autorização para a realização da pesquisa. Os participantes foram esclarecidos sobre o propósito do estudo e os procedimentos de coleta de dados. Os interessados tiveram acesso pela plataforma (de uso gratuito *google forms*) ao questionário e ao Termo de Consentimento de Livre e Esclarecido para que assinem virtualmente.

### **1.8 Descrição das medidas para proteção ou minimização dos desconfortos e riscos previsíveis**

O referido estudo apresentou riscos mínimos para os voluntários dos quais; o voluntário poderia se sentir desconfortável psicologicamente durante o preenchimento do questionário

pelo tempo demandado, mas poderia interromper a pesquisa a qualquer momento. Todavia, o questionário não contou com perguntas de cunho íntimo e pessoal especificamente. As perguntas serão a respeito da percepção e relação as políticas públicas e educacionais em saúde mental oferecidas por uma Universidade Federal do Sul de Minas.

Outro possível risco previsto é que a participação e preenchimento do questionário pelo voluntario poderá tomar tempo, alterando sua rotina e agenda. Contudo, o voluntário pode responder o questionário em qualquer momento do dia de forma remota, através do seu *notebook*, computador, *tablet* ou celular com acesso à internet. O questionário foi breve e objetivo de maneira a não ser necessário uma grande demanda de tempo para respondê-lo.

Ressaltamos que em todas as etapas da pesquisa, incluindo o grupo piloto, o voluntário possuiu a escolha de continuar ou não participando do estudo. Foi mantida em sigilo a identidade dos voluntários e as informações coletadas serão de conhecimento apenas dos pesquisadores responsáveis. Para contato ou esclarecimento de dúvidas, foi disponibilizado o contato dos pesquisadores responsáveis. Vale salientar, mais uma vez, que a elaboração do questionário foi realizada com questões simples e de resposta imediata.

## **1.9 Descrição das medidas de monitoramento da coleta de dados e proteção à confidencialidade**

Os sujeitos tiveram acesso ao e-mail e telefone do pesquisador e serão respondidos prontamente mediante quaisquer dúvidas ou necessidades. Será mantida em sigilo a identidade dos voluntários e as informações coletadas serão de conhecimento apenas dos pesquisadores responsáveis.

## **1.10 Previsão de ressarcimento de gastos, indenização e/ou reparação de danos**

Não há previsão de gasto algum por parte do voluntário que aceitar participar da pesquisa, pois as entrevistas serão realizadas de maneira virtual de acordo com a conveniência do participante. Todo material, utilizado na realização da pesquisa será arcado e providenciado pelo pesquisador. Porém, se houver necessidade de ressarcimento ao participante que tenha algum gasto não previsto, a pesquisador se responsabilizará pelo auxílio, conforme Resolução 466/12.

Nos moldes que a coleta ocorrerá, não houve risco significativo previsível pela participação de quaisquer participantes em responder ao questionário, por consequência, não

há previsão de indenização e/ou reparação de danos. Entretanto, diante da ocorrência de eventuais danos (mesmo os não previstos), o pesquisador disponibilizará auxílio conforme dispõe a Resolução 466/12

### **1.11 Análise dos dados**

Os dados quantitativos obtidos pela aplicação do questionário serão tabulados e distribuídos em gráficos utilizando o Excel® (*Microsoft Office*), usando a versão paga Office 365, para plotagem dos gráficos.

Para a efetuação da análise dos dados qualitativos obtidos através do questionário, utilizou-se a análise de conteúdo, contando também com o auxílio do *software* denominado IRaMuTeq® para análises de conteúdo, lexicometria e análise do discurso.

Para Puglisi (2019), após a apresentação das tabelas é importante elaborar uma análise preliminar dos conteúdos encontrados, essa etapa é importante pois auxiliou lançar um olhar mais contextualizado para os dados obtidos e para construção da síntese conclusiva. Segundo Minayo et al. (2002) a análise dos dados em um primeiro momento deve se ater a organização dos dados encontrados buscando sua categorização e sua organização em temáticas que apresentam paridade a fim de encontrar padrões. Com base nos procedimentos de descrição dos trabalhos, detalhando o seu objetivo, metodologia e por fim os resultados.

Aqueles resultados que apresentam similaridade serão comparados, desse modo, somos capazes de encontrar convergências e divergências entre eles. A exposição deste material será realizada de maneira a otimizar a compreensão, sem o interesse de aprofundar os pormenores aspectos conceituais.

### **1.12 Trâmites do comitê de ética e pesquisa**

O trabalho foi submetido para avaliação no Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos (COEP/UFLA), sobre o número de registro CAAE: 58499722.1.0000.5148, no qual foi emitido parecer consubstanciado resultando em sua aprovação.

### **1.13 Organização e estrutura do trabalho**

Sobre a organização e estrutura do trabalho, este se encontra dividido em quatro capítulos, além desta “Introdução”, que é a seção inicial apresentando ao leitor a ambientalização sobre a temática, propósito e caminhos metodológicos da pesquisa. O capítulo 2 “Referencial teórico: caminhos para compreensão da discussão sobre saúde mental no contexto universitário”, apresenta o referencial teórico usado no trabalho. O capítulo 3 “A produção científica sobre saúde mental e ensino superior: uma revisão bibliográfica”, expõe a pesquisa bibliográfica realizada. O capítulo 4 “Políticas relacionadas a saúde mental ofertadas pelas universidades federais”, tem a finalidade de apresentar as políticas relacionadas a saúde mental de todas as Universidade Federais do Brasil. O Capítulo 5 “Percepções discentes sobre políticas de saúde mental de uma universidade do sul de minas gerais.”, traz os resultados obtidos através da aplicação do instrumento de coleta e a discussão deles. Por fim, as “Considerações finais”, com os principais pontos elencados ao longo do texto, oferecendo uma reflexão final da pesquisa realizada.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO: CAMINHOS PARA COMPREENSÃO DA DISCUSSÃO SOBRE SAÚDE MENTAL NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO**

Este capítulo, intitulado “Referencial Teórico: Caminhos para compreensão da discussão sobre Saúde Mental no contexto Universitário”, objetiva apresentar os principais conceitos que amparam esse estudo, considerando as literaturas que discutem tais compreensões. O referencial teórico, de acordo com Lüdke e André (1986), fornece os alicerces para a construção da pesquisa e entendimento dos principais conceitos a serem estudados. Esperamos com esse capítulo apresentar uma pesquisa aos moldes de um referencial teórico como um caminho para apresentação e compreensão dos conceitos fundamentais à temática em questão.

O Capítulo está organizado e distribuído em subtítulos, sendo eles: Conceitualização sobre Ambiente Universitário; Saúde e Qualidade de Vida; Sofrimento Psíquico; Políticas Públicas em Saúde Mental Universitária; e O psicólogo e o professor no contexto educacional e o professor: desafios e perspectivas. Com essa estrutura temos a intenção de promover uma compreensão sobre o tema de acordo com o referencial teórico que possibilite fundamentar e dar consistência ao estudo. Essa etapa é importante pois serve como embasamento e articulação para a análise e discussão dos dados.

### **2.1 Conceitualização sobre Ambiente Universitário**

De acordo com Osse e Costa (2011), um período significativo na vida de um jovem é a entrada no Ensino Superior que converge para uma etapa de desenvolvimento psicossocial de grandes e significativas mudanças. Ainda segundo os autores, as noções de autonomia e estados de instabilidades são inerentes ao momento, uma vez que a pessoa está em um processo de transição completo. O acesso à instituição de ensino superior configura-se como um momento de transição para o estudante universitário, etapa muito significativa para o desenvolvimento do jovem requerendo adaptação a novos contextos e realidades sociais (PEREIRA et al., 2012).

Segundo Santos (2006) as Instituições de Ensino Superior (IES) detêm a responsabilidade de atuar na facilitação dessa transição. É importante que as instituições de ensino superior promovam uma formação que valorize a promoção e educação para a saúde e bem-estar dos seus alunos (PEREIRA et al. 2012).

Os espaços educacionais não podem ser resumidos apenas como ambientes com foco nos processos de aprendizagem, é preciso que o estudante encontre dimensões que transcendam

a isso (ALMEIDA; NAFFAH NETO, 2021). As universidades se configuram como espaços de promoção e emancipação social através da educação. O contexto universitário apresenta elementos subjetivos como mencionam Almeida, Soares e Ferreira (2014), no qual podemos encontrar os domínios: acadêmico, social, pessoal e vocacional.

Segundo Barbosa e Souza (2012), houve transformações significativas da Psicologia e sua associação a Educação, esses muitos momentos se traduziram na forma como esse conhecimento era empregado, por ocasiões servientes a predileções conservadoras e capitalistas, em outros a predileções revolucionárias e emancipatória. Não queremos reduzir os fenômenos educacionais a questões puramente “psicológicas” para justificar um “insucesso escolar” (ANGELUCCI et al., 2004), mas sim lançar um olhar plural para a temática “saúde mental universitária”. Conforme Moura et al. (2016), salientamos a tentativa de ultrapassar os paradigmas de culpabilização, fragmentação e individualização, quando pensamos o fracasso escolar.

Dentro da perspectiva da Psicologia Escolar e Educacional, segundo Moura et al. (2016), os profissionais que atuam neste campo se constituem tradicionalmente daqueles que atuam na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, porém, é interessante perceber que nos últimos tempos esse campo tem se mostrado fértil e novos olhares de atuação tem surgido, como por outro lado, surgem espaços as políticas públicas educacionais, pós-graduação e o Ensino Superior, trataremos melhor sobre isso no item 2.5.

É neste contexto que a psicologia escolar e educacional tem o desafio de atuar, sendo assim, é importante que as universidades cada vez mais possam construir um olhar voltado não apenas para a formação técnica e teórica, mas também para questões que transcendem as fronteiras dos planos didáticos pedagógicos.

Estudo realizado por Assis e Oliveira (2010), demonstra que um levantamento realizado pela Associação Nacional dos Dirigentes das Intuições Federais de Ensino Superior (ANDIFES), com o intuito de desenhar o quadro de assistência que essas Instituições ofereciam aos universitários, mostrou que em um universo de 40 universidades, apenas 34% das Instituições ofereciam atendimentos referentes à Saúde Mental Universitária.

Apesar de pouco discutida, a Saúde Mental Universitária é uma questão que exige das Instituições de Ensino Superior uma alta demanda, como expõe o estudo realizado por Guzzo e Marinho-Araujo (2011), ao destacarem que dos serviços multiprofissionais ofertados pela universidade, os psicólogos escolares estão dentro da maior procura e demanda. Temos consciência que o contexto universitário suscita consigo fenômenos que intensificam o Sofrimento Psíquico, segundo Graner e Cerqueira (2019), o afastamento parental, sociedade

individualista, precariedade social, precariedade psíquica, demandas sociais referentes ao início e conclusão do curso e poucas perspectivas positivas a respeito do mercado de trabalho, tais fatos atestam a importância do cuidado e escuta qualificados.

Acreditamos que o processo de transição que os discentes passam quando entram no Ambiente Universitário, envolvem variáveis correlatas as tarefas de aprendizagem, realização acadêmica, questões que abrangem a subjetividade, desenvolvimento psicossocial do universitário, variáveis do contexto acadêmico propriamente ditas, como a realização de atividades e provas (ALMEIDA; SOARES; FERREIRA, 2014).

De acordo com Macêdo (2018), a presença dos profissionais capacitados para lidar com questões referentes a saúde mental, dentro do Ambiente Universitário, como aqueles designados a ofertarem suporte aos discentes é um estímulo para que os próprios agucem o anseio por autocuidado, comportamentos que são de extrema importância para a manutenção da Saúde Mental. São justamente esses espaços que muitas Instituições de Ensino Superior carecem. O mesmo autor diz que ao prestar-se a silenciar o sofrimento, o indivíduo contemporâneo recorre a alternativas para vivenciá-los e fazer-se escutado a respeito desse “mal-estar”, por exemplo, o uso desenfreado de álcool e outras drogas, para de alguma maneira comunicar seu Sofrimento Psíquico.

Por isso a importância de se investir em uma capacitação e formação continuada de professores que abrace a multiplicidade e subjetividade meus alunos vigor nisso se enquadra a saúde mental.

## **2.2 Saúde e Qualidade de Vida: Maleabilidade e Cuidado**

Historicamente notamos uma evolução conceitual no que se entende por Saúde e doença, antes essas concepções eram marcadas pela hegemonia do naturalismo e da biologia. Contudo com o passar do tempo foram problematizadas em diferentes áreas do conhecimento.

A Organização Mundial da Saúde (1947) definiu Saúde como condição de inteiro bem-estar que envolvem o âmbito físico, mental e social, não somente a ausência de doenças. Percebemos que a OMS sugere uma definição de Saúde que envolve uma tríade, onde estariam implicados fatores filogenéticos, ontogenéticos e culturais, a Saúde então se daria a partir do “bom funcionamento” destes fatores. A partir desta definição, entende-se Saúde como o “bom andamento” biológico, mental e social do indivíduo, onde ele é livre para exercer, de maneira funcional, aquilo que se propõem. Esse conceito foi revolucionário para os anos 40, entretanto precisamos pensar um pouco sobre. A palavra “completo” necessita ser problematizada, uma

vez que promove a noção de um ideal de “perfeição”, normatividade e normalidade, em todos os âmbitos da vida do indivíduo, nem sempre ou quase nunca, estamos ou nos sentimos “completos” em todas as áreas, e isso não nos torna pessoas “doentes”.

Nos últimos anos tenho trabalhado engajado e intensamente enquanto psicólogo clínico, atendendo às mais variadas demandas e urgências alusivas à Saúde Mental, principalmente de discentes do Ensino Superior. Este fazer clínico é orientado pela psicanálise e tomo a liberdade para expor o conceito de Saúde do pediatra e psicanalista inglês que norteiam meu manejo clínico. Especificamente dentro da Psicologia, em especial, segundo a Escola Britânica de Psicanálise, podemos destacar a visão de Saúde de Winnicott, com sua “ética do cuidado”.

Apesar de ser um clínico, seus conceitos foram aplicados em larga escala dentro da assistência social, amparo a desastres, educação e para a compreensão de Saúde e Qualidade de Vida. Segundo Fulgencio (2008), a rica experiência do psicanalista Britânico nas instituições acolhedoras de crianças, adolescentes e seu fazer pediátrico, ajudaram na compreensão sobre a importância de trabalhar a saúde mental e educação.

Pouco antes de morrer, em janeiro de 1971, Winnicott formula uma nova ética para o manejo do *setting* clínico e ele o faz lembrando que a palavra cura, em sua raiz etimológica, significa cuidado. A cura vem do cuidado, acreditamos que essa visão pode ser aplicada dentro do contexto educacional em especial nas políticas educacionais voltadas a Saúde Mental.

Neste sentido Dias (2010), valendo-se da perspectiva de Winnicott afirma que estar vivo em um sentido puramente biológico não é o suficiente para que uma pessoa tenha saúde, nessa perspectiva temos uma questão ética, reside o valor da vida. Ainda segundo a autora, não nos contentamos apenas com uma vida puramente fisiológica é necessário que nos sintamos vivos e que nossa vida vale a pena ser vivida. Em sua teoria, a saúde é um estado ligado ao processo de amadurecimento, processo este que nunca é acabado, mas contrariamente, permanece ao longo da vida num eterno devir maturacional. Ao vincular a Saúde ao processo de maturação, o autor confere grande flexibilidade aos conceitos de Saúde, já que o desenvolvimento é um processo singular, complexo, variável e neste modo, capaz de criar uma diversidade de soluções adaptativas, explicaremos a seguir a teoria do amadurecimento para esse autor. Destaque-se que para o autor as angústias e dificuldades são inerentes à vida uma vez que ela é difícil, cheia de ambiguidades e dificuldades, mas apesar disso, pode experimentar como uma vida que vale a pena, isso também é ser saudável (FULGENCIO, 2008).

Abrimos espaço, neste momento, para abordar um conceito importante na teoria winnicottiana e conseqüentemente crucial para compreensão de saúde, que é a sua teoria do “amadurecimento psíquico”, o próprio Winnicott destaca que essa seria a “espinha dorsal” de

seu trabalho teórico e clínico. Segundo Dias (2017), pensar e entender essa teoria ajudaria na reflexão, criação de atividades e políticas de prevenção na área de saúde psíquica. Por esse motivo, entendemos que a exposição das linhas gerais desta teoria é interessante, acentuamos que se trata de uma teoria extremamente complexa e lhe caberia um único trabalho apenas para sua explanação, porém, diligenciaremos abordar, de maneira sucinta, apenas a título de conhecimento para o leitor sem a pretensão de esmiuçá-la.

Ao nascer o bebê humano, para Winnicott, é um aglomerado de sensações, ocorrências sensoriais e motoras, localizadas em um corpo, para que possamos vir a ser um indivíduo ele postula que existe uma tendência inata a maturação, contudo, para que isso aconteça, ou seja, que essa tendência atue de maneira auspiciosa, é necessário um ambiente facilitador, para que a maturação ocorra de maneira esperada. Segundo Dias (2017), Winnicott descreve o processo de amadurecimento através de diferentes etapas, conquistas e dificuldades que fazem parte de cada estágio da vida humana. Dias (2008), afirma que o processo de amadurecimento tem início após a concepção e quando o indivíduo é saudável esse processo se dá até a morte. A teoria estaria alicerçada em duas concepções, sendo a primeira a tendência inata ao amadurecimento e em segundo a presença de um ambiente facilitador. Alerta Dias (2008), que a noção que o indivíduo é municiado de uma tendência inata ao amadurecimento direcionando a uma unidade, apesar de ser uma tendência não podemos entendê-la como determinação, uma vez que o ambiente é crucial para esse processo. A maturidade estaria então ligada ao aspecto da saúde.

Winnicott propõe quatro etapas neste processo de amadurecimento, a forma de nomeação delas é significativa e explicativa, a primeira etapa chama-se dependência absoluta, a segunda, dependência relativa, a terceira denomina-se rumo à independência e por fim, independência relativa. Quando pensamos em estágios podemos correr o risco de deduzir que são etapas sequenciais, onde uma se inicia e outra se finaliza, entretanto notabiliza que esse processo não é linear. Segundo Dias (2017), na própria vida existem vários estágios, com suas respectivas tarefas que se justapõem, na teoria de Winnicott, o amadurecimento não pode ser interpretado como sinônimo de progresso pois: “amadurecer inclui a possibilidade de regredir a cada vez que a vida exige descanso, em momentos de sobrecarga e tensão, ou para retomar pontos perdidos” (DIAS, 2017, p. 82).

Sobre as etapas, de acordo com Dias (2017), a dependência absoluta se caracteriza pela experiência do nascimento, onde o bebê precisa do absoluto suporte e apoio do cuidador, em especial da figura materna. A dependência relativa caracteriza-se pela desilusão, início dos processos mentais, estágio da transicionalidade, uso do objeto, “eu sou” e o concernimento. Após isto temos a etapa rumo à independência, que apresenta o estágio edípico, o de latência e

a adolescência. Por último a independência relativa que se dá na adolescência e vida adulta, velhice e a morte. A autora destaca que na velhice acontece o retorno dos aspectos da dependência absoluta ou relativa.

Não podemos pensar o aspecto de amadurecimento estritamente pelo viés biológico uma vez que, conforme ressalta Dias (2017), Winnicott separa amadurecimento pessoal do crescimento puramente corporal, sendo amadurecimento pessoal correlacionado as experiências do viver oportunizadas pelo ambiente facilitador que viabiliza a constituição de uma personalidade unitária, já o segundo que é o aspecto corporal, que consistiria boa parte relacionada a fatores genéticos, contudo mesmo assim, o fator ambiental é decisivo para o desenvolvimento físico.

Ainda sobre Saúde, Canguilhem (2009) descreve Saúde como a capacidade do indivíduo de se manter vivo, a vida em si mesma seria a atividade categórica para se dizer de saúde. Fica claro na obra do autor que o conceito de Saúde Mental é elaborado a partir de um conjunto de critérios orientados por valores, logo, pensar em Saúde como a capacidade de se manter vivo e atuante é interessante, considerando que estar apenas vivo não é estar saudável. A manutenção biológica do indivíduo não pode ser entendida apenas como único critério de Saúde, espera-se que o indivíduo esteja também em condições de relacionar-se com o seu meio.

Para Rodrigues e Peixoto Junior (2014), a noção de plasticidade no processo de amadurecimento e conseqüentemente a noção de Saúde de Winnicott e Canguilhem resultam em uma maleabilidade no conceito. Neste sentido, a Saúde é posta como um estado ligado a concepção de movimento e de criação, se afastando daquelas teorias que trazem o conceito de maneira engessada, rígida e dogmática. Ainda segundo os autores, de acordo com essa concepção, ter a capacidade de confiar, sentir-se livre para exercer sua personalidade, uma vida psíquica recheada de sentido, significado, boas relações interpessoais, consumir e usufruir de aspectos culturais, fazem parte do arcabouço da teoria winnicottiana para refletir o indivíduo saudável.

Dialogando com os estudos de Osse e Costa (2011), que destacam que é certo que toda a fase de desenvolvimento traz consigo riscos, mas somado a eles há também a capacidade e a oportunidade para o maior amadurecimento e conseqüentemente uma maior autonomia. Disso podemos entender sobre essa perspectiva que é saúde significa a “continuidade de ser”. Nesse sentido, a palavra ser estaria ligada a uma tendência inata a integração e amadurecimento (FULGENCIO, 2008). Esses também são aspectos de Saúde. Em síntese, para Winnicott e Canguilhem, Saúde não é a simples ausência de doenças ou um conceito fixo, mas sobretudo a maneira que encaramos e nos relacionamos com a vida.

Com o exposto, percebemos que o conceito de saúde envolve também outros âmbitos do nosso viver e existir em um deles é a Qualidade de Vida. De acordo com o Grupo de Qualidade de Vida da OMS, podemos conceitualizar Qualidade de Vida como a percepção que uma pessoa tem em relação à sua posição na vida, imersa em um contexto cultural e os seus sistemas de valores aos quais estão inseridos e se relacionam com seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações (WHOQOL, 1994). Acreditamos que Qualidade de Vida e Saúde Mental são aspectos que caminham juntos, tal como observam Pereira, Teixeira e Santos (2012), conceitualizar Qualidade de Vida é um desafio, uma vez que existem várias compreensões por se tratar de um termo subjetivo. Além disso, segundo o mesmo grupo a Qualidade de Vida transcende a objetividade de condições ideais de vida (WHOQOL Group, 1995).

Algum tempo depois a Organização Mundial da Saúde (1998), afirmou que a Qualidade de Vida de uma pessoa parte de sua percepção relativa à satisfação de suas necessidades ou quando são suspensas as probabilidades de conquistar felicidade, autorrealização, independência social, econômica e de saúde física.

Segundo Pereira et al. (2012), a Qualidade de Vida perpassa por vários âmbitos, inclusive não podemos desconsiderar a sua dimensão ética. Alguns estudos abordam Qualidade de Vida como sinônimo de Saúde, felicidade e satisfação pessoal, alguns autores definem como condições de vida, outros como um estilo de vida.

Diante disso, a Pereira et al. (2012) apontam que a Qualidade de Vida deve ser compreendida e pensada a partir da percepção individual de cada um. Por isso a importância de pensar a percepção dos discentes a respeito das políticas educacionais em saúde mental universitária. Osse e Costa (2011) alertam que é imprescindível tomar conhecimento a respeito da Qualidade de Vida dos estudantes universitários, de maneira integral abarcando todo o contexto ao qual estão inseridos, assim como as variáveis de desenvolvimento social, psicológico, mudanças e adaptações da sua etapa de vida, legitimando e dando voz as suas opiniões e vivências.

O que podemos depreender destas várias tentativas de conceitualizar um tema tão complexo quanto Qualidade de Vida é que os conceitos mais robustos e utilizados são aqueles que de alguma maneira conseguem abraçar a pluralidade, que segundo Pereira, Teixeira e Santos (2012), se nomeia como holísticas ou abordagens gerais. O conceito de qualidade de vida é amplo, fruto de uma produção cultural ao passo que também tem um sentido subjetivo e pessoal para cada pessoa configurando-se como um movimento dialético.

### 2.3 Sofrimento psíquico: Convergências e Unificações

A fim de delimitarmos nosso entendimento iremos abordar determinadas terminologias empregadas para pensar a “falta de saúde mental”, para isso iremos expor de maneira sucinta alguns estudos e definições conceituais. Quando lidamos com esses construtos esbarramos na subjetividade e singularidade de cada fenômeno, esse aspecto não pode ser desconsiderado ou negligenciado, principalmente quando o que se está em jogo é a saúde das pessoas no contexto educacional, reivindicando visões mais amplas com a capacidade de compreender todas as suas dimensões.

Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005b) mencionam que há diversas questões conceituais e metodológicas que envolvem a categorização e o diagnóstico dos distúrbios não psicóticos. Muitos são os sinais e sintomas destas condições psicológicas, principalmente quando pensamos a depressão e a ansiedade, no qual os quadros sintomatológicos se misturam e muitas vezes a sua identificação se confunde. Segundo os mesmos autores supracitados, muitos estudos têm optado por utilizar categorias diagnósticas mais amplas, estabelecendo por Morbidade Psiquiátrica Menor Transtornos Mentais Comuns e Problemas Psiquiátricos Menores.

Somando-se a isso, Cerqueira e Lima (2014) apontam que outros estudos têm mostrado que as categorias nosológicas psiquiátricas não tem sido insuficientes para o diagnóstico extra contexto psiquiátrico, neste sentido o Transtorno Psiquiátrico Comum coloca-se útil, uma vez que abarca as formas inespecíficas de sofrimento psíquico. Mari e Williams (1986), destacam o conceito de “Distúrbio Psiquiátrico Menor” (DPM) podendo ser entendido como os fenômenos psíquicos de mal-estar, sendo esses inespecíficos, causando repercussão fisiológica e podendo acarretar limitações. Notamos que nesta perspectiva, o Sofrimento Psíquico acarreta um prejuízo para o indivíduo, podendo limitá-lo em suas funções, sejam sociais, acadêmicas ou profissionais. O conceito de DPM é importante na medida que nos fornece a capacidade de identificarmos os sujeitos através de seu nível de sofrimento psíquico, antes da instauração dos transtornos mentais conhecidos e graves (HORTA; HORTA; HORTA, 2012).

Os transtornos mentais comuns denotam Sofrimento Psíquico e são habitualmente encontrados na população (SILVA; CERQUEIRA; LIMA, 2014). Segundo Graner e Cerqueira (2019), os Transtornos Mentais Comuns se definem por sintomas combinados de depressão e ansiedade, dentro deste quadro sintomatológico temos como marca os quadros de insônia, fadiga, irritabilidade, esquecimento, dificuldade de concentração e aspectos somáticos.

Osse e Costa (2011) destacam que a forma que manejamos experiências da infância e ao longo da vida influenciam diretamente sobre a maneira que lidamos com as demandas dentro

do ambiente acadêmico. Corroborando esse entendimento, percebemos ao longo do trabalho que muitas pessoas já chegam dentro do ambiente acadêmico com algum tipo de Sofrimento Psíquico. Graner e Cerqueira (2019), mostram que aproximadamente, 30% dos adultos brasileiros apresentaram Transtorno Mental Comum. Silva, Cerqueira e Lima (2014) afirmam que outros estudos apontam que a prevalência de Transtorno Menor Comum no Brasil tem variado de 20 a 44%.

Estudos indicam que as vivências dentro do contexto acadêmico interferem de alguma maneira na saúde mental dos estudantes universitários, isso faz com que essa população se enquadre em grupo vulnerável e de risco para os seguintes quadros sintomatológicos: ansiedade, depressão e uso de drogas (DA SILVA et al., 2021).

Hahn, Ferraz e Giglio (2020) salientam que o contexto universitário requer do discente um movimento interno com elevada tensão psíquica. Segundo Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005b), estatísticas apontam que os resultados de estudos sobre discentes universitários obtiveram a uma prevalência de 14% a 19% de questões de ordem psicológica que surgiram em algum momento da vida acadêmica, dentre essa quantia, em um quarto dos alunos diagnosticados com algum tipo de doença psiquiátrica procurou serviços de atendimento relativos à Saúde Mental.

Ainda para Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005b), a ocorrência do Sofrimento Psíquico expõe uma tendência de ser mais elevada em cursos de graduação onde o foco maior está na subjetividade do homem e o seu modo de ser. Para Graner e Cerqueira (2019), ao analisarem a população universitária Brasileira, encontramos principalmente na área da saúde, que os estudos mostram uma variação de 18,5% a 44,9% de Transtorno Mental Comum.

Graner e Cerqueira (2019), constataram em seus trabalhos que os fatores que mais correlacionam ao Sofrimento Psíquico entre os universitários são os aspectos acadêmicos, especificamente a série do curso e a principalmente a percepção negativa do ambiente acadêmico que são fatores de risco. Os hábitos prejudiciais à saúde e os problemas de saúde dos universitários também se relacionam frequência de Transtornos Menores Comuns. Ainda segundo os autores os estudantes universitários que contam com uma rede de apoio social apresentam menor Sofrimento Psíquico.

Pesquisas de metodologia longitudinais ao se proporem a estudar as associações entre as experiências de vida na infância e a Saúde Mental mostram que há uma correlação positiva para ocorrência de transtornos de humor, ansiedade e tendência à exposição a experiências estressoras durante a adolescência e início da vida adulta. Em outras palavras, segundo os autores, podemos concluir que a nossa Saúde Mental é impactada pelas experiências negativas

vividas durante toda a vida. Para Osse e Costa (2011), havendo uma alta correlação com a presença de psicopatologias e distúrbios de comportamento. Graner e Cerqueira (2019) concluíram que os fatores da vida acadêmica e relações sociais são aquelas que mais apresentaram associação a presença de sofrimento psíquico na população universitária.

O entendimento destes termos é importante, uma vez que quando identificados poderão ser mediados, quando isso não é possível prejuízos podem ocorrer na vida do indivíduo (SILVA; CERQUEIRA; LIMA, 2014). De modo a organizar a discussão entendimento a partir de agora nesse trabalho adotaremos os termos: Sofrimento Psíquico e Transtorno Mental Comum.

#### **2.4 Políticas de Assistência em Saúde Mental Universitária**

Pensar saúde mental universitária dentro do contexto educacional perpassa diretamente aos movimentos das instituições para abraçar e atender as demandas postas, para isso, as Políticas Públicas são essenciais. Segundo Souza (2006), não existe uma unanimidade conceitual no que diz respeito há uma definição de “políticas públicas”, sendo essa uma temática complexa. Contudo, a mesma autora faz o trabalho de sintetizar o conceito quando diz que podemos entendê-las como um campo do conhecimento que busca promover análises e ações para resolução de problemas sociais específicos, requerendo quando pertinente a renovação destas ações dentro de uma plataforma democrática.

Hahn, Ferraz e Giglio (2020), realizaram um levantamento bibliográfico sobre o histórico da temática da Saúde Mental Universitária ao longo do século XX, e com isso afirmam que em meados dos anos 1950, a questão da Saúde Mental Universitária, começou a ser discutida e os primeiros estudos surgiram no âmbito nacional.

De acordo com Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005) a propagação de serviços relativos a Saúde Mental dentro do contexto educacional ocorreu depois da organização e realização da primeira Conferência Internacional sobre Saúde Mental Estudantil, que foi promovida pela Federação Mundial de Saúde Mental em parceria com a Associação Internacional de Universidades, acontecendo no ano de 1956 em New Jersey, Estados Unidos. O evento contou com a participação de representantes de vários países e teve como objetivo estabelecer uma comunicação entre pesquisadores e profissionais de diferentes países e instituições educacionais a fim de construir juntos programas que serviriam como parâmetro, sendo replicado as universidades de todos os outros países.

Segundo Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005), os programas de atenção à Saúde Mental Universitária propiciam a identificação e manejo de distúrbios de ordem psicológica e psiquiátrica, ademais, os dados e experiências dessas iniciativas podem ser utilizados para o aperfeiçoamento e estruturação da Instituição de Ensino Superior na assistência aos estudantes. Santos (2006) alerta que o acolhimento e escutas as questões que perpassam pelos sofrimentos, angústias e expectativas do estudante universitário é uma demanda que a instituição de ensino superior deve se atentar a atender.

Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005), ao pontuarem situações de estudos que retratam a Saúde Mental Universitária, destacam os trabalhos de Galdino Loreto, Fortes e Albuquerque, que foram pioneiros nos estudos, salientam a preocupação da imprescindibilidade da assistência institucional a essa população. Hahn, Ferraz e Giglio (2020), apresentam entendimento semelhante quando afirmam que é necessária a criação de ações de promoção e prevenção em Saúde Mental no contexto educacional. Ainda Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005b), apontam para a necessidade da criação de projetos político-pedagógicos que tenham como preocupação primária o bem-estar da população universitária, diagnóstico e tratamento precoce de condições de Sofrimento Psíquico.

Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005), destacam o primeiro estudo publicado por Clement Fry e Edna Rostow, resultados das observações da Universidade de Yale, outros estudos vêm sendo realizados com o olhar para essa temática. Os mesmos autores, valendo-se das publicações de Reifler et al. e Loreto, salientam que foi no início do século vinte, nos Estados Unidos, que foi validado que a população de discentes enfrentam um momento naturalmente complexo psicologicamente ao entrar no ambiente educacional de uma Instituição de Ensino Superior, e que cabem a essas últimas a responsabilidade de prestar-lhes auxílio no que concerne a essa área.

Hahn, Ferraz e Giglio (2020), ao apresentarem um percurso histórico pelas iniciativas nacionais de criação de programas de assistência voltados para a Qualidade de Vida e Saúde Mental dos estudantes no âmbito nacional, mostram que o primeiro serviço de higiene Mental e Psicologia Clínica foi criado em 1957 na Faculdade de Medicina da Universidade de Recife. Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005), citando os estudos de Loreto (1985), apontam que o Serviço de Saúde Mental Escolar foi criado em São Paulo, na Escola Paulista de Medicina, em 1965. As universidades federais do Rio Grande do Sul, de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, em meados de 1960, instalaram seus Serviços de Saúde Mental voltadas a população de discentes universitários. Em 1987, foi inaugurado o Serviço de Atendimento Psicológico e Psiquiátrico ao Estudante na Universidade Estadual de Campinas.

Segundo Hahn, Ferraz e Giglio (2020), os trabalhos encontrados ao longo do século XX variam entre trabalhos investigativos dos discentes de determinado curso específico, mas não há uma diferenciação de cursos ou áreas sendo as análises feitas de maneira conjunta, enquanto a procura de serviços de saúde mental oferecidos pela instituição, seus sinais e sintomas, há também estudos de caráter epidemiológico, entretanto o que se destaca é que grande maioria diz respeito ao curso de medicina.

Essas primeiras iniciativas de estudos e análises da temática da saúde mental universitária foram de suma importância uma vez que inauguram também uma nova maneira de se olhar a população dos discentes universitários, trazendo consigo um olhar mais humanizado e cuidadoso para com a qualidade de vida do discente e conseqüentemente para a sua saúde mental, colocando a instituição de ensino superior como aquela que pode desenvolver ações para a promoção e prevenção em saúde mental.

Segundo Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005), tem crescido o número de instituições de ensino superior sensíveis a temática, zelosas para o estudo e criação de programas nas universidades públicas do Brasil, verifica-se que os Programas de Saúde Mental Estudantil, surgidos nos Estados Unidos no início do século XX, atualmente se encontram semeado nas universidades de vários países. A partir de então, é crescente o número de estudos voltados para essas demandas e Instituições de Ensino Superior, preocupadas com a questão da saúde mental do estudante universitário apresenta como produto a criação de vários programas que têm sido implantados nas universidades públicas brasileiras.

Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005) destacam que, mesmo a temática relativa a Saúde Mental e os programas de assistência das instituições de Ensino Superior, no Brasil os estudos e publicações sobre o assunto são reduzidos. Os mesmos autores mostram que em uma revisão da literatura dos estudos nacionais a respeito da pesquisa dos índices de utilização dos serviços em Saúde Mental, publicados no período de 1958 a 2004, foi encontrado apenas 15 estudos: Loreto, com 6 trabalhos, Lucena e Loreto, Abdo e Fortes, Fortes e Abdo, Abdo, Fernandez e Rodrigues, Hahn, Millan e Noto et al. com um trabalho respectivamente.

Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005) afirmam que os estudos mostram a urgência de pesquisas e aprofundamentos sobre qual seria de fato o papel das Instituições de Ensino Superior no que tange ao manejo das situações voltadas para a Qualidade de Vida e Saúde Mental dentro do contexto universitário. Osse e Costa (2011) afirmam que há compreensão dessa população e a sensibilidade as suas demandas e dificuldades fornecem aspectos basilares para a gênese do planejamento adequado para possíveis ações interventivas.

Segundo Graner e Cerqueira (2019), no contexto universitário as pautas emocionais como dificuldades e superação não são discutidas dentro de sala e também não fazem parte da grade curricular dos cursos de ensino superior. Quando pensamos as literaturas científicas publicadas a âmbito nacional, percebemos que ainda é limitado o número de estudos sobre Saúde Mental Universitária (CERCHIARI, 2005; PERES; SANTOS; COELHO, 2003), tal como ressaltam Peres, Santos e Coelho, (2003), os programas que prestam serviço psicológico voltados exclusivamente para os estudantes universitários, como por exemplo as clínicas escolas, ainda são muito pouco explorados no cenário nacional.

O Sofrimento Psíquico que emerge durante as vivências universitárias exige das instituições de ensino políticas públicas educacionais de apoio psicológico, tal iniciativa visaria minimizar a sintomatologia depressiva, ansiogênica, ideação suicida e problemas interpessoais (MORO; VALLE; LIMA, 2005). Promover ambientes de suporte social incentivo a estilos de vida saudáveis são extremamente necessários para a população universitária (PEREIRA et al., 2012).

Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005), afirmam que esses programas de suporte podem prevenir que os sinais e sintomas de sofrimento psíquico se tornem mais atenuados criando assim estratégias de enfrentamento para tais situações gerando assim menos danos à saúde e conseqüentemente uma maior Qualidade de Vida para os discentes dentro do contexto educacional das instituições de ensino superior. Para isso, estratégias precisam ser criadas para que haja um estímulo a maior interação entre os estudantes universitários (SILVA; CERQUEIRA; LIMA, 2014). Dando força a essa noção, Graner e Cerqueira (2019) também destacam a importância do planejamento de intervenções voltadas para o bem-estar e vivências positivas no ambiente acadêmico.

Somando a essa ideia, em uma tentativa de prevenir o acarretamento de prejuízos na saúde mental os estudantes universitários são importantes que as instituições de ensino superior desenvolvam estratégias de enfrentamento para que esses estudantes possam concluir os seus cursos (DA SILVA et al., 2021).

De acordo com Santos (2006) é importante que dentro do contexto de educação superior haja a criação de espaços que tenham como objetivo a integração do estudante para que esse possa trilhar o teu caminho acadêmico com maior qualidade de vida, essa deve ser uma atenção permanente das universidades se importando com todas as dimensões das qualidades de vida e conseqüentemente saúde mental dos estudantes. Aliando-se a essa ideia, a criação de novas propostas pedagógicas que tem como objetivo incentivar processos interativos de aprendizagem podem ser importantes ferramentas que auxiliam na prevenção e cuidado na atenuação da

prevalência de sofrimento Psíquico (SILVA; CERQUEIRA; LIMA, 2014). Algumas estratégias, como a implementação de estruturas de aconselhamento psicológico, podem ser de grande valia (PEREIRA et al., 2012).

A atenção em Saúde Mental no cenário nacional acontece, em sua grande maioria, em serviços especializados e não em serviços comunitários (LIMA et al., 2008). A criação de espaços comunitários dentro do contexto universitário para que temáticas e pautas relativas à saúde mental sejam postas é necessário, como por exemplo, rodas de conversas, mesas de debate ou fóruns de discussão. Existe uma carência em se entender o espaço educacional como lugar de atenção as singularidades e acolhimento (ALMEIDA; NAFFAH NETO, 2021).

Lançando um olhar, especificamente, para uma Universidade Federal do Sul do estado de Minas Gerais, instituição que em 2022 completou 114 anos, conta com 32 departamentos em diferentes áreas do conhecimento organizadas em 8 unidades acadêmicas, com número estimados de 12 mil discentes matriculados em cursos de graduação, distribuídos em 35 cursos. Já na pós-graduação, totalizam uma média de 2.200 discentes, matriculados em 32 cursos de mestrado, 22 de doutorado e 13 cursos em nível de especialização Lato-Sensu.

A Instituição de Ensino Superior referenciada anteriormente, no que diz respeito a atenção a Saúde Mental Universitária, conta com o Núcleo de Saúde Mental (NSM), anexado a Coordenadoria de Saúde da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários (PRAEC). O NSM constitui-se como um local ofertado a comunidade acadêmica com ações orientadas à promoção de saúde mental, melhoria da qualidade de vida e acolhimento das demandas referentes ao sofrimento psíquico. Os serviços estão disponíveis para qualquer discente da graduação e pós-graduação que queiram usufruir dos atendimentos, sendo eles; acolhimento psicológico, atendimento psiquiátrico, acolhimento de enfermagem, orientação farmacêutica, oficinas temáticas e rodas de conversa. Salientamos que no capítulo 4 especificamente no item 4.4 haverá uma descrição detalhada de cada serviço, bem como um fluxograma detalhado de acesso aos serviços.

Segundo o site do núcleo, a equipe é composta por três psicólogos e dois médicos psiquiatras. Foi solicitado a PRAEC o número de atendimentos realizados pelo NSM nos últimos três anos, em resposta, obtivemos os seguintes números: em 2019 foram realizados 2796 atendimentos, seguidos de 2021 com 2163, seguidos de 2022 (data da coleta: 20/06/2022) com 1181 atendimentos até o momento.

Acreditamos que a escassez de estudos e conseqüentemente de políticas educacionais voltadas para a Saúde Mental de maneira geral, refletem uma dimensão muito maior quando

pensamos que ainda há um certo descaso e desleixo com a temática pelos órgãos governamentais.

Reconhecemos que não podemos depositar unicamente na universidade o fardo da responsabilidade por ocasionar o Sofrimento Psíquico dos estudantes, uma vez que segundo Osse e Costa (2011), ser estudante universitário não é um risco em si mesmo. Desse modo, propormos pensar a saúde mental universitária como uma temática da ordem de uma política pública educacional.

## **2.5 O psicólogo no contexto educacional e o professor: desafios e perspectivas**

O Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), na modalidade de Mestrado Profissional da Universidade Federal de Lavras (UFLA), foi criado no ano de 2011, durante a formação o percurso formativo do discente de pós-graduação considera as perspectivas sociais e tem como objetivo geral a qualificação de professores para a atuação profissional avançada e transformadora. Recapitulamos que esse trabalho é fruto da linha de pesquisa 2: “desenvolvimento profissional docente, práticas pedagógicas e inovações”, recaindo sobre si a responsabilidade de investigar os processos de desenvolvimento profissional do docente, em especial as práticas pedagógicas e inovação abrangendo o âmbito das políticas públicas educacionais. Por essa razão não poderíamos deixar de dar magnitude a tal temática, entendemos que as políticas públicas educacionais referentes à saúde mental dentro da universidade são pertinentes para a formação do professor e para equipar os profissionais que lidaram com o tema.

Estamos envoltos a uma nova configuração de vida e relacionamentos, a questão pandêmica impôs desafios para todas as esferas de nossa sociedade. Com a educação não seria diferente, com todas as questões e medidas de profilaxia legitimamente instituídas para evitar proliferação viral, resultou com que aulas outrora presenciais passassem a ser realizadas de maneira emergencial remota por um período. Atualmente apesar de oficialmente para a OMS ainda estarmos em um cenário pandêmico, graças a vacinação, o número de infecções diminuiu consideravelmente o que oportunizou o retorno das atividades presenciais.

Trouxemos esse recorte inicial apenas como uma pequena demonstração de um dos muitos desafios postos no cenário educacional contemporâneo, mas acreditamos que nossa luta antecede a situação pandêmica, tais questões desafiam o trabalho docente, Bzuneck (1999), entende que os professores devem estar preparados para lidar com graus de incertezas e complexidades. A mercantilização da educação é um processo que se desenrola historicamente,

a perspectiva neoliberal impõe as instituições de educação que em tese deveriam atuar como espaços de promoção e emancipação social se metamorfoseiem como “empresas”, essas, muitas vezes se sentem pressionadas a responderem demandas de mercado em detrimento das demandas educacionais e, portanto, sociais. Zavadski e Facci (2012), afirmaram que, por vezes, o psicólogo é orientado dentro de uma perspectiva baseada em uma sociedade de consumo, nesse sentido, nem sempre esse profissional compreende e exerce uma visão crítica a respeito da realidade. O professor neste prisma é considerado apenas como um reprodutor de competências, mas na verdade compactuamos com a perspectiva que “a tarefa primordial do professor é seduzir o aluno para que ele deseje e, desejando, aprenda.” (ALVEZ, 2002, p.3). Ainda sobre isso, a perspectiva mercantilista, segundo Zavadski e Facci (2012), afeta a formação do professor uma vez que o transforma em um atendente e o aluno em um cliente, ou seja, basta a formação de pessoas produtivas alienadas a um sistema socioeconômico.

A dimensão humana da educação cada vez mais tem sido suprimida pelos ideais neoliberais. Para Nóvoa (2015), em um processo de produção científica é imprescindível que também tenhamos contato com o outro e assim possamos construir pontes que transcendam o produto científico. Nesse sentido, acreditamos que a educação envolve relação, mas não apenas uma relação cientista e pesquisador, aluno e professor, estamos dizendo de uma dimensão que transcende as perspectivas metodológicas e científicas, estamos dizendo da dimensão humana. Zavadski e Facci (2012) argumentam que as formações docentes mais efetivas são aquelas que se originam de processos continuados que abraçaram múltiplos elementos, costurando vários saberes da docência. Para nós, a Saúde Mental estaria contemplada nesta compreensão, posto que a dimensão humana é indispensável nos processos educativos, sem embargo, consideramos o conhecimento técnico e teórico igualmente cruciais para a formação continuada de professores.

Com a implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei de número 9.394/96, se deu sustento ao movimento reformista na formação inicial de professores. Uma das consequências desta lei foi a discussão e reflexão sobre a função da psicologia escolar e educacional nos cursos de formação docente.

A título de ilustração, retomando os desafios que a pandemia trouxe, impondo, por exemplo, o ensino emergencial remoto, muitos professores tiveram que se adaptar e se reinventar neste novo paradigma, muitos sem a devida capacitação e formação para tal. Esse desafio conseqüentemente motivou e motiva a reflexão sobre várias temáticas, por exemplo, o domínio de questões que tangenciam a tecnologia foi importante para que as aulas fossem ministradas na modalidade remota. Quando um aluno dentro do contexto de sala de aula

apresenta sinais e sintomas de sofrimento psíquico o professor poderia estar equipado de conhecimento para saber como efetuar um suporte inicial e conseqüentemente o encaminhamento do aluno para os profissionais ou órgãos institucionais competentes dentro das políticas educacionais orientadas para Saúde Mental. Esses fatos demonstram como a formação continuada do professor é essencial para uma educação que se presta a ser cada vez mais emancipatória e excelente.

Zavadski e Facci (2012), compreendem a instituição de ensino superior como uma comunidade educativa que tem como intuito a formação emancipatória. Acreditamos que questões que concernem à Saúde Mental, em especial, a Saúde Mental Universitária é um ponto que deve ser explorado dentro da formação de professores. Segundo Mazzeu (1998), a docência está relacionada a um fazer humanizado quem envolve a ampliação da autonomia do educador, que deve apropriar de habilidades culturais existentes e conhecimentos que podem salvaguardar os alunos o aprendizado eficaz. Em consonância com essa postura, Almeida e Azzi (2007), afirmam que, quando se articula dialeticamente esses conhecimentos, entendendo que a contribuição da psicologia deve transcender ações técnicas, podemos atingir uma visão mais humanizada da educação e conseqüentemente da formação de professores e o papel do psicólogo. Para Mazzeu (1998) a humanização implica pensar as relações educacionais de forma mais ampla, abrangendo outras instâncias da prática social e não apenas questões tão somente teóricas e técnicas. Para Tanamachi e Meira (2003), uma das mais importantes áreas de atuação que diz respeito a intervenção do psicólogo está relacionada em como a psicologia poderia contribuir para que a escola cumpra a sua função social. Neste segmento acreditamos que a Psicologia Escolar e Educacional pode cooperar para os processos educativos e formação de professores.

Para isso, antes vamos entender de maneira sucinta o papel que o psicólogo operou historicamente dentro das instituições de educação no mundo. Nos primórdios da Psicologia enquanto ciência e profissão havia um grande esforço para atingir o status de ciência aos moldes “positivistas”, em um primeiro momento, esse esforço é justificável, pois a Psicologia ainda estava em fases de estruturação científica, para isso, se ocupou de estudos iniciais sobre a percepção e o comportamento, esses estudos preambulares, alguns realizados com animais, tinham muito mais uma função neurofisiológica do que estritamente psicológica dentro de uma perspectiva sócio-histórica, esse início foi muito importante para validação da psicologia enquanto ciência e conseqüentemente o ganho de notoriedade para a comunidade acadêmica mundial.

No que diz respeito à psicologia escolar e educacional, em sua gênese não foi diferente, é importante compreender o porquê se existiu essa visão em perspectiva, discorrendo sobre essa temática, Bzuneck (1999) afirma que, anteriormente, dentro do cenário acadêmico sucedia uma ênfase na pesquisa psicológica em detrimento aos aspectos educacionais, existia um apreço para as questões educacionais, mas não no que se referia à formação de professores. Ainda segundo o autor, a inquietação por atingir um status entre comunidade acadêmica e outras disciplinas os pesquisadores se ocuparam mais no laboratório e não na sala de aula.

Na atualidade, o que se espera do psicólogo dentro do contexto educacional é a superação de paradigmas mercantilistas. Para Tanamachi e Meira (2003), a definição de um psicólogo escolar é o seu comprometimento teórico e prático em relação a escola. No tocante a essa questão, Almeida e Azzi (2007) salientam que não se busca certificar uma utilidade para aos conhecimentos psicológicos, contudo, a tarefa estaria em dar um outro sentido e significado ao emprego deles na prática educativa. Amplificando a discussão Tanamachi e Meira (2003) não entendem o psicólogo como um simples solucionador de problemas ou disseminador de teorias psicológicas, mas aquele que dentro dos limites e especialidades pode somar forças junto à escola na desobstrução de questões que impedem os sujeitos se tornarem cidadãos através das práticas educativas que fomentam a humanização e a capacidade de pensamento crítico. Para Almeida e Azzi (2007) é necessário haver uma aproximação e diálogo para que se estabeleça uma ponte de conhecimento alinhada ao projeto curricular dos cursos de formação de professores para esclarecer as reais intenções da psicologia na formação de professores.

Sabemos da profundidade desta temática, assim como afirmam Zavadski e Facci (2012), o trabalho do psicólogo na educação básica é por muitas vezes embaraçado e pouco claro, quando lançamos esse olhar ao Ensino Superior a situação se complexibiliza. Reforçando essa ideia, Almeida e Azzi (2007) afirmam que não existem certezas a respeito das possibilidades da atuação da psicologia na formação de professores. Para Tanamachi e Meira (2003), a partir do embasamento os pressupostos da pedagogia histórico crítica e da psicologia sócio-histórica, a função do psicólogo dentro de uma instituição de ensino, seja escolas de educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, projetos educacionais anexados a instituições públicas ou privadas e até as universidades, é o de proporcionar o encontro entre os sujeitos e a educação com a intenção primordial de fomentar um processo educacional qualificado, a socialização do conhecimento historicamente acumulado a fim de promover uma formação ética e política dos alunos. Para Zavadski e Facci (2012), a formação de professores no ensino superior é baseada por uma política onde o governo direciona parâmetros de qualidade e a instituição de ensino superior seleciona e desenvolve as políticas de capacitação do docente voltadas a suprir tais

parâmetros, segundo o autor, diante disso não há muito espaço para compreensão e reflexão do próprio trabalho docente, aí também é um campo de atuação do psicólogo escolar a contribuição de formação de professores.

Segundo De Oliveira e Marinho-Araújo (2009), dentro das instituições de ensino superior, a psicologia escolar já é existente, mas o profissional em psicologia inserido neste contexto em sua grande maioria, está dentro dos serviços que atendem exclusivamente os discentes. Essa narrativa como já trouxemos anteriormente nas políticas educacionais oferecidas pelas Universidades Federais do Brasil, onde a maioria dos serviços se concentram nas pró-reitorias de assistência estudantil.

Alguns desafios se estabelecem, Zavadski e Facci (2012), militam a respeito da atuação do psicólogo no ensino superior na formação de professores que promova a instrumentalização acerca do processo de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos levando o professor a compreender as suas possibilidades e importância do seu trabalho para o processo de humanização dos alunos. Para Almeida e Azzi (2007) a colaboração da psicologia da educação na formação de professores é vista pelos próprios professores apenas como forma de fomento a fundamentos teóricos que dizem respeito ao desenvolvimento e aprendizado do discente. Nesta mesma linha, Zavadski e Facci (2012) afirmam que os estudantes muitas vezes chegam com demandas ligadas ao processo de ensino aprendizagem comumente encaminhados pelos professores. Os alunos então seriam direcionados aos serviços de atenção à saúde mental apenas quando não aprendem?

Almeida e Azzi (2007), afirmam que, segundo as falas dos professores, a prática docente precisa estar alicerçada no conhecimento do aluno como sujeito da aprendizagem, para os professores é importante conhecer o desenvolvimento humano e compreender como o aluno aprende. Pesquisa realizada por Zavadski e Facci (2012), mostra que os professores conferem três frentes de atuação ao psicólogo, essas frentes poderiam ser descritas na atuação do psicólogo com os próprios professores, com os acadêmicos e com a instituição; na pesquisa os professores responderam que o trabalho do psicólogo está ligado a auxiliar o professor em diversos contextos, atrelando o trabalho do psicólogo a criação de estratégias de ensino e para o entendimento das dificuldades de ensino aprendizagem dos alunos e as questões relativas às relações entre aluno e professor.

Diante o exposto, algumas propostas e caminhos se estabelecem, dentro da formação de professores o psicólogo poderia auxiliar na construção da identidade docente, para Zavadski e Facci (2012) existe uma escassez de disciplinas que abordam o conhecimento e a construção do percurso de significado do trabalho docente. Para Tanamachi e Meira (2003), os

conhecimentos oriundos da psicologia podem somar forças na elaboração de propostas que resultem no processo de ensino e aprendizagem, mas para que isso ocorra de maneira efetiva esse profissional que opera com a psicologia deve compreender e dominar os referenciais a psicologia e também da educação. Almeida e Azzi (2007) afirmam a partir das falas dos professores, que a prática docente precisa estar alicerçada no conhecimento do aluno como sujeito da aprendizagem, para os professores é importante conhecer o desenvolvimento humano e compreender como o aluno aprende.

A formação adequada de professores é aquela que acontece de forma sólida, aprofundada, significativa e contextualizada, pois dessa forma o professor se torna capaz exercer sua função com qualidade. Contudo, alguns desafios se estabelecem, para Zavadski e Facci (2012) é preciso pôr abaixo muros e transcender as visões institucionais que conferem o psicólogo, dentro do ensino superior, unicamente para uma atuação clínica, resolvendo os problemas dos alunos, inadequações em relação entre professor e aluno, dentro da formação de professor pensar o psicólogo implica também trabalhar em um nível institucional, buscando envolver o contexto escolar todos para que haja uma compreensão do fracasso escolar decorrente de condições histórico sociais.

O psicólogo poderia ser um instrumento dentro da equipe multidisciplinar para a criação e implementação de políticas públicas voltadas a saúde mental no contexto de sala de aula. Significa dizer que as propostas de formação de professores precisam disponibilizar e articular múltiplos saberes e fazeres necessários para responder com qualidade e de forma efetiva às demandas do cotidiano, Zavadski e Facci (2012) defendem que atuação do psicólogo para além da formação de professores pode ser amplificada a níveis institucionais o que diz respeito a confecção de diretrizes para formação universitária assim ampliando o seu trabalho de colaboração no sentido de criação de políticas educacionais. Os mesmos autores sugerem que a atuação do psicólogo que possa abranger dimensões como a gestão de políticas públicas, programas e processos educacionais nas instituições de ensino superior, propostas pedagógicas, funcionamento de cursos e o perfil do estudante.

Para Tanamachi e Meira (2003), a mediação no processo de confecção de condições necessárias para a superação da queixa escolar seria um ponto de atuação do psicólogo sendo está uma demanda presente no seu trabalho. Zavadski e Facci (2012), a grande maioria dos serviços ofertados pelos psicólogos estão voltados ao acompanhamento de estudantes no que diz respeito aos seus problemas de adaptação à vida universitária, relações sociais e a orientação profissional. O psicólogo, nesse contexto, também poderia auxiliar o docente. Zavadski e Facci (2012), demonstram que um papel esperado do psicólogo seria a colaboração da construção de

uma identidade profissional docente. O psicólogo também pode atuar na orientação dos professores do que se fazer com os alunos que apresentarem sinais e sintomas sofrimento psíquico. A questão aqui não é sobre o psicólogo tomar lugares que não são seus, mas sim trabalhar dentro de uma perspectiva de cooperação para além de um atendimento clínico, mas atuando também nas propostas de políticas educacionais. O lugar do psicólogo é também respeito o lugar do professor.

### **3 A PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE SAÚDE MENTAL E ENSINO SUPERIOR: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Este capítulo tem como intuito apresentar os resultados de pesquisa bibliográfica que se baseou nas produções científicas a respeito da temática pesquisada, e está dividido em quatro subitens sendo eles: “procedimento de coleta de dados”, “revisão de bibliografia”, “descrição dos trabalhos selecionados na pesquisa bibliográfica” e “análise de conteúdo das produções”. O objetivo foi averiguar o estado da temática a ser pesquisada sob o aspecto teórico de outros estudos e pesquisas já produzidos no que se refere ao objeto de estudo em questão (MARCONI; LAKATOS, 2009).

Segundo Creswell (2007) essa etapa de revisão dos trabalhos que abordam a problemática pesquisada é importante pois tem o objetivo de situar o problema de pesquisa e a interlocução com os estudos anteriores e o próprio estudo proposto. No mesmo sentido, Sampieri, Collado e Lucio (2013), afirmam que esse tipo de pesquisa tem a finalidade de detectar, consultar e levantar bibliografias uteis para o desenvolvimento do estudo. Assim como Fonseca (2002), que na mesma linha, afirma que a pesquisa bibliográfica é realizada através do levantamento das referências teóricas já publicadas que possibilitam ao pesquisador ter conhecimento do que já foi estudado sobre o assunto.

Concordando, Creswell (2007) é fundamental que a literatura encontrada traga estudos sobre a temática pesquisada. Essas citações se complementam, propiciando uma visão mais abrangente das características da importância do levantamento a seguir. Assegurando isso, Gerhardt et al. (2009) afirmam que uma das condições essenciais para o êxito em uma pesquisa é a preparação atenciosa de uma pesquisa bibliográfica. Tais autores sustentam a importância da revisão da produção científica saúde mental no contexto do ensino superior para fins desta pesquisa.

#### **3.1 Procedimento de coleta de dados**

Com a finalidade de reunir as produções científicas relacionadas à temática da pesquisa, foi realizado um levantamento bibliográfico por meio da coleta dos materiais publicados nos últimos 10 anos, optou-se por esse recorte visto as finalidades da pesquisa e pelo marco temporal da diretriz do decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010, que dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), os bancos de dados foram *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Portal Educ@ publicações online de educação da Fundação Carlos

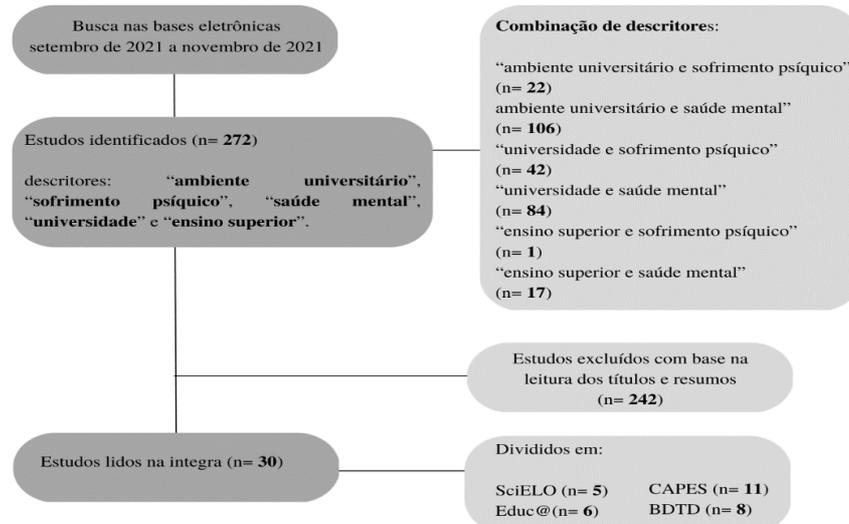
Chagas, Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Google Acadêmico e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Para isso, foi levado em consideração os seguintes descritores: “ambiente universitário”, “sofrimento psíquico”, “saúde mental”, “universidade” e “ensino superior”. O total dessa primeira busca foi de 272 trabalhos publicados, com a intenção de obter um resultado representativo das publicações, houve a necessidade de se realizar uma combinação entre os descritores, para garantir assim delimitação na busca em relação ao tema pesquisado. A seguir detalharemos os frutos obtidos através da associação dos descritores.

### **3.2 Mapeamento e organização das fontes selecionadas na pesquisa bibliográfica**

Quando empregado os termos “ambiente universitário e sofrimento psíquico”, foram encontrados um total de 22 trabalhos. Já para os termos “ambiente universitário e saúde mental”, foram encontrados um total de 106 trabalhos. Para os termos “universidade e sofrimento psíquico”, foram encontrados um total de 42 trabalhos. Quando pesquisado “universidade e saúde mental”, foram encontrados um total de 84 artigos. Para “ensino superior e sofrimento psíquico”, foi encontrado apenas 1 trabalho. Por fim, para “ensino superior e saúde mental”, foram encontrados 17 trabalhos. A partir deste material, realizamos uma filtragem com aqueles trabalhos que realmente tratavam da temática pesquisada. As publicações foram inicialmente selecionadas a partir do título e posteriormente do resumo que totalizaram 30 trabalhos elegidos, conforme demonstra o fluxograma abaixo:

Figura 1 – Fluxograma das etapas do processo de revisão dos estudos.



Fonte: Do autor (2021)

Analisando as palavras-chave das 30 publicações, encontramos 76 palavras ou combinação de palavras. É possível verificar a prevalência das seguintes palavras: saúde mental com a frequência 18 nos textos (15,3%); seguida de educação médica com 6 menções (5,1%); estudantes de medicina com 6 menções (5,1%); estudantes universitários com 5 menções (4,2%); sofrimento psíquico também com 5 menções (4,2%); estudantes com 3 menções (2,5%); atendimento psicológico, ensino superior, fatores de risco, promoção da saúde, qualidade de vida, universidade com 2 menções cada (1,7% cada); as demais 64 palavras apresentaram apenas 1 menção (0,8% cada), conforme destacadas na nuvem de palavras apresentadas na Figura 1 abaixo:

Figura 2 – Palavras-chave destacadas das publicações geradas em nuvem de palavras



Fonte: Do autor (2021)

Observa-se na Figura 2 que a partir do estudo das palavras-chave presentes nos trabalhos, que os autores discutem mais questões relacionadas à saúde mental, destacada dezoito vezes nos textos; seguida de educação médica com seis; estudantes de medicina com seis resultados, estudantes universitários com cinco; e sofrimento psíquico também com cinco resultados.

A etapa seguinte foi à organização das produções em planilha (*Microsoft Excel*), cujos dados foram ordenados em tabelas com indicadores das produções (ano, tipo de produção, local de publicação, autoria, vínculo institucional, título do trabalho, palavras-chave e referências). Posteriormente um outro documento (*Microsoft Word*) de ficha de leitura reuniu indicadores das produções (identificação, objetivo, metodologia e procedimentos de coleta de dados, resultados da pesquisa), assim como essa ficha de análise possibilitou o agrupamento dos trabalhos selecionados na pesquisa bibliográfica pontuando os objetivos dos artigos, a metodologia utilizada e os resultados das pesquisas.

Com o mapeamento das publicações foram encontrados um total de 272 trabalhos, distribuídos em 145 artigos e 127 teses e dissertações. Desse montante selecionamos, com base nos títulos e resumos, aqueles estudos que se referiam diretamente a temática de interesse, restando 30 trabalhos, sendo 21 artigos científicos, 8 dissertações e 1 tese, conforme exposto no quadro 01. Os resultados mostram que os trabalhos se concentraram nos anos de 2019 e 2020, com seis publicações para cada ano; seguido do ano de 2016 com quatro publicações; de 2017 com três publicações; de 2011 e 2018 com duas publicações em cada ano e nos demais anos de 2004, 2005, 2006, 2012, 2013, 2014 e 2015 com uma publicação cada.

Sobre os autores das produções, procuramos aqueles que se apresentam com mais frequência e conforme exposto no Quadro 1, três autoras tiveram duas publicações cada, são elas: Maria José Carvalho Nogueira (Universidade de Lisboa), Andreia Maria Camargos Carvalho (UFMG) e Maria Mônica Freitas (UFMG).

Quando se observa os autores mais citados como referencial teórico das discussões presentes nos artigos analisados, destacam-se aqueles que tiveram duas publicações citadas são: Carmita Helena Najjar Abdo (UPS), Joel Sales Giglio (UNICAMP), Miriam Abreu Albuquerque (FUNEC), Max André dos Santos (UFMG), Maria Cristina Pereira Lima (UNESP), Mariana de Souza Domingues (UNESP) e Ana Teresa de Abreu Ramos Cerqueira (UNESP). Os que tiveram três publicações citadas foram: Rosely Moralez de Figueiredo (UFSCar), Cleuser Maria Campos Osse (UnB), Heidi Miriam Bertolucci Coelho (UNESP) e

Rodrigo Sanches Peres (USP). Os que possuíram oito publicações citadas são: Dorgival Caetano (UNICAMP), Ednéia Albino Nunes Cerchiari (UEMS). O autor com maior número de publicações foi Odival Faccenda (UEMS) com nove publicações citadas.

Os trabalhos organizados em planilhas com indicadores das produções se encontram apresentados no quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – Seleção das produções científicas publicadas sobre a temática (2004-2020)

<b>ANO DE PUBLICAÇÃO</b>	<b>TIPO DE PRODUÇÃO</b>	<b>LOCAL DE PUBLICAÇÃO</b>	<b>BASE DE DADOS</b>	<b>DESCRIÇÕES DE BUSCA</b>	<b>AUTORIA</b>	<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	<b>PALAVRAS-CHAVE DA PRODUÇÃO</b>
2004	Artigo	Estudo em psicologia	Capes	Universidade e saúde mental	Maria Luisa Sandoval Schmidt	Plantão psicológico, universidade pública e política de saúde mental	Plantão psicológico, serviços de extensão universitária, políticas públicas de saúde, reforma de estado
2005	Artigo	Psicologia: ciência e profissão	Capes	Universidade e saúde mental	Cerchiari, Ednéia Albino Nunes; Caetano, Dorgival; Faccenda, Odival	Utilização do serviço de saúde mental em uma universidade pública	Saúde mental, estudante universitário, atendimento psicológico, psicoterapia breve
2006	Artigo	Revista eletrônica de enfermagem	Capes	Universidade e saúde mental	Luciane Prado Kantorski; Leandro Barbosa De Pinho; Toyoko Saeki; Maria Conceição Bernardo De Mello E Souza	Expectativas de docentes sobre o ensino do cuidado em saúde mental	Saúde mental, ensino, enfermagem
2011	Artigo	Estudo em psicologia campinas	Capes	Universidade e saúde mental	Cleuser Maria Campos Osse, Ileno Izídio Da Costa	Saúde mental e qualidade de vida na moradia estudantil da universidade de Brasília	Adulto jovem, Universitário, Sofrimento psíquico, Moradia estudantil

2011	Dissertação	Não consta	BDTD	Ambiente universitário e sofrimento psíquico	Silva, Rachel Rubin Da	O perfil de saúde de estudantes universitários: um estudo sob o enfoque da psicologia da saúde	Psicologia da saúde, estudantes universitários, qualidade de vida, bem-estar psicológico, características relacionais
2012	Artigo	Revista iberoamericana de educación superior	Scielo	Ensino superior e saúde mental	Dias, Isabel Simões	Promover a saúde no ensino superior: o exemplo do ppcpei	Intervenção, formação de professores, saúde mental
2013	Dissertação	Fundação edson queiroz, universidade de fortaleza – unifor. escola de pós-graduação em direito – ppgd, mestrado em direito constitucional	BDTD	Universidade e sofrimento psíquico	Osse, Cleuser Maria Campos	Saúde mental de universitários e serviços de assistência estudantil: estudo multiaxial em uma universidade brasileira	Universidade de Brasília, estudantes universitários, sofrimento psíquico, estudantes, programas de assistência
2014	Artigo	Revista brasileira de educação médica	Educ@	Universidade e saúde mental	Andrade, João Brainer Clares De et al.	Contexto de formação e sofrimento psíquico de estudantes de medicina	Estudantes de medicina; saúde mental; educação médica
2015	Artigo	Colloquium humanarum	Capes	Ambiente universitário e sofrimento psíquico	Kelly Cristina Tesche Rozendo, Carmen Lúcia Dias	Possibilidades de sofrimento psíquico do professor universitário de uma licenciatura	Sofrimento psíquico, trabalho, professor universitário, pedagogia

2016	Artigo	Unpublished	Capes	Ensino superior e saúde mental	Maria José Carvalho Nogueira	A saúde mental em estudantes do ensino superior. Relação com o género, nível socioeconómico e os comportamentos de saúde	Não consta
2016	Artigo	Revista brasileira de educação médica	Scielo	Ambiente universitário e sofrimento psíquico	Tenório, Leila Pereira; Argolo, Vanessa Araújo; Sá, Helena Pinho De; Melo, Enaldo Vieira De; Costa, Edméa Fontes De Oliva.	Saúde mental de estudantes de escolas médicas com diferentes modelos de ensino	Estudantes de medicina; saúde mental; transtorno mental; educação médica.
2016	Artigo	Psicologia: ciência e profissão,	Scielo	Ambiente universitário e sofrimento psíquico	Andrade, Antonio Dos Santos; Tiraboschi, Gabriel Arantes; Antunes, Natália Amaral; Viana, Paulo Vinícius Bachette Alves; Zanoto, Pedro Alves; Curilla, Rafael Trebi	Vivências acadêmicas e sofrimento psíquico de estudantes de psicologia	Ensino superior, estudantes universitários, psicologia, serviços de saúde mental, orientação escolar

2016	Artigo	Psic. Da ed.	Educ@	Universidade e saúde mental	Lameu, Joelma Do Nascimento, Salazar, Thiene Lívio And Souza, Wanderson Fernandes	Prevalência de sintomas de stress entre graduandos de uma universidade pública	Stress, saúde mental, estudantes universitários
2017	Artigo	Ciência & saúde coletiva	Capes	Ambiente universitário e sofrimento psíquico	Karen Mendes Graner, Ana Teresa De Abreu Ramos Cerqueira	Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados	Sofrimento psíquico, transtornos mentais, estudantes, fatores de risco, revisão
2017	Tese de doutorado	Unpublished	Capes	Ensino superior e saúde mental	Maria José Carvalho Nogueira	Saúde mental em estudantes do ensino superior: fatores protetores e fatores de vulnerabilidade	Saúde mental, estudante do ensino superior, vulnerabilidade, transição múltipla
2017	Dissertação	Não consta	BDTD	Universidade e saúde mental	Bezerra, João Ernesto Moura Sobreira	Saúde mental de estudantes dos cursos de graduação em engenharia: experiências psicoemocionais na universidade	Saúde mental, Engenharia, Tecnologia, Estudantes universitários

2018	Dissertação	Não consta	BDTD	Ambiente universitário e sofrimento psíquico	Soraya Da Silva Trajano	Aspectos psicossociais, consumo de drogas e transtorno mental comum em ambiente universitário	Promoção da saúde, saúde mental, drogas, instituições de ensino superior
2018	Dissertação	Biblioteca Digital USP	BDTD	Universidade e sofrimento psíquico	Ariana Celis Alcantara	Trabalho, adoecimento e saúde mental na universidade de São Paulo	Adoecimento, saúde mental do trabalhador, universidade de São Paulo
2019	Artigo	Ciência & saúde coletiva	Capes	Ambiente universitário e sofrimento psíquico	Thiago Ferreira De Sousa, Mathias Roberto Loch, Alexandre Justo De Oliveira Lima, Dayana Chaves Franco, Aline Rodrigues Barbosa	Concorrência de fatores de risco à saúde em universitários de uma instituição de ensino superior brasileira	Fatores de risco, estudantes, estudos transversais, saúde da população
2019	Artigo	Revista sociedade e estado	Capes	Universidade e sofrimento psíquico	José Jorge De Carvalho, Makota Kidoiale, Emílio Nolasco De Carvalho, Samira Lima Da Costa	Sofrimento psíquico na universidade, psicossociologia e encontro de saberes	Encontro de saberes, Universidade, Conhecimento pluriépistêmico, Saúde mental

2019	Dissertação	Arquivos de ciências da saúde	BDTD	Ambiente universitário e sofrimento psíquico	Oikawa, Fabiana Midori	Implicações do contexto universitário na saúde mental dos estudantes	Educação superior, universitários, saúde mental
2019	Dissertação	Não consta	BDTD	Universidade e saúde mental	Freitas, Maria Rosalda Pinheiro	Os direitos à saúde mental e o direito à educação do discente nas instituições de ensino superior: o caso do programa de apoio psicopedagógico na universidade de fortaleza	Direito à educação, saúde mental, ensino superior
2019	Artigo	Revista brasileira de educação médica	Educ@	Universidade e sofrimento psíquico	Ribeiro, Maria Mônica Freitas, Melo, Jordan Diego Costa And Rocha, Andreia Maria Camargos	Avaliação da demanda preliminar de atendimento dirigida pelo aluno ao núcleo de apoio psicopedagógico ao estudante da faculdade de medicina (napem) da universidade federal de minas gerais.	Educação médica, estudante de medicina, sofrimento psíquico
2019	Artigo	Revista brasileira de educação médica	Educ@	Universidade e saúde mental	Dias, Lineker Fernandes et al.	Promoção da saúde: coerência nas estratégias de ensino-aprendizagem	Educação médica, saúde mental, promoção da saúde, saúde pública, medicina

2020	Artigo	Colloquium humanarum	Capes	Universidade e saúde mental	Luciana Marolla Garcia, Vera Lucia Messias Fialho Capellini, Verônica Lima Dos Reis	Saúde mental na universidade: a perspectiva de universitários da permanência estudantil	Saúde mental, universidade, atendimento psicológico, psicossocial, permanência estudantil
2020	Artigo	Psico-usf	Scielo	Ambiente universitário e sofrimento psíquico	Marília Guimarães Leal Jardim, Tathyane Silva Castro, Carla Fernanda Ferreira-Rodrigues	Sintomatologia depressiva, estresse e ansiedade em universitários	Saúde mental, inventários, avaliação psicológica, jovens
2020	Artigo	Revista brasileira de educação médica	Scielo	Ambiente universitário e sofrimento psíquico	Rocha, Andreia Maria Camargos; Carvalho, Maria Bernadete De; Cypriano, Cristina Petersen; Ribeir, Maria Mônica Freitas.	Tratamento psíquico prévio ao ingresso na universidade experiência de um serviço de apoio ao estudante	Educação de graduação em medicina, estresse psicológico, estudantes de medicina, tratamento farmacológico, psicoterapia
2020	Dissertação	Repositório Institucional UNESP	BDTD	Ambiente universitário e sofrimento psíquico	Souza, João Paulo Pereira De	Saúde mental de universitários: relação entre transtorno mental comum e competência moral	Competência de juízo moral, estudantes de medicina, estudo transversal, saúde mental, transtorno mental comum

2020	Artigo	Revista brasileira de educação médica	Educ@	Universidade e saúde mental	Silva, Carlos Emanoel Chaves Da et al.	Saúde mental de alunos de medicina submetidos à aprendizagem baseada em problemas: revisão sistemática da literatura.	Saúde mental. Aprendizagem baseada em problemas, Estudantes de medicina, Educação em saúde, Educação médica
2020	Artigo	Revista brasileira de educação médica	Educ@	Universidade e saúde mental	Silva, Raily Crisóstomo, Pereira, Alexandre De Araújo And Moura, Eliane Perlatto	Qualidade de vida e transtornos mentais menores dos estudantes de medicina do centro universitário de caratinga (unec)	Qualidade de vida; estudantes de medicina; saúde mental; educação médica

Fonte: Do autor (2021)

### 3.3 Descrição dos trabalhos selecionados na pesquisa bibliográfica

A partir dos procedimentos de coleta de dados apresentados, passamos para a descrição dos trabalhos, detalhando o seu objetivo, metodologia e por fim os resultados. Aqueles trabalhos que apresentam similaridade em algum dos itens anteriores foram agregados, desse modo, fomos capazes de encontrar convergências e divergências entre os estudos.

Dias (2012) em seu trabalho “Promover a saúde no ensino superior: o exemplo do PPCppEi”, buscou apresentar os resultados de uma avaliação de eficácia do Programa de Promoção de Competências pessoais e profissionais em Educação de infância (PPCppEi) no contexto de promoção de saúde. Para isso a autora realizou um estudo quasi-experimental em 2 períodos, antes e depois da implementação do programa. Os resultados mostram redução da sintomatologia depressiva após participação do programa.

Assim como Dias (2012) investiga um serviço de apoio emocional ao discente, Rocha et l. (2020), apresentam o trabalho “Tratamento Psíquico Prévio ao Ingresso na Universidade: Experiência de um Serviço de Apoio ao Estudante”, que buscou avaliar o relato do discente sobre o tratamento psíquico no Núcleo de Apoio Psicopedagógico aos Estudantes da Faculdade de Medicina (Napem), anterior ao ingresso ao curso de Medicina, o instrumento utilizado para as análises inferenciais foi o programa estatístico SPSS versão 20.0. Um dos motivos para justificar a busca do atendimento são os sintomas de “ansiedade”, “depressão/sintomas depressivos” e “instabilidade de humor”. Os autores apresentam como hipótese que o tratamento psíquico prévio pode indicar grau de fragilidade emocional, acarretando maior dificuldade para lidar com as demandas acadêmicas.

Ribeiro, Melo e Rocha (2019), nomeiam seu trabalho como “Avaliação da Demanda Preliminar de Atendimento Dirigida pelo Aluno ao Núcleo de Apoio Psicopedagógico ao Estudante da Faculdade de Medicina (Napem)”, que buscou levantar os motivos que levam os acadêmicos a procurarem o Núcleo de Apoio Psicopedagógico. A coleta de dados ocorreu através das análises das fichas de inscrição do programa. A metodologia adotada foi análise de conteúdo em períodos diferentes. Os resultados dos trabalhos desvendam que os distúrbios mais frequentes foram os de humor, seguidos por de personalidade e por problemas pessoais. Sobre as questões acadêmicas, foram as que demonstram menor frequência. Outro dado importante do estudo foi relativo aos acadêmicos do curso de medicina em comparação aos dos demais cursos, não foi observado diferença estatisticamente significativa entre as categorias. Ainda assim, quando se considera particularmente os dois períodos analisados, a frequência de

distúrbios do humor nos alunos do curso de Medicina foi significativamente maior no segundo ano, contrastado aos do primeiro ano do estudo.

O aprimoramento dos processos de ensino e aprendizagem é um constante campo de estudo, alguns cursos de medicina vem sendo alvo de pesquisas de aprimoramento, apresentando uma abordagem aproximada de Tenório et al. (2016) e Dias et al. (2019) estudam estratégias de ensino e os fenômenos que emergem no contexto universitário de escolas médicas.

Tenório et al. (2016), por meio do seu trabalho intitulado “Saúde mental de estudantes de escolas médicas com diferentes modelos de ensino”, tem o propósito de avaliar a saúde mental dos discentes assim como estratégias de enfrentamento, alívio do estresse e suas causas associados ao processo educativo de Aprendizagem Baseada em Problemas - ABP. Para tanto se realizou um estudo qualitativo e transversal por meio de grupo focal. Os resultados apontam sofrimento psíquico menor nos alunos da ABP.

Silva et al. (2020), com o trabalho nomeado “Saúde Mental de Alunos de Medicina Submetidos à Aprendizagem Baseada em Problemas: Revisão Sistemática da Literatura”, realizam um levantamento nas bases de dados a respeito da temática da pesquisa. O resultado demonstra que o método Aprendizagem Baseada em Problemas - ABP, quando contraposto com o método tradicional, viabiliza um desempenho acadêmico mais elevado, refletindo no grau de satisfação dos acadêmicos. Os estudos de Silva et al. (2020) e Tenório et al. (2016) se completam, na medida em que salientam a importância da saúde mental universitária e os ganhos positivos do método de Aprendizagem Baseada em Problemas - ABP para a qualidade de vida universitária.

Dias et al. (2019), estudam a “Promoção da saúde: coerência nas estratégias de ensino-aprendizagem”, com o objetivo de realizar um relato de experiência com a discussão do eixo curricular de saúde coletiva, voltado para o aprimoramento dos processos de ensino e aprendizagem. O trabalho também buscou aumentar o bem-estar dos discentes. Para isso o método utilizado foi a construção de maneira dialógica entre discentes e docentes, sobre as vivências práticas do eixo de Saúde Coletiva do curso de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia. O resultado desses diálogos, segundo os autores, foi positivo ao encarar os desafios dos processos de ensino em relação a promoção da saúde.

Silva, Pereira e Moura (2020) com o trabalho titulado “Qualidade de Vida e Transtornos Mentais Menores dos Estudantes de Medicina do Centro Universitário de Caratinga (UNEC) Minas Gerais”, procuraram avaliar a qualidade de vida dos acadêmicos de Medicina e a prevalência de transtornos mentais menores e seus fatores associados. Relata um estudo

descritivo e transversal, os instrumentos utilizados para a realização foram os questionários contendo questões sobre dados sociodemográficos, qualidade de vida (WHOQOL-abreviado) e saúde mental (QSG-60 de Goldberg). O desfecho aponta que os acadêmicos percebem como boa sua qualidade de vida e que a dimensão social é muito importante. Um fruto importante foi a constatação que a saúde mental tem influência na qualidade de vida universitária, elucidando um estado da saúde mental geral vem acompanhado de uma pior qualidade de vida. Observou-se correlação significativa entre a saúde mental geral com os domínios de qualidade de vida, mostrando que um estado da saúde mental comprometido vem atrelado de uma qualidade de vida comprometida.

Segundo Souza e Lima (2020), no trabalho “Saúde mental de universitários: relação entre transtorno mental comum e competência moral”, procurou analisar e discutir a relação entre competência moral e transtorno mental comum nos estudantes de medicina, tipificando fatores associados. O trabalho se caracteriza como um estudo transversal e os instrumentos utilizados foram questionário sociodemográficos e da vida universitária; questionário para avaliação de Transtorno Mental Comum (TMC), o *Self Reporting Questionnaire* (SRQ-20); AUDIT (*Alcohol Use Disorders Identification Test*), instrumento de mapeamento criado pela Organização Mundial de Saúde e Instrumento de avaliação de competência moral, MCTxt (*Moral Competence Test* versão estendida). Sobre os resultados destacamos que houve diminuição da competência moral quando foram comparados os últimos anos do curso com os três primeiros e quase metade dos participantes pontuou para a ocorrência de TMC. Estratégias que envolvem a discussão de dilemas podem ser eficazes para aumentar a competência moral e serviços de promoção, prevenção e tratamento de saúde mental podem auxiliar os estudantes a lidar com questões relacionadas ao sofrimento psíquico.

Jardim, Castro e Ferreira-Rodrigues (2020a), apresentam o trabalho nomeado “Sintomatologia Depressiva, Estresse e Ansiedade em Universitários”, que buscou avaliar os sintomas de depressão, estresse e ansiedade em universitários, para verificar se esses níveis possuem interferência se o discente está no início ou final do curso. Para isso, os instrumentos utilizados foram: Questionário sociodemográfico, Escala Baptista de Depressão (Versão Adulto) - EBADEP-A, *Self Report Questionnaire* (SRQ-20) que avalia sofrimento mental, Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE) e Escala de Estresse Percebido (EPS-10). Como resultado os autores afirmam que não foi identificado diferença do início e final do curso, sendo assim o ambiente universitário não parece ser adoecedor. Em face do exposto, é necessário considerar que todos afirmaram que existem outras variáveis a serem estudadas que não foram consideradas na pesquisa e podem ter influenciado no resultado.

Da Silva et al. (2021a), pesquisaram “Saúde mental dos estudantes universitários”, neste trabalho objetivou-se analisar a produção de artigos científicos nos anos de 2010 a 2020 referentes a temática sobre saúde mental universitária, configurando-se em revisão integrativa da literatura. Como resultado afirma que o ambiente universitário interfere na saúde mental dos discentes.

Jardim, Castro e Ferreira-Rodrigues (2020a), afirmam que o ambiente universitário não é adoecedor. Da Silva et al. (2021a), apresentam uma linha de pensamento contrária afirmando que esse contexto interfere na saúde mental universitária.

Andrade et al. (2016), apresentam o trabalho denominado “Vivências acadêmicas e sofrimento psíquico de estudantes de Psicologia”, que teve como objetivo o levantamento das vivências acadêmicas e dos graduandos de psicologia. Se caracteriza por uma pesquisa transversal quantitativa realizada por meio de questionário. O resultado esclarece que de maneira geral os acadêmicos possuem uma visão favorável do curso de psicologia, mas apresentam indicadores claros de sofrimento psíquico e mal-estar decorrentes do ambiente universitário.

Nogueira (2017), em seu trabalho com o título “A saúde mental em estudantes do ensino superior. Relação com o gênero, nível socioeconômico e os comportamentos de saúde”, buscam identificar a correlação entre o nível socioeconômico e de gênero em relação a saúde mental. Tipificando uma pesquisa descritiva e correlacional que utilizou o Inventário de Saúde Mental (ISM), se conclui que o gênero, as mulheres apresentam níveis mais baixos de saúde mental, vale destacar que neste estudo a amostragem é predominantemente do gênero feminino, o nível socioeconômico baixo são variáveis associadas negativamente à saúde mental, A pesquisa apresenta estratégias de enfrentamento como a prática regular de exercício físico e dormir sete ou mais horas por dia, estão associadas positivamente para a manutenção de uma boa saúde.

Destacamos que os próximos dois trabalhos foram os únicos a tratarem a perspectiva do docente, sendo o primeiro um estudo a tratar especificamente a percepção docente sobre a temática da saúde mental universitária e o segundo onde o próprio docente é afetado pelo seu ambiente de trabalho. Kantorski et al. (2006), em seu trabalho “Expectativas de docentes sobre o ensino do cuidado em saúde mental”, procuram analisar as expectativas dos docentes da disciplina de enfermagem psiquiatra a respeito do cuidado em saúde mental no contexto de ensino. A metodologia se caracteriza como qualitativa e descritiva-analítica. Os resultados apontam que os docentes salientam a urgência da humanização do atendimento em saúde mental pautadas nos princípios da reforma psiquiatra. Rozendo e Dias (2014), em seu estudo “Possibilidades de sofrimento psíquico do professor universitário de uma licenciatura”, assim

como Kantorski et al. (2006), trazem a percepção do docente sobre a saúde mental, mas neste caso sobre o sofrimento do próprio docente, para tanto analisam o sofrimento psíquico de professores universitários das licenciaturas de pedagogia e seu ambiente de trabalho. O estudo tem abordagem qualitativa, organizando-se por eixos e categorias. Os resultados demonstram que o ambiente acadêmico pode contribuir para o sofrimento psíquico e eliciar sintomas na saúde dos docentes.

Graner e Cerqueira (2019a), no trabalho de título “Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados”, investigaram os fatores de risco e proteção em relação ao sofrimento psíquico de universitários. A investigação mostrou que a grande parte dos estudos são do tipo transversais com suas publicações nos últimos cinco anos, sobre a perspectiva geográfica as publicações são em sua maioria de países desenvolvidos e com estudantes da área da saúde. Os autores concluem que a vida acadêmica e relacional foram associadas à presença de sofrimento psíquico entre universitários. Também esclareceu estratégias de prevenção semelhantes nos estudos, como por exemplo, coping, senso de coerência, autoeficácia, vigor, autoestima, resiliência, entre outras, apontando para caminhos interventivos para promover o bem-estar no ambiente universitário.

Garcia e Capellini (2020), no trabalho “Saúde mental na universidade: a perspectiva de universitários da permanência estudantil”, teve como objetivo analisar a percepção dos discentes universitários residentes da permanência estudantil sobre o papel da universidade no apoio a suas vivências psicossociais e saúde mental. A metodologia utilizada foi a análise qualitativa, os dados foram coletados via questionário dos discentes que fazem uso dos serviços do Núcleo Técnico de Atenção Psicossocial (NTAPS) da Unesp, Campus de Bauru. A Análise Textual Discursiva foi útil para interpretar as respostas obtidas pelos questionários. Os resultados demonstraram que as respostas dos discentes fluem na mesma direção, é a importância do serviço psicológico durante a graduação e dos serviços de assistência estudantil.

Nogueira (2017) em seu trabalho “Saúde mental em estudantes do ensino superior: fatores protetores e fatores de vulnerabilidade”, desenvolve a caracterização da saúde mental dos discentes do ensino superior em de bem-estar e seus preditores. Neste sentido o trabalho é um estudo exploratório, transversal e correlacional. Para atingir seu objetivo a autora usou o Inventário de Saúde Mental (ISM); Escala de Satisfação com o Suporte Social (ESSS); Inventário de Acontecimentos de Vida Negativos (IAV-N); Escala de Satisfação com a Vida Acadêmica (ESVA); Escala de Vulnerabilidade Psicológica (EVP) e uma pergunta sobre Percepção Vulnerabilidade (PV). O estudo demonstra que existem inúmeros fatores que

influenciam a saúde mental dos discentes. Percebemos que esse é um aspecto complexo que exige a investigação de inúmeros fatores.

No trabalho de Trajano, Catrib e Abdon (2018), nomeado “Aspectos psicossociais, consumo de drogas e transtorno mental comum em ambiente universitário”, teve o objetivo de avaliar os aspectos psicossociais e sua relação com a ingestão e transtorno mental comum com o ambiente universitário, estereotipando um estudo transversal. Foi utilizado um questionário para coletar informações sociodemográficas, acadêmicas e fatores psicossociais e consumo de álcool e drogas; o *Self-Report Questionnaire* (SRQ-20), que averigua a sintomatologia do transtorno mental comum (TMC) e o Teste para Triagem do Envolvimento com Fumo, Álcool e outras drogas (ASSIST). O resultado assinala que dentro do ambiente universitário os discentes apresentam uma prevalência alta de Transtorno Mental Comum e consumo de drogas lícitas. A autora destaca que a universidade pode ser um meio para se promover saúde mental e de prevenção ao uso de drogas lícitas e ilícitas. Dentre as considerações arroladas nesse parágrafo, é importante destacar, de forma bastante concisa e sucinta, pontos que foram essenciais na análise empreendida, como a importância da universidade como local de promoção de saúde mental.

Carvalho et al. (2020), com o trabalho “Sofrimento psíquico na universidade, psicossociologia e Encontro de saberes” tiveram como objetivo discutir o sofrimento mental e adoecimento da população acadêmica no cenário nacional. O trabalho pode ser caracterizado dentro de uma perspectiva qualitativa e descritiva e resultou em reflexões sobre uma temática pouco abordado em uma abordagem colaborativa.

Oikawa (2019) no trabalho “Implicações do contexto universitário na saúde mental dos estudantes”, investigaram o contexto universitário e os encadeamentos na saúde mental universitária. O estudo foi quali-quantitativo e dentre os resultados, destacam-se a sensação dos discentes de aprisionamento ocasionado pela sobrecarga de tarefas, rivalidade entre os próprios discentes como fatores despertam o sofrimento psíquico.

Freitas, Junior e Souza (2019) em seu trabalho “O direito à saúde mental e o direito à educação do discente nas instituições de ensino superior: o caso do programa de apoio psicopedagógico na universidade de fortaleza”, procuraram investigar os dados a respeito da saúde mental, direitos sociais à saúde e à educação. Configura-se uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e descritiva. Detalha o Programa de Apoio Psicopedagógico (PAP) de assistência e promoção à saúde mental do discente na Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Os autores chegam à conclusão que o conceito de saúde varia de acordo com as literaturas. Quando se pensa saúde mental universitária que existe um prejuízo por fatores estressores inerentes a vida

acadêmica e que fatores externos ao ambiente universitário também possuem influência sobre o discente.

Da Silva e Dias (2010), em seu trabalho “O perfil de saúde de estudantes universitários: um estudo sob o enfoque da psicologia da saúde”, objetivaram pesquisar a qualidade de vida, bem-estar psicológico e as características que dizem respeito aos relacionamentos dos discentes universitários. O estudo se caracteriza como transversal descritivo de caráter correlacional e de abordagem quali-quantitativa, os instrumentos utilizados foram os Questionário de Qualidade de Vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-bref), Questionário de Saúde Geral (QSG-12) e o Inventário de Relações Objetivas (BORRTI-O). Os resultados que se destacam são o elevado índice de sofrimento psíquico apresentado pela amostra e índices de qualidade de vida médios. Percebeu-se a correlação entre os índices de sofrimento psíquico, qualidade de vida e características relacionais na vida do discente. Além disso, a autora evidencia a importância de programas de prevenção e promoção da saúde no contexto universitário.

Bezerra e Jorge (2018) no trabalho “Saúde Mental de estudantes dos cursos de graduação em engenharia: experiências psicoemocionais na universidade”, analisaram o estado de saúde mental em estudantes das áreas de engenharia. Destacamos que foi o único estudo que evidenciou a área de exatas. A pesquisa se caracteriza como um estudo de caso nos moldes quali-quantitativos, e os instrumentos utilizados são questionários sociodemográfico, o *Patient Health Questionnaire (PHQ-9)* e o questionário de Qualidade de Vida da Organização Mundial da Saúde (*WHOQoL-Bref*). O resultado mostra que investigar a temática da saúde mental universitária é importante para a promoção de saúde mental, processo de aprendizagem e a qualidade de vida discente. O autor também evidencia a importância do estímulo à formação de núcleos de acompanhamento pedagógico em todas os cursos de graduação participantes, cabendo também a instituição de ensino superior capacitar os docentes a identificarem discente em sofrimento psíquico, além de promover educação continuada em recursos pedagógicos. Destacamos que esse foi o único autor a citar a importância da educação continuada do professor. O autor percebe que aparentemente há pouca influência das atividades acadêmicas para o estado de sofrimento ou baixa qualidade de vida dos discente. A hipótese para tal resultado é que os discentes que cursam engenharias já chegam ao ambiente universitário em sofrimento, cabendo novas investigações.

Osse e Costa (2013), no trabalho intitulado “Saúde mental de universitários e serviços de assistência estudantil: estudo multiaxial em uma universidade brasileira”, procurou mapear os serviços de atenção ao estudante da universidade de Brasília. O estudo se define como pesquisa-ação integral e sistêmica. Os instrumentos para coleta de dados foram um questionário

sobre o Estado Emocional construído e adaptado e grupos de Discussão. Os resultados obtidos através dos questionários sobre o Estado Emocional demonstraram que os discentes têm uma boa relação com a vida, dentre alguns apresentaram as seguintes sintomatologias: dificuldades de concentração, de atenção, ansiedade e alterações de sono. Uma informação importante encontrada pelo estudo é que grande parte dos Centros Acadêmicos desconhece os recursos de assistência estudantil oferecidos pela instituição. Sobre a capacidade dos serviços de assistentes existentes estão na sua capacidade máxima de atendimentos.

Alcantara e Botazzo (2018), em “Trabalho, adoecimento e saúde mental na Universidade de São Paulo”, estabeleceu o perfil de trabalhadores técnicos administrativos da Universidade de São Paulo (USP) por motivo sofrimento psíquico. Refere-se a uma pesquisa exploratória quali-quantitativa. Destacamos que esse é um estudo não representa os discentes e sim os trabalhadores técnicos e administrativos. O resultado mostra que o índice de absenteísmo por doença na Universidade de São Paulo é extremamente alto. Neste ponto, as mulheres, negras, nível básico, sem companheiro representam grupo de risco para patologias do tecido osteomuscular e do tecido conjuntivo. Quando analisados os afastamentos por transtornos mentais e comportamentais, o estudo mostra uma predominância dos quadros de depressão, ansiedade, stress e alcoolismo, esses quadros afastam os trabalhadores por um período maior.

De maneira geral, os trabalhos retratam que a temática relacionada a saúde mental universitária apresentam relevância, nota-se que grande maioria das publicações se concentram dentro das Ciências Médicas e Humanas, contudo, existem outros estudos que se atem a outras populações, como por exemplo, Bezerra e Jorge (2018) que investiga a questão nas Ciências Exatas, o estudo de Alcantara (2018), que se debruça sobre o sofrimento psíquico vivenciados pelos técnicos administrativos dentro do ambiente universitário, os de Rozendo e Dias (2014) e Kantorski et al. (2006) trazem a percepção do docente sobre a saúde mental. Quanto as políticas em saúde mental para esse público, percebe-se que a oferta não é uma unanimidade, mas existem iniciativas isoladas dentro das instituições de Ensino Superior.

### **3.4 A discussão sobre “ambiente universitário/universidade”, “sofrimento psíquico” e “políticas de saúde mental/institucionais” nos trabalhos analisados**

Para Puglisi (2019), após a apresentação das tabelas é importante elaborar uma análise preliminar dos conteúdos encontrados, essa etapa é crucial pois auxilia lançar um olhar mais contextualizado para os dados obtidos e para construção da síntese conclusiva. Segundo Minayo

et al. (2002) a análise dos dados em um primeiro momento deve se ater a organização dos dados encontrados buscando sua categorização e sua organização em temáticas que apresentam paridade a fim de encontrar padrões. Com base nos procedimentos de descrição dos trabalhos, detalhando o seu objetivo, metodologia e por fim os resultados, de agora em diante apresentaremos uma breve análise de conteúdo destes trabalhos. A exposição deste material será realizada de maneira a otimizar a compreensão, sem o interesse de aprofundar os pormenores aspectos conceituais.

Neste sentido, propomos apresentar aqui como a temática pesquisada é abordada na literatura. Com vistas a finalidade da pesquisa abordaremos três aspectos que consideramos ser centrais para uma compreensão mais abrangente e integral, sendo eles: “ambiente universitário/universidade”, “sofrimento psíquico” e “políticas de saúde mental/institucionais”.

O ingresso na universidade faz parte do sonho de grande maioria dos brasileiros, é dentro do ambiente universitário que passamos por importantes momentos que são extremamente significativos. Rocha et al. (2020) apontam que a discussão sobre essa temática tem sido catalisada pelo debate público e a vinculação midiática tem apurado a sensibilidade social referente às demandas crescentes dirigidas aos profissionais de saúde mental dentro do ambiente universitário.

Para Almeida, Soares e Ferreira (2014), neste contexto podemos encontrar não apenas o domínio acadêmico, mas também o social, pessoal e vocacional. Apresentando visão análoga, Garcia et al. (2020) contribuem no entendimento que o ambiente universitário apresenta os domínios pessoais, acadêmicos, profissionais e sociais. Segundo Graner e Cerqueira (2019a), o discente dentro do contexto universitário vivencia mudanças biológicas, psicológicas e sociais durante a vida acadêmica. É na universidade que as vivências acadêmicas se desenrolam. Segundo Andrade et al. (2016) o termo vivência acadêmica surge na literatura da Psicologia aplicada ao ensino superior sendo empregado para dizer de um conjunto global de questões que se referem as experiências universitárias, dentro do ambiente universitário que retratam o desempenho e sucesso dos discentes.

A entrada no ambiente universitário se coloca como um momento de transição. Para Lameu (2016), o ingresso no ambiente universitário se apresenta como um importante e decisiva etapa da vida, e isso pode se configurar como potencial estressor, qualificando como fator que exige adaptação, podendo prejudicar a qualidade de vida. Andrade et al. (2014), em uma tentativa de entender a construção da subjetividade do sofrimento mental, os autores destacam o espaço transitório do modelo pedagógico do ensino médio e o modelo pedagógico da graduação. Segundo Da Silva (2021), ao ingressar no ambiente universitário o discente tem

seu ritmo de vida intensificado, seja pela carga horária de estudos acentuada, pelo distanciamento geográfico no núcleo familiar que acontece em alguns casos, cobranças externas da sociedade e instituição, cobranças internas como sentimentos de desapontamentos, irritabilidade, preocupação e impaciência diante a graduação.

Discorrendo sobre o conceito de qualidade de vida, Silva (2020) apresenta que não há um consenso nos dados da literatura no que diz respeito a qualidade de vida dos acadêmicos. Contudo, Da Silva (2021), demonstra que o ambiente universitário dispõe de normas, metodologias, grupos e pessoas novas, exigindo habilidades e competências profissionais e pessoais dos discentes. Esse ambiente viabiliza novas oportunidades, reconfigurações de interação social, colocando-se como um espaço de impactos positivos e negativos (DA SILVA, 2021).

Segundo Lameu et al. (2016), quando pensamos *stress*, precisamos revistar o conceito de “estressor”, que diz respeito a todo evento que de alguma maneira faz com que o organismo tenha que se adaptar, seja em eventos positivos ou negativos, internos ou externos. O ambiente universitário pode ser estressante quando não existem normas que facilitam o desenvolvimento saudável dos laços afetivos, comunicação efetiva entre discentes e docentes, pais e familiares, relações sociais e ambientais.

Para Lameu (2016), no ambiente universitário encontramos alguns tipos de estressores, sendo eles externos: atividades avaliativas, prazos de entrega, metodologias aplicadas pelo professor, aspectos se referem a moradia dentre outros, e os estressores internos: dificuldade com a assertividade, inadequação em relacionamentos, fatores relacionados a autoestima entre outros. Segundo o mesmo autor, o discente dentro do ambiente universitário encara incertezas inerentes ao próprio fazer profissional que escolheu, adaptação a novas configurações de moradia e afastamento parental.

Em consonância com essa postura, Jardim (2020) afirma que dentro de literatura os autores entendem que o ingresso e egresso na vida universitária são agravadores do adoecimento psíquico.

Desta maneira o *stress*, conforme Lameu (2016), pode se estabelecer no decorrer da graduação, desde o início com a adaptação, até nas novas configurações de relacionamento com docentes e outros discentes, na execução de responsabilidades, processos avaliativos, fadiga cognitiva, desejo de conclusão do período acadêmico dentre outros.

De acordo com Figueiredo et al. (2014) a probabilidade do surgimento de acometimentos mentais no início da vida adulta, sobretudo, no período universitário é maior. Jardim (2020) afirma que a literatura versa sobre as origens da alta prevalência de sofrimentos

mentais na população de discentes, um deles é que o ambiente universitário é um momento de transformação e transição, no qual o discente precisa se adaptar as novas formas de ensino e aprendizagem, novas configurações afetivas e relacionais. Para Jardim (2020), o acréscimo de novas demandas pode ocasionar inseguranças e conflitos que tem como produto ansiedade, estresse e depressão.

A literatura encontra uma possível explicação para essa grande prevalência. Em um primeiro momento a entrada na universidade é um período que exige do discente um alto nível de adaptação e flexibilidade. De acordo Jardim et al. (2020a) o discente precisa assimilar novas formas de ensino e aprendizagem e neste interim novas configurações afetivas se estabelecem, como a criação de novos vínculos sociais.

Segundo Jardim et al. (2020a) os discentes apontam tendências a manifestação de algum transtorno mental no decorrer da sua vida acadêmica, dentre eles o mais recorrente é a ansiedade. Acreditamos que, como citado anteriormente, o ambiente universitário traz consigo se mudanças e estressores mentais inerentes ao próprio fenômeno educacional, contudo entendemos que é também neste ambiente que ocorre o processo de amadurecimento. Sobre o conceito de amadurecimento salientamos que não o interpretamos apenas como substrato biológico, ao decorrer deste trabalho abordaremos o mesmo.

Conformem defendem Kantorski et al. (2006), é dentro dos espaços acadêmicos que se inicia a humanização dos atendimentos em um processo de ação reflexão-ação. Esses espaços são relevantes pois estimulam que os discentes pensem em suas possibilidades, necessidades e particularidades. E neste sentido o docente tem o papel de continuar o inserindo como parte desse contexto. Os resultados do processo de aprendizagem compreendem a inter-relação entre as questões pessoais do discente, sendo elas: fatores orgânicos, cognitivos, afetivos e motivacionais, também fatores que dizem respeito ao âmbito familiar e social, estratégias pedagógicas e decretos realizados pelos órgãos governamentais que norteiam o ensino. (GARCIA et al., 2020, *apud* SUHEIRO, 2006).

Para além dos discentes, Rozendo e Dias (2014), alertam que os novos modelos de trabalho, dentro dos contextos universitários, podem ser combustíveis para a exaustão e adoecimento, acarretando risco a saúde física e psíquica dos trabalhadores. Sobre os trabalhadores, neste contexto Rozendo e Dias (2014), afirmam que não existem dados na literatura suficientes sobre esse recorte.

Segundo Graner et al. (2019), através das pesquisas foi constatado que discentes com maior engajamento nas atividades acadêmicas pode ser uma das variáveis para obterem maiores

níveis de saúde mental. Verificou-se também que a percepção dos discentes a respeito de suas experiências podem refletir em sua sensação de bem-estar.

Até então, percebemos que as questões referentes à saúde mental dentro do ambiente universitário se colocam como temáticas emergentes e que se configuram como uma questão de saúde pública. Apesar de sua relevância, Dias (2006) afirma que os programas desta natureza destinados aos jovens adultos do ensino superior ainda são escassos.

Para Andrade et al. (2014) é papel das universidades tornarem os serviços de apoio psicológico coesos e integrados com os planos de ensino. Dias (2012) assegura que a implementação de programas deste tipo resulta na diminuição e intensidade da sintomatologia depressiva de discentes que participaram destes, sendo um importante instrumento no âmbito da promoção de saúde. Dessa maneira, em conformidade com o entendimento de Tenório (2016), depreendemos que seja atribuição das universidades a realização de maneira contínua reflexões que tenham como produto um despertar de consciência a respeito do seu papel na promoção, prevenção e cuidado à saúde mental dos discentes.

Neste sentido, Andrade et al. (2014) enriquece a discussão ao afirmar que as universidades devem intervir de forma ativa na oferta de serviços de apoio psicopedagógico, a fim de reconhecer, mapear e avaliar os elementos estressores. Com isso há um aprimoramento na qualidade de ensino e aperfeiçoamento pedagógico para uma melhor transição entre os distintos períodos e ciclos. Para Garcia et al. (2020) é papel das universidades a responsabilidade social de criar estratégias que possibilitem a integração dos discentes, garantindo sua permanência até a conclusão do curso.

Para elucidar o exposto, pode-se fazer referência ao pensamento de Dias (2012), que considera que a promoção de saúde mental dentro do ambiente universitário, por intermédio de programas que municiem os acadêmicos com ferramentas para identificar comportamentos de risco relativos ao sofrimento psíquico, tem surtido movimentos e esforços mundiais. Os resultados dos trabalhos analisados mostram que não existe uma unanimidade nos conceitos, mas apesar disso as publicações e trabalhos científicos vem demonstrando a importância e papel das universidades na criação de políticas públicas educacionais que são endereças ao público universitário com fins a promoção e prevenção em saúde mental.

## **4 POLÍTICAS RELACIONADAS A SAÚDE MENTAL OFERTADAS PELAS UNIVERSIDADES FEDERAIS BRASILEIRAS**

Passaremos neste momento para o capítulo 04 intitulado “Políticas relacionadas a saúde mental ofertadas pelas universidades Federais Brasileiras”, que tem como objetivo expor os resultados da busca realizada sobre as políticas ofertadas pelas Universidades Federais Brasileiras

Primeiramente para uma compreensão maior da temática, acreditamos ser importante o conhecimento das políticas educacionais em saúde mental oferecidas pelas outras Universidades Federais em território nacional, por isso, também como resultados apresentaremos todas as políticas educacionais voltadas à saúde mental, portanto, primeiramente iremos expor o levantamento de todas as Universidades Federais e depois especificamente da instituição alvo deste estudos, no qual a descrição será mais detalhada.

### **4.1 As políticas educacionais em Saúde Mental dentro das Universidades Federais brasileiras**

Segundo Dias (2012), a criação de programas que visam promover a saúde mental no contexto universitário por meio de estratégias educacionais, gestão e prevenção de questões oriundas do sofrimento psíquico representam uma preocupação global. No cenário brasileiro, encontramos frentes de trabalho semelhantes. Neste momento, vamos expor algumas iniciativas empreendidas pelas universidades públicas federais, que tem como objetivo a prestação de assistência aos discentes no que se refere ao amparo e suporte em saúde mental.

Neste momento descreveremos as ações das 69 universidades federais do Brasil relacionadas à assistência e apoio dos acadêmicos em relação à saúde mental universitária. Nosso objetivo aqui não é apresentar todos os programas, ações e eventos existentes, mas aqueles de cunho estrutural vinculados e promovidos pela universidade, encontrados nos canais oficiais de divulgação. A descrição não busca ser detalhada, apesar disso, trazendo uma visão geral das ações implementadas pelas instituições de ensino superior, tal desafio, mesmo dentro dos limites assinalados, apresenta dificuldades. Uma delas refere-se que nem todo site oficial discriminam suas políticas educacionais voltadas para a saúde mental, outra questão, essas iniciativas muitas vezes são orgânicas e espontâneas, podendo surgir sem a devida documentação nos canais oficiais, dito isso temos a consciência que muitos eventos e programas deixaram de ser mencionados diante o exposto.

#### 4.1.1 Universidades Federais da Região Centro-Oeste

A seguir vamos expor os resultados encontrados das oito universidades federais localizadas na região Centro-oeste.

A Universidade De Brasília (UnB), localizada em Brasília, conforme informações do site (<https://www.unb.br/servicos/apoio-psicologico>), possui serviço destinado ao apoio psicológico, este está vinculado a Diretoria de Atenção à Saúde da Comunidade Universitária (Dasu/DAC), também o Centro de Atendimento e Estudos Psicológicos (Caep/ip), a Unb ademais conta com atendimento especializado as comunidades LGBTQIA+, neste caso o contato pode ser realizado através da Diretoria da Diversidade (DIV/DAC).

A Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), localizada no Mato Grosso do Sul, segundo o site (<https://portal.ufgd.edu.br/programa/programas-para-comunidade-academica/atendimento-psicossocial>), conta com o Programa de Assistência Estudantil Atendimento Psicossocial, que tem como intenção promover a prestação de serviços aos estudantes nas modalidades de psicoterapia breve e plantão psicológico. O programa também oportuniza a criação de eventos psicoeducativos com a finalidade de promoção e prevenção de saúde mental universitária.

A Universidade Federal de Goiás (UFG), localizada em Goiás, segundo informações do site (<https://www.ufg.br/p/27504-assistencia-estudantil>) desfruta da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAEP), que desenvolve projetos e políticas educacionais voltadas a atender as demandas acadêmicas, dentre elas, as que referem a saúde mental, destacamos o Programa Saudavelmente, que por finalidade, desenvolve ações de perspectiva psicossocial, atuando na promoção, prevenção e cuidado em saúde mental dos universitários.

A Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), localizada em Mato Grosso, segundo o site ([https://www.ufmt.br/pro-reitoria/prae/pagina/saude/172#top\\_page](https://www.ufmt.br/pro-reitoria/prae/pagina/saude/172#top_page)), conta com a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), existe a disponibilização de um serviço de Acolhimento e Orientação Psicológica Online, criado em virtude do isolamento social imposto pela pandemia de COVID19. A UFMT conta com o projeto “Aconhega”, uma iniciativa de terapia comunitária integrativa, funcionando como um instrumento de promoção e prevenção em saúde.

A Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), localizada em Mato Grosso do Sul, segundo o site (<https://proaes.ufms.br/coordenadorias/assistencia-estudantil/sease/atendimento-em-saude/>), conta com a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis

(PROAES), que impulsiona ações voltadas à saúde mental dos estudantes, servidores e sociedade, contam com um portal virtual de saúde mental. Disponibilizam atendimentos psicológicos realizados pelas equipes de psicólogas da Secretaria de Atenção à Saúde do Estudante (SEASE) e das Unidades de Apoio para Assuntos Estudantis (UAP-AE). Os atendimentos são canalizados para as demandas pontuais e não preconizando um tratamento a longo prazo, tem como objetivo o atendimento de viés preventivo, psicoeducativo. Existe a promoção de eventos, como palestras e rodas de conversas sobre diversos temas que abraçam a saúde mental universitária.

A Universidade Federal de Catalão (UFCAT), localizada em Goiás, segundo o site (<https://catalao.ufg.br/p/41275-apresentacao-ceapsi>), conta desde 2010 com o Centro de Estudos Aplicados em Psicologia (CEAPSI) que parte do curso de psicologia da UFCAT, oferecendo apoio psicológico a sociedade e comunidade acadêmica. Os serviços oferecidos são, psicoterapia individual e grupal, plantão psicológico, serviço de orientação e grupos de atendimento psicossocial. Destacamos o Setor de Psicologia, que tem como a finalidade a promoção de saúde mental, ofertando acolhimento aos discentes enquadrados em situação de vulnerabilidade psicossocial. Disponibiliza o Serviço Social que realiza trabalhos nas questões que tangenciam as questões relativas as desigualdades socioeconômicas, políticas e culturais, dentre os serviços disponibilizados, destacamos o Atendimento Psicossocial com estudantes para o acompanhamento acadêmico. Além disso a universidade promove através de vários setores eventos, programas, palestras e a criação de material de divulgação referentes a temática de saúde mental e qualidade de vida universitária.

A Universidade Federal de Jataí (UFJ), localizada em Goiás, segundo o site (<https://copg.jatai.ufg.br/p/22836-servico-de-psicologia-aplicada-spa>), oferece a sociedade e comunidade acadêmica, diversas modalidades de atendimento relativas à saúde mental através do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), uma extensão do curso de psicologia da UFJ, o SPA disponibiliza orientação profissional, avaliação psicológica, atendimento social e comunitário, psicoterapia e atendimento educacional. Para além dos serviços citados anteriormente, o SPA também opera como um grupo de pesquisa e extensão se caracterizando como espaço para produção, desenvolvimento científico e acadêmico.

A Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), localizada no Mato Grosso, segundo o site (<https://ufr.edu.br/servicos/ceprapsi/>), desde 2007 oferece através do Centro de Práticas Psicológicas (CEPRAPSI), que dispõem de atendimentos psicoterapêuticos para sociedade e comunidade acadêmica. O centro está vinculado ao curso de psicologia da UFR e tem como

intuído a aprimoramento acadêmico e articulação das mais variadas abordagens da psicologia. A instituição ademais fomenta eventos de prevenção e promoção da saúde mental.

#### **4.1.2 Universidades Federais da Região Nordeste**

A seguir vamos expor os resultados encontrados das vinte universidades federais localizadas na região Nordeste.

A Universidade da Bahia (UFBA), localizada na Bahia, segundo o site ([https://www.ufba.br/ufba\\_em\\_pauta/programa-de-sa%C3%BAde-mental-oferece-escuta-access%C3%ADvel-toda-comunidade](https://www.ufba.br/ufba_em_pauta/programa-de-sa%C3%BAde-mental-oferece-escuta-access%C3%ADvel-toda-comunidade)), conta com o Programa de Bem-estar em Saúde mental, denominado Psiu, que está vinculado a Pró-reitoria de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil (PROAE). O programa foi lançado em 2017 e se propõe a ofertar atendimento psicológico voltado a questões pontuais da comunidade acadêmica, através de escutas terapêuticas, plantão psicológico e desenvolvimento de ações de prevenção e promoção em saúde mental.

A Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), localizada na Bahia, segundo o site (<https://ufsb.edu.br/component/content/article?id=640>), possui o órgão intitulado Coordenação de Qualidade de Vida (CQV), vinculada a Pró-reitoria de Sustentabilidade e Integração Social (PROSIS), ao qual desenvolveu e implementou a Rede Interna de Apoio à Qualidade de Vida Estudantil que tem como missão a prestação de serviços, criação de projetos e ações dentro do contexto universitário direcionadas a qualidade de vida e bem-estar. Dentre os inúmeros serviços oferecidos, destacamos o Grupo de apoio a Ansiedade (GAMA), e o Laboratório de Práticas Integrativas em Saúde (PICS).

A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), localizada na Bahia, segundo o site (<https://www.ufrb.edu.br/propaae/noticias/1198-nota-sobre-o-agendamento-para-atendimento-pelo-plantao-psicologico-da-propaae-em-cruz-das-almas>), possui a Pró-reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis (PROPAAE), que dispõem do Programa de Plantão Psicológico voltado para os estudantes, além de promover campanhas de promoção e prevenção a saúde mental.

A Universidade Federal da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), localizada no Ceará/Bahia, segundo o site (<https://unilab.edu.br/cais/>), dispõe do Centro de Atenção Integral a Saúde (CAIS), providenciando diversos serviços a sociedade e comunidade acadêmica, dentre as modalidades ofertados destacamos a Escuta Terapêutica, que tem como finalidade oferecer uma escuta acolhedora e qualificada para a demanda específica situacional.

A Universidade Federal da Paraíba (UFPB), localizada na Paraíba, segundo o site (<https://www.ufpb.br/prape>), conta com a Pró-Reitoria de Assistência e Promoção ao Estudante (PRAPE), que tem como atribuição o planejamento, coordenação e criação de atividades de assistência ao estudante universitário. Da mesma maneira o Núcleo de Acolhimento e Escuta Psicológica (Naepsi) vinculado ao departamento de psicologia, que funciona desde 2011, oferecendo o serviço de atendimento aos discentes no formato de plantão psicológico e atendimento psicoterápico.

A Universidade Federal do Cariri (UFCA), localizada no Ceará, segundo o site (<https://www.ufca.edu.br/assuntos-estudantis/atendimento-psicologico/>), dispõem da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) que viabiliza ações de fortalecimento e incentivo ao desenvolvimento acadêmico, reúnem diversos serviços de assistência estudantil no que diz respeito a apoio psicológico e qualidade de vida. Destacamos três frentes, Saúde e qualidade de Vida do Estudante, que procede na realização de campanhas, eventos de saúde, ações de prevenção ao adoecimento e encaminhamentos médicos. Atendimento psicológico, com os serviços de aconselhamento psicológico, escuta psicológica, aconselhamento profissional e grupos de promoção a saúde. A universidade também possui o atendimento psiquiátrico, que viabiliza o tratamento psicofarmacológico quando necessário.

A Universidade Federal do Alagoas (UFAL), localizada em Alagoas, segundo o site (<https://ufal.br/estudante/assistencia-estudantil/atencao-a-saude>), conta com a Unidade Docente Assistencial (UDA), com diversos serviços disponibilizados a sociedade e comunidade acadêmica dos quais destacamos o Programa Integrado de Atenção à Saúde do Estudante (PUIASE), que tem como escopo o planejamento e coordenação de ações que abarcam a proteção e promoção da saúde universitária. Dentre os serviços estão o acolhimento psicológico, que concede acolhimento, orientação e escuta psicológica aos discentes, quando apropriado se realiza o encaminhamento para a Rede de Atenção Psicossocial (RAPs). O PUIASE também disponibiliza oficinas de discussão e reflexão sobre a saúde mental universitária.

A Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), localizada na Paraíba, segundo o site (<https://www.prac.ufcg.edu.br/>), possui o Núcleo de Psicologia (Nupsi), anexado à Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários (PRAC). O núcleo promove atendimento psicológico aos estudantes universitários, realizando trabalhos assistenciais de prevenção e diagnóstico psicológico. Para além dos atendimentos, o núcleo se configura como um espaço de produção científica sobre a tônica da saúde mental.

A Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), localizada em Pernambuco, segundo o site (<https://www.ufpe.br/proaes/nase>), conta com o Núcleo de Atenção à Saúde do Estudante (NASE), que executa as diretrizes do Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), ligado a Pró-reitoria para Assuntos Estudantis (PROAES). O NASE conta com atendimentos em Psicologia, Psiquiatria, Clínica Médica, Enfermagem, Nutrição e Serviço Social. Além disso, o núcleo oferece outras atividades e ações, como por exemplo, acolhimento psicológico, aconselhamento sobre questões envolvendo a sexualidade, campanhas de promoção à saúde e vacinação, grupos terapêuticos e atendimento às mulheres vítimas de violência.

A Universidade Federal de Sergipe (UFS), localizada em Sergipe, segundo o site (<https://proest.ufs.br/pagina/28-seja-bem-vindo-a-pagina-da-proest>) conta com a Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (PROEST), acoplado a Coordenação de Assistência e Integração do Estudante (CODAE), que oferta apoio psicossocial aos universitários, e tem como desígnio prestar assistência aos estudantes através de atendimentos psicoterápicos, visitas domiciliares e eventos sobre a temática do âmbito da saúde mental, levando em consideração as demandas de aproveitamento acadêmico e relacionamento interpessoal, oportunizando uma maior integração ao ambiente universitário.

A Universidade Federal do Ceará, localizada no Ceará, segundo o site (<https://prae.ufc.br/pt/>), tem a Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), incluindo a iniciativa do Programa de Qualidade de Vida Estudantil (MapSaúde), que tem por atribuição a coleta, organização e divulgação de informações a respeito de projetos e ações que possam contribuir positivamente para a qualidade de vida dos estudantes universitários. Além disso, o projeto Acompanhamento Psicológico para Estudantes (APE), que compreende ações relacionadas a questões de aprendizagem, fracasso escolar e inquietações de ordem interpessoal e intrapessoal. Destacamos a iniciativa Acompanhamento ao Estudante (DAE) que está relacionada à Coordenadoria de Assistência Estudantil (CASE), que realiza o acompanhamento psicológico e psicossociais de acadêmicos desde 1987, com serviços de acolhimento, acompanhamento psicopedagógico, atendimento psicológico, psicanalítico e atividades em grupo. Por fim, gostaríamos de mencionar a iniciativa denominada Observatório da Vida Estudantil (OBSERVAÊ), que tem como alvo a sistematização, levantamento e disseminação de informações de interesse ao estudante universitário contribuindo para a adesão dos estudantes as políticas públicas de inclusão social.

A Universidade Federal do Maranhão (UFMA), localizada no Maranhão, segundo o site ([https://portais.ufma.br/PortalProReitoria/proaes/p%C3%A1ginas/pagina\\_estatica.jsf?id=942](https://portais.ufma.br/PortalProReitoria/proaes/p%C3%A1ginas/pagina_estatica.jsf?id=942)), dispõe da Pró-reitoria de Assistência Estudantil (PROAES), com a missão de prestar atenção aos

acadêmicos, em especial os em situação de vulnerabilidade socioeconômica, viabilizando que eles tracem um percurso acadêmico de êxito. Conta com o Serviço de Apoio Psicopedagógico (SAPsi), que se presta a oferecer ações de acolhimento e orientação psicológicas aos acadêmicos com caráter clínico, psicoterapêutico de viés adaptativo e preventivo. Dentre seus braços de atuação se encontram projetos de orientação individual, oficinas e minicursos, eventos de psicoeducação, grupos terapêuticos e eventos de discussão científica e profissional.

A Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), localizada na Bahia, segundo o site (<https://ufob.edu.br/a-ufob/servicos/assuntos-estudantis>), conta com a Diretoria de Ações Afirmativas e Assuntos Estudantis (PROAE), que propicia inúmeras frentes de visam prestar apoio ao estudante universitário, como por exemplo, apoio pedagógico, serviço de nutrição, acompanhamento acadêmico, promoção de eventos, ações afirmativas e o serviço de psicologia ao qual destacaremos. O serviço de Psicologia oferece atendimentos psicológicos individuais e coletivos aos estudantes de universidade. A UFOB dispõe ainda da Liga Acadêmica de Psiquiatria e Saúde Mental (LAPSAM), que tem como objetivo a propagação de informações referentes a saúde mental para a comunidade acadêmica.

A Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), localizada no Rio Grande do Norte, segundo o site (<https://proae.ufrn.br/>), tem a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PROAE) que conta com o Serviço de Psicologia Aplicada (SEPA), vinculado ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), desenvolvem eventos de promoção e prevenção da saúde mental universitário. A UFRN, também conta com o Observatório de Saúde Mental (OBSAM), vinculado ao Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva (NESC) e ao departamento de Saúde Coletiva (DSC), traz o objetivo de estabelecer uma rede de atenção psicossocial através da pesquisa, ensino e extensão, com a finalidade de aperfeiçoar as condições de saúde mental e qualidade de vida.

A Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), localizada em Pernambuco, Bahia e Piauí, segundo o site (<https://portais.univasf.edu.br/proae>), conta com a Pró-reitoria de Assistência Estudantil (PROAE), dispõe do Centro de Práticas em Psicologia (CEPPSI), criado em 2009 para atender as demandas acadêmicas dos estudantes que necessitavam de apoio psicológico. Também destacamos o Núcleo de Cuidado ao Estudante Universitário do Semiárido (NUCEU), que disponibiliza serviços de atendimento psicológico na modalidade presencial e virtual, além da promoção de eventos de promoção e prevenção em saúde mental.

A Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), localizada em Pernambuco, segundo o site (<http://www.progesti.ufrpe.br/>), possui a Pró-reitoria de Gestão Estudantil e

Inclusão (PROGEST), que providencia o acompanhamento e atendimento psicológico prioritariamente para os acadêmicos inseridos nos programas de Assistência Estudantil, o serviço é garantido na modalidade de plantão psicológico. A UFRPE também conta com o Ambulatório de Psicologia, com atendimentos clínicos na modalidade presencial, acolhimento psicológico e orientação para a sociedade e comunidade acadêmica, além da criação de eventos de promoção e prevenção em saúde mental dentro de uma perspectiva multidisciplinar.

A Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), localizada no Rio Grande do Norte, segundo o site (<https://proae.ufersa.edu.br/sobre-a-proae/>), conta com a Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (PROAE), oferecendo o Serviço de Psicologia, que por finalidade ocupa-se em desenvolver ações preventivas e de promoção da saúde mental universitária, criando estratégias de mediação as questões interpessoais e intrapessoais, com atividades individuais e grupais. Os serviços ofertados são o plantão psicológico, grupos de apoio, mediação de conflitos, apoio psicopedagógico, desenvolvimento de pesquisas científicas e orientação. Destacamos o projeto Conte Comigo, idealizado pelos docentes, que sensibilizados com a adaptação dos discentes ao ambiente universitário disponibilizam semanalmente um horário em suas agendas para receber aqueles que querem receber orientações e acolhimento mediante agendamento.

A Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE), localizada em Pernambuco, segundo o site (<http://ufape.edu.br/pro-reitoria-assistencia-estudantil>), conta com a Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (PRAE), dispõem da Seção de Assistência Psicossocial que disponibiliza o serviço de atendimento psicológico online para estudantes, promove ações pontuais de conscientização e promoção da saúde mental. Destacamos que dentro da estrutura de administrativa se encontrou a Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEPE) que dispõe do departamento de qualidade de vida (DQV), da sessão de Assistência Psicossocial, da sessão de Qualidade de Vida e Responsabilidade Social, todavia, não foram encontrados projetos, programas, ou iniciativas sobre a temática saúde mental, nos sites oficiais contêm essas informações.

A Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDFPar), localizada no Piauí, segundo o site (<http://ufape.edu.br/pro-reitoria-assistencia-estudantil>), detêm a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), que elabora ações de promoção e prevenção em saúde mental. A universidade porta o centro integrado de especialidades em parceria com a Secretaria de estado de saúde do Piauí, ofertando múltiplos serviços para a população e comunidade acadêmica, como por exemplo, apoio psicológico. Destacamos o Serviço Escola de Psicologia (SEP), que opera nos moldes de uma clínica escola com atividades voltadas para ensino, pesquisa e

extensão, oferecendo serviços gratuitos como avaliação psicológica, atendimento psicoterápico individual, grupal, terapia de casal e plantão psicológico.

#### **4.1.3 Universidades Federais da Região Norte**

Agora iremos descrever os resultados encontrados das onze universidades federais localizadas na região Norte.

A Universidade Federal de Rondônia (UNIR), localizada em Rondônia, segundo o site (<https://procea.unir.br/homepage>), conta com a Pró-reitoria de Cultura, Extensão e Assuntos Estudantis (PROCEA), que dispõe do Serviço de Apoio Psicossocial (SAP), que se caracteriza pela prestação de acolhimento, atendimento psicossocial preventivo, informativo e orientativo destinado aos discentes, promovendo a promoção e prevenção da saúde mental universitária. Conta também com o Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), anexado ao curso de Psicologia, oferecendo serviços a sociedade e comunidade acadêmica através da Clínica Escola de Psicologia.

A Universidade Federal de Roraima (UFRR), localizada em Roraima, segundo o site (<https://ufrr.br/prae/apresentacao>), conta com a Pró-reitoria de Assuntos Estudantis e Extensão (PRAE), em 2021 foi criada a Comissão de Atenção à Saúde Mental da Universidade para responder as demandas relativas à saúde mental universitária. Existe além disso a Divisão de Acompanhamento Social e Psicopedagógico (DASP), que realiza eventos de prevenção e promoção da saúde mental, assim como a divulgação de material informativo sobre a temática. Salientamos o Serviço de Atendimento Psicológico (SAP), onde é oferecido atendimento psicoterápico individual emergencial, grupos terapêuticos, aconselhamento psicológico e ludoterapia, vinculado a Clínica Escola de Psicologia, sendo os serviços ofertados a sociedade e comunidade acadêmica.

A Universidade Federal do Acre (UFAC), localizada no Acre, segundo o site (<http://www2.ufac.br/cfch/psicologia/escola-de-psicologia>), conta com a Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (PROAES), detendo o Núcleo de Apoio à inclusão (NAI), criado em 2008, oferece variados serviços à comunidade acadêmica, ao qual evidenciamos o Serviço de Atenção Psicológica (SAP), com prioridade ao auxílio de alunos assistidos pelo NAI, disponibilizando atendimento psicoterápico individual para as demandas relativas ao sofrimento psíquico. Evidenciamos o Serviço Escola de Psicologia (SERPSI), anexado ao curso de Psicologia, dispendo de atendimento a sociedade e comunidade acadêmica, com os serviços de plantão

psicológico, psicoterapia individual, psicoterapia grupal, avaliação psicologia, eventos de promoção e prevenção em saúde mental.

A Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), localizada no Amapá, segundo o site (<http://www.unifap.br/proeac-pro-reitoria-de-extensao-e-acoes-comunitarias/>), conta com a Pró-Reitoria de Extensão e Ações Comunitárias (PROEAC), viabilizando o atendimento psicológico remoto aos universitários. Conta com o Programa de Integração Relacional Psicossocial. Não foi encontrado mais informações a respeito de programas e ações desta natureza.

A Universidade Federal do Amazonas (UFAM), localizada no Amazonas, segundo o site (<https://progesp.ufam.edu.br/programas-e-auxilios.html>), dispõe da Pró-reitoria de Gestão de pessoas (ProGesP), concedendo os serviços de assistências estudantil para acadêmicos. Conta com a Coordenação de Desenvolvimento Estudantil (CDE), responsável pelo planejamento e implementação de ações voltadas a qualidade de vida acadêmica. Salientamos o Serviço de Psicologia do Departamento de Assistência Estudantil (DAEST), oferecendo acompanhamento psicológico breve. Outro departamento que vale a pena mencionar é o Saúde e Qualidade de Vida (DSQV), que viabiliza o planejamento e execução de políticas sociais visando uma maior qualidade de vida da comunidade acadêmica.

A Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), localizada no Pará, segundo o site (<http://www.ufopa.edu.br/proges/>), conta com a Pró-Reitoria de Gestão Estudantil (PROGES), anexando o Núcleo de Psicologia (NUPSI), tem como intenção a criação e desenvolvimento de estratégias para promoção e prevenção da saúde mental dentro do contexto universitário, oportunizando a escuta de seus beneficiários. Oferece serviços de Atendimento Individual em Psicologia Escolar, atendimento grupal através do Projeto Círculo Acolhedor, que fomenta a criação de grupos terapêuticos de compartilhamento e reflexão.

A Universidade Federal do Pará (UFPA), localizada no Pará, segundo o site (<https://www.saest.ufpa.br/portal/>), conta com a Superintendência de Assistência Estudantil (SAEST), que promove ações em prol da qualidade de vida e saúde mental dos universitários, com a criação de materiais e campanhas na finalidade de propagar informações e conteúdos alusivos à temática saúde mental. Oferece canais de acolhimento psicológico para a comunidade acadêmica, através de atendimento clínico na modalidade virtual e presencial, cartilhas psicoeducativas e plantão psicológico.

A Universidade Federal do Tocantins (UFT), localizada em Tocantins, segundo o site (<https://ww2.uft.edu.br/proest>), conta com a Pró-reitoria de Assistência Estudantil (PROEST), que oferta, desde 2018, o Programa Mais Vida, voltado a toda comunidade acadêmica

interessada em atividades de promoção de saúde física e mental, neste sentido, o programa viabiliza a criação de espaços terapêuticos, material informativo gerando a promoção e prevenção em saúde mental. A UFT realiza o projeto de atendimento psicoemocional com atendimentos na modalidade presencial e virtual vinculados ao curso de Psicologia.

A Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), localizada no Pará, segundo o site (<https://proaes.ufra.edu.br/>), conta com a Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (PROAES), desenvolvendo planos, projetos e programas de vertente psicossocial e pedagógica voltadas para a promoção e prevenção em saúde mental, disponibilizando atendimento psicológico nas modalidades de atendimento presencial e virtual com o objetivo de atender as demandas dos universitários e comunidade acadêmica. Existe iniciativas de criação e divulgação de material psicoeducativo. Destacamos o projeto Psicologando, que tem como finalidade a disseminação de informações importantes através do formato *podcasts*.

A Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), localizada no Pará, segundo o site (<https://proex.unifesspa.edu.br/proex/apresentacao-proex.html>), detêm a Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis (PROEX), realiza campanhas de promoção e prevenção de saúde mental. A Universidade também conta com o Instituto de Estudos em Saúde e Biológicas (IESB) e o Núcleo de Estudos de Psicanálise da Faculdade de Psicologia (FAPSI), que ofertam atendimento psicoterápico a sociedade e comunidade acadêmica, também a realização de oficinas terapêuticas e grupos operativos. Destacamos as ações da Pró-Reitoria de Desenvolvimento e Gestão de Pessoas (PROGEP), com a Divisão de Saúde e Qualidade de vida (DSQV), que apesar de ser um grupo com políticas estratégicas de atenção à saúde e qualidade de vida voltadas para os trabalhadores da universidade, e não para os discentes, não poderíamos deixar de destacar tal iniciativa.

A Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), localizada no Tocantins, segundo o site (<https://ww2.uft.edu.br/index.php/proest/saude/107-assuntos/proest>), tem a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PROEST). Destacamos o programa Mais Vida, programa de promoção a vida e a saúde mental criado em 2018 vinculada à pró reitoria de graduação se propõe a integrar toda a comunidade acadêmica em espaços de promoção de saúde física e mental oferecendo informação e criando estratégias de enfrentamento aos problemas relativos à saúde mental e sofrimento psíquico. A universidade também oferece através da A Coordenação de Estágio e Assistência Estudantil (COEST), atendimento e serviço de apoio social pedagógico e psicológico aos estudantes universitários.

#### 4.1.4 Universidades Federais da Região Sudeste

A seguir iremos descrever os resultados encontrados das dezenove universidades federais localizadas na região Sudeste.

A Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), localizada em Minas Gerais, segundo o site (<https://www.unifal-mg.edu.br/prace/pro-reitoria/>), desde 2010 possui a Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (PRACE), que detém o Departamento de Apoio e Acompanhamento, oferece aos estudantes universitários atendimento pedagógico, psicológico, psiquiátrico e a criação e divulgação de materiais de apoio ao percurso acadêmico.

A Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), localizada em Minas Gerais, segundo o site (<https://unifei.edu.br/social/diretoria-de-assuntos-estudantis/assistencia-estudantil/pnaes/>), dispõem da Diretoria de Assuntos Estudantis (DAE), que oferta o Serviço de Psicologia, fomentando ações voltadas a melhora e manutenção da qualidade de vida dos discentes, servidores e toda comunidade acadêmica, elaborando, executando e avaliando as atividades de assistência psicológica, viabilizando campanhas de promoção e prevenção de saúde mental universitária, orientações, estudos científicos e encaminhamentos para serviços públicos de saúde. Destacamos os projetos “Oficinas Temáticas”, projeto de extensão que visa a criação e implementação de estratégias para superação de dificuldades ocasionadas pelas vivências acadêmicas. Projeto “Longe de Casa”, que trabalha com os estudantes recém matriculados temáticas apropriadas a esse momento, como as mudanças e adaptações do novo momento de ingresso na universidade. Por fim o projeto de “Plantão Psicológico” disponibilizado aos alunos.

A Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), localizada em Minas Gerais, segundo o site (<https://www2.ufjf.br/proae/>), conta com a Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (PROAE), que dispõem do serviço de atendimento psicológico em caráter emergencial na modalidade de plantão psicológico para os estudantes da universidade. Além disso a UFJF tem o Centro de Psicologia Aplicada da UFJF (CPA) desde 1996, que oferta atendimento psicoterápico na modalidade clínica, grupal, avaliações psicológicas, orientação profissional, vocacional e produções científicas. Destacamos outras iniciativas, por exemplo, o projeto “Grupo de Tímidos” que proporciona atendimentos grupais orientados a abordar as relações interpessoais, ansiedade e fobia social. O Projeto “Ambulatório Trans”, que oferece tratamento e acompanhamento psicanalítico para pacientes transgêneros. A frente “Álcool e Saúde”, que se propõem a oferecer tratamento psicoterapêutico presencial ou virtual para homens com problemas a respeito do uso de álcool. A frente “Homens Agressores”, que funciona com grupos

de homens que ocasionaram episódios de violência contra a mulher e a família. O Projeto “Clarices”, que realiza atendimento psicológico para mulheres que enfrentam dificuldades relacionadas ao uso de álcool e outras drogas em modalidade grupal e individual.

A Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ), localizada em Minas Gerais, segundo o site (<https://ufsj.edu.br/proae/>), possui a Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (PROAE), que oferece programas e ações de atenção à saúde mental com perspectiva multiprofissional, como o programa “Acolher”, que disponibiliza um espaço para escuta psicológica e acolhimento, além de atendimento psicoterápico para os discentes e comunidade acadêmica. A UFSJ também conta com o Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) ligado ao curso de Psicologia, ofertando atendimento à população e comunidade acadêmica, favorecendo campanhas de conscientização sobre a temática saúde mental.

A Universidade Federal de Lavras (UFLA), localizada em Minas Gerais, segundo o site (<https://praec.ufla.br/>), conta com a Pró-reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários (PRAEC), dispendo do Núcleo de Saúde Mental da Universidade Federal de Lavras (NSM), que se caracteriza como um espaço de promoção de ações e oferta de serviços para a melhoria da qualidade de vida da comunidade acadêmica, bem como a saúde mental neste contexto, destina-se a estudantes de graduação e pós-graduação, oferecendo acompanhamento psicológico, psiquiátrico, além de promover eventos, ações e campanhas relativas à saúde mental e qualidade de vida. Desenvolve também com canais de divulgação, como mídias sociais e o podcast “Saúde Mental em Foco”.

A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), localizada em Minas Gerais, segundo o site (<https://ufmg.br/vida-academica/apoio-a-permanencia/apoio-a-saude-mental>), tem a Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), que conta com o Setor de Orientação e Acolhimento, um espaço de diálogo e orientação aos estudantes universitários que apresentam dificuldades com a vida acadêmica, saúde mental e proteção social. Dispõem da Comissão Permanente de Saúde Mental, que atua como fórum de criação de ações e políticas relacionadas à saúde mental. A universidade possui com um canal exclusivo na internet (<https://www.ufmg.br/saudemental/>) com várias informações e conteúdo psicoeducativos abrangendo todos os âmbitos da vida acadêmica, pessoal, profissional e familiar. A universidade conta com um amplo leque de serviços de atendimento psicológico, com espaços coletivos, atendimentos clínicos, grupos de estudo, grupos terapêuticos e programas. Destaca-se o Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), Plantão psicológico e em especial a Faculdade de Medicina (FM), conta desde 2004 Núcleo de Apoio Psicopedagógico ao Estudante da FM-UFMG (NAPEM). O núcleo além de oferecer serviços de apoio psicológico as demandas

oriundas dos discentes relativas à saúde mental, se debruça na realização de pesquisas com intuito de levantar os elementos desencadeadores de sofrimento psíquico, bem como ações de prevenção.

A Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), localizada em Minas Gerais, segundo o site (<https://prace.ufop.br/assistencia-estudantil>), conta com a Pró-reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (PRACE), ofertando o acolhimento psicológico individual de caráter pontual e breve, não ofertando a psicoterapia de longo prazo. A UFOP conta ainda com a Liga Acadêmica de Saúde Mental (LASM) que objetiva aprofundar os estudos sobre os temas que abrangem a saúde mental, promovendo também campanhas e eventos com intuito de promover reflexões, discussões e disseminação de informações relativas à saúde mental.

A Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), localizada em São Paulo, segundo o site (<https://www.proace.ufscar.br/>), dispõe da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (PROACE), que realiza ações voltadas a promoção, prevenção e recuperação da saúde mental. A universidade tem o Departamento de Atenção à Saúde (DeAS), que reúne serviços para sociedade e comunidade acadêmica de ambulatório interdisciplinar de saúde mental, ambulatório de homeopatia, psicoterapia para adultos, terapia ocupacional e atendimentos de grupos terapêuticos. Destacamos que a universidade conta com a “Comissão para Estudo de Política de Saúde Mental Para a UFSCar”.

A Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), localizada em São Paulo, segundo o site (<https://www.unifesp.br/reitoria/prae/>), possui a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) anexo a Coordenadoria de Atenção à Saúde do Estudante, apresentando a finalidade de desenvolver estratégias orientadas a saúde do estudante universitário, seguindo os preceitos da saúde coletiva potencializando a autonomia do universitário, além de articular ações na comunidade acadêmica a respeito de políticas e questões ligadas à saúde. Conta com o Serviço de Atenção Psicossocial Integrada em Saúde (SAPIS), oferecendo grupos de escuta, acolhimento, orientação e encaminhamento.

A Universidade Federal de Urubelândia (UFU), localizada em Minas Gerais, segundo o site (<https://ufu.br/assistencia-estudantil>), conta com a Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (PROAE), que tem programas voltados para a qualidade de vida acadêmica, por exemplo, o Programa de Saúde Física, destinado a implementação de medidas que viabilizem a manutenção e ou recuperação da saúde física dos estudantes universitários e o Programa de Saúde Mental, que tem o papel de promoção e prevenção com ações em saúde mental à comunidade discente, nos âmbitos preventivo, educativo e terapêutico.

A Universidade Federal de Viçosa (UFV), localizada em Minas Gerais, segundo o site (<https://www.ufv.br/assistencia-estudantil/>), dispõe da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários (PCD) com a Divisão Psicossocial (DVP), que atua na promoção de ações encaminhadas ao bem-estar, qualidade de vida e saúde mental da comunidade acadêmica, disponibilizando serviços de psicologia, psiquiatria e serviço social. Oferece atendimentos individuais nas modalidades presenciais e virtuais, grupos terapêuticos e oficinas. A divisão também opera no desenvolvimento de ações institucionais de promoção de saúde mental.

A Universidade Federal do ABC (UFABC), localizada em São Paulo, segundo o site (<http://proap.ufabc.edu.br/bolsas-socioeconomicas/bolsas-e-auxilios>), tem a Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Políticas Afirmativas (ProAP), responsável por ações dos âmbitos da promoção à saúde, esportes, lazer e atendimento psicossocial. A UFABC oferece serviço de acolhimento psicológico pontual como estratégia de apoio a situação de sofrimento psíquico derivadas de questões pessoais e acadêmicos. Também fomenta ações coletivas desenvolvidas por uma equipe psicossocial com o intuito de promover cuidado e formação de vínculos na comunidade acadêmica através de encontros temáticos, oficinas criativas, rodas de conversa e grupos de escuta.

A Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), localizada no Espírito Santo, segundo o site (<https://www.ufes.br/pr%C3%B3-reitoria-de-assuntos-estudantis-e-cidadania-proaeci>), conta com a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Cidadania (PROAECI) e com o Núcleo de Psicologia Aplicada (NPA) vinculado ao Curso de Psicologia, promove ações de pesquisa, ensino e extensão, oferta serviços psicológicos para a sociedade e comunidade acadêmica, com atendimentos clínicos na modalidade virtual e presencial, cria materiais informativos, campanhas de prevenção e promoção da saúde mental universitária.

A Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), localizada no Rio de Janeiro, segundo o site (<http://www.unirio.br/prae>), detém a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), que possui em sua estrutura o Setor de Apoio Psicológico (SEPSI), apresentando a função de auxiliar na melhora do desempenho acadêmico estimulando novas relações entre a universidade e o universitário, quando necessário o aluno poderá solicitar apoio psicológico. O setor tem a função de viabilização de eventos e criação de materiais relativos à saúde mental. Destacamos que a universidade também conta com o Núcleo de Apoio Psicológico ao Servidor (NAPS), anexado à Diretoria de Desenvolvimento de Pessoas (DDP) e à Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEPE).

A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), localizada no Rio de Janeiro, segundo o site (<https://xn--polticasestudantis-jyb.ufrj.br/index.php/apresentacaocoordenacao>),

conta com a Pró-Reitoria de Políticas Estudantis (PR-7). A universidade dispõe da Divisão de Psicologia Aplicada Prof.<sup>a</sup> Isabel Adrados (DPA), que está vinculada ao Instituto de Psicologia, oferece para a sociedade e comunidade acadêmica uma série de serviços, dos quais destacamos o atendimento psicoterápico nas modalidades virtual ou presencial, sejam individuais ou em grupo, acolhimento psicológico, psicodiagnóstico e avaliação neuropsicológica. A universidade também promove eventos de conscientização e psicoeducação no que diz respeito à saúde mental.

A Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), localizada em Minas Gerais, segundo o site (<https://www.uftm.edu.br/bolsas>), conta com a Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (PROACE), com a alça do Núcleo de Atenção Estudantil em Saúde (NAES), que viabiliza eventos de promoção, prevenção em saúde e qualidade de vida universitária, por exemplo, a “Semana Temática de Saúde do Universitário”, o “Espaço Conviver” para os alunos compartilharem seus medos, sentimentos, experiências e inquietações. Conta com a Liga Acadêmica de Saúde Mental e Psiquiatria (LASMP), o Núcleo de Assistência Estudantil em Saúde que se propõem a prestar assistência biopsicossocial com ênfase na prevenção de riscos e na promoção de saúde oferecendo uma abordagem multiprofissional e humanizada com atendimento médico, enfermagem, fisioterapêutico, nutricional e atendimento psicológico individual e grupal. Destacamos o Centro de Estudos e Pesquisa em Psicologia Aplicada (CEPPA) com oferta de atendimentos psicoterápicos.

A Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), localizada em Minas Gerais, segundo o site (<http://www.ufvjm.edu.br/proace/>), tem a Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (PROACE) e a Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEP), oferece atendimento psicológico individual através da “Sessão de Promoção à Saúde Mental” (SPS/DASA/PROGEP), para estudantes e toda comunidade acadêmica. A universidade fomenta eventos com o intuito de promoção, prevenção em saúde mental e qualidade de vida universitária, através de palestras, rodas de conversas, produção de matérias e cursos.

A Universidade Federal Fluminense (UFF), localizada em Rio de Janeiro, segundo o site (<https://www.uff.br/?q=grupo/assuntos-estudantis>), conta com a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PROAES), em 2019 foi lançado o Programa de Prevenção e Atenção à saúde mental dos Estudantes da UFF, oferecendo uma gama de serviços e ações de promoção, prevenção de saúde e qualidade de vida acadêmica, destacamos o serviço de “Acolhimento ao Estudante”, que é disponibilizado aos estudantes que procuram o serviço de forma espontânea. O Ambulatório Clínico do Serviço de Psicologia Aplicada com atendimentos na modalidade de

psicoterapia clínica individual. A UFF dispõe da Divisão de Atenção à Saúde do Estudante, vinculada à Coordenação de Apoio Social da PROAES, com o serviço de “Escuta psicológica” para questões situacionais envolvendo demandas relativas as vivências acadêmicas. A universidade promove eventos diversos para a comunidade acadêmica visionando a promoção, prevenção em saúde mental e qualidade de vida universitária, dos quais destacamos as iniciativas “promover bem-estar e cuida da saúde mental materna”, ofertando orientação e escuta psicológica personalizada para mulheres que estão em fase de maternidade e pós-parto. O projeto da PROEX que aborda a temática sobre a Violação dos Direitos das pessoas LGBTQIA+ e reflexões sobre saúde mental.

A Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), localizada no Rio de Janeiro, segundo o site (<https://portal.ufrj.br/pro-reitoria-de-assuntos-estudantis/>), conta com a Pró-reitora de Assuntos Estudantis (PROAES), dispendo dos Serviços de Apoio Psicológico e Social à comunidade Acadêmica com ações de promoção e prevenção em saúde mental no contexto universitário. Os serviços oferecidos são a terapia comunitária, atendimento emergencial 24 horas, o projeto de plantão psicológico, projeto habitar PSI funcionando como grupo terapêutico de vivências para universitários, o serviço escola de psicologia (SEPsi) oferecendo atendimentos psicológicos através da clínica escola de psicologia para sociedade e comunidade acadêmica, a rede de atendimento psicológico (RAP) com atendimentos semanais na modalidade virtual. A UFRRJ tem a divisão de Acolhimento, Assistência Médica e Social aos estudantes, com a finalidade de promover ações de acolhimento visando melhorar a qualidade de vida e a permanência no ambiente universitário, para isso conta com o apoio da Divisão Multidisciplinar de Assistência ao Estudante (DIMAE), do Setor de Apoio Psicossocial ao Estudante (SAPE), e Setor de Atenção Especial ao Estudante (SAEE) para a execução de ações, por exemplo, a semana de acolhimento aos estudantes recém matriculados, campanhas educativas nos alojamentos, pesquisas sobre qualidade dos serviços, atendimentos e terapias alternativas.

#### **4.1.5 Universidades Federais da Região Sul**

E por fim, a seguir iremos descrever os resultados encontrados das onze universidades federais localizadas na região Sul.

A Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), localizada no Paraná, segundo o site (<https://portal.utfpr.edu.br/alunos/servicos/assistencia-estudantil>), detém a Comissão Permanente de Promoção de Saúde Mental e Qualidade de Vida que não oportuniza

realiza atendimentos clínicos, contudo, realiza encaminhamentos a serviços na área de saúde mental, por exemplo, a buscar pelo Núcleo de Acompanhamento Psicopedagógico e Assistência Estudantil (NUAPE). Algumas das ações desenvolvidas pelos profissionais de psicologia são o acolhimento inicial, avaliação da demanda, estratégias de auxílio para adaptação da vida acadêmica, atendimento para alunos com demandas de dificuldades de concentração atenção e orientação profissional, a prestação de atendimento, orientação para os pais dos alunos e acompanhamento acadêmico para os alunos que estão sendo assistidos pelo acompanhamento clínico e psiquiátrico.

A Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), localizada nos estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, segundo o site (<https://www.uffs.edu.br/institucional/pro-reitorias/assuntos-estudantis/preciso-de-ajuda-covid19>), tem a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PROAE) e os Setores de Assuntos Estudantis (SAEs) de cada campus da universidade, dentro de suas ações estão o Programa de Acompanhamento Pedagógico e Psicossocial (PAPP), configurando-se como um serviço de suporte pedagógico aos universitários que apresentem dificuldades de aprendizagem, colaborando para a redução dos índices de retenção e evasão, aprimorando o desempenho acadêmico discente. O Programa de Promoção à Saúde do Estudante (PPSE), consiste na mediação do acesso da comunidade estudantil aos serviços de saúde, às informações, encaminhamentos necessários e à promoção de saúde, dentre os serviços está o de atendimento clínico com psicólogos. A UFFS fomenta a criação de ações, por exemplo, palestras seminários que encontros para discussão da temática saúde mental na universidade.

A Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), localizada no Paraná, segundo o site (<https://portal.unila.edu.br/prae>), conta com a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), que dentre suas atribuições está a realização do acolhimento do discente através de ações, auxílios e atendimentos de profissionais da Psicologia, Enfermagem, Medicina e do Serviço Social. Destacamos a Seção de Psicologia (SEPSICO), vinculada ao Departamento de Apoio ao Estudante (DEAE) que promove a criação e viabilização de estratégias de prevenção, promoção e restabelecimento da saúde. Um dos serviços oferecidos é o de atendimento psicológico individual, criação de atividades coletivas, grupos terapêuticos e acolhimento psicológico. A UNILA promove constantes eventos com intuito de promover e prevenir questões relativas à temática da saúde mental dentro do contexto universitário.

A Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), localizada no Rio Grande do Sul, segundo o site (<https://www.ufcspa.edu.br/vida-academica/saude-e>

bem-estar/nap), conta com o Núcleo de Apoio Psicopedagógico (NAP), que tem por finalidade o desenvolvimento de ações psicopedagógica e acolhimento das demandas da comunidade acadêmica com olhar específico a promoção de saúde e atividades que aprimorem a qualidade de vida e desempenho acadêmico. Possui as ligas de Psicologia Comportamental da UFCSPA (LIPSIC) e a Liga de Psiquiatria e Saúde mental (LIPSAM). A UFCSPA desenvolve ações informativas, palestras, comunicações, e rodas de conversas periódicas a respeito da temática de saúde mental, realizando assim eventos de promoção e prevenção sobre o tema. Destacamos programas como o “Pílulas de Humanidades”, ação do Departamento de Educação e Humanidades que visa contribuir para o bem-estar social através de temáticas reflexivas a respeito das condições humanas e o programa “Respira e não pira”, um projeto institucional para debater temas relevantes a vida acadêmica e as novas condições frente ao cenário pandêmico.

A Universidade Federal de Pelotas (UFPel), localizada no Rio Grande do Sul, segundo o site (<https://wp.ufpel.edu.br/prae/>), tem a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), conta com o serviço de Acolhimento em Saúde Mental fruto das iniciativas do Núcleo Psicopedagógico de Apoio ao Discente (NUPADI), por finalidade oferece amparo e apoio emocional aos universitários, os atendimentos são de caráter pontual e não tem estimativa de delongamento como uma psicoterapia. Detêm os Grupos de Prevenção em Saúde, que têm em vista promover atividades de bem-estar e saúde geral para os acadêmicos. A UFPel possui o Núcleo de Saúde Mental, Cognição e Comportamento (NEPSI), por finalidade busca o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão, oferecendo atendimentos clínicos a sociedade e comunidade acadêmica, bem como a realização de eventos, palestras, e criação de material científico sobre as temáticas que tangem a saúde mental.

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), localizada em Santa Catarina, segundo o site (<https://prae.ufsc.br/>), dispõe da Pró-Reitoria de Permanência e Assuntos Estudantis (PRAE), que oportuniza a existência do Serviço de Atenção Psicológica (SAPSI), ligado ao Departamento de Psicologia, funciona como clínica-escola ofertando atendimento a sociedade e comunidade acadêmica. Os universitários têm acesso aos serviços de psicoterapia individual com periodicidade semanal ou quinzenal, Acolhimento Psicológico na metodologia de atendimento em sessão única, destacamos que essa modalidade tem uma subdivisão para acolhimento psicológico Geral e Acolhimento Psicológico ao Luto. A UFSC conta com o Grupo de Pesquisas em Políticas Públicas de Saúde/ Saúde Mental (GPPS), criado em 2023 para viabilizar pesquisas relacionadas à saúde mental e à atenção psicossocial. Existe o

Departamento de Atenção à Saúde (DAS), que fomenta inúmeras atividades de promoção e prevenção em saúde geral e saúde mental e qualidade de vida universitária.

A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), localizada no Rio Grande do Sul, segundo o site (<https://www.ufsm.br/pro-reitorias/prae>), conta com a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), que viabiliza a existência do Setor de Atenção Integral ao Estudante (SATIE), serviço que pretende oferecer atenção ao estudante universitário em situação de vulnerabilidade, ofertando ações individuais e coletivas com o intuito de uma melhora no desempenho acadêmico. Os serviços oferecidos são as oficinas de expressão artística, cultural e esportiva que propõem atividades que visam o bem-estar e a qualidade de vida dos universitários, o programa de Acolhimento Psicológico ofertando um espaço de escuta e apoio aqueles que estejam em sofrimento psíquico. A UFSM detém também a Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia (CEIP), que oferece atendimentos psicológicos. O trabalho de escuta de manejo psicanalítico é realizado junto ao Núcleo de Psicanálise, já a escuta e manejo clínico amparado na Teoria Cognitivo ficam na responsabilidade do Laboratório de Avaliação e Clínica Cognitiva (LACCog) e do Projeto Transformar, este último propõe uma aproximação os discentes dos cursos afins do contexto de atuação profissional em diferentes práticas, como por exemplo, ações de psicoeducação, intervenções psicoterapêuticas em grupo e também o atendimento psicológico clínico individual à comunidade. A universidade também realiza eventos de promoção e prevenção em saúde mental e qualidade de vida universitária.

A Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), localizada no Rio Grande do Sul, segundo o site (<https://sites.unipampa.edu.br/praec/>), dispõe da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários (PRAEC), que viabiliza o Programa de Apoio Social e Pedagógico (PASP) e o Serviço de Apoio Psicológico ao Estudante que oferece serviços ligados à gestão e desenvolvimento de políticas de assistência à saúde mental do universitário, efetua o acompanhamento dos estudantes. Existe também a realização de rodas de conversas com abordagem de diversos temas quem englobando a saúde mental e a qualidade de vida dentro do contexto universitário. A universidade também promove eventos de promoção prevenção e conscientização sobre saúde mental e qualidade de vida dentro do contexto universitário.

A Universidade Federal do Paraná (UFPR), localizada no Paraná, segundo o site (<http://www.prae.ufpr.br/prae/>), tem Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), que fomenta o Serviço de Psicologia, voltado a criação e implementação de variadas ações de apoio aos estudantes universitários, o oferecendo os serviços de acolhimento psicológico, rodas de conversas, onde são discutidas e refletidas questões importantes relativas as vivências

acadêmicas, sofrimento psíquico e formação universitária, oficinas onde a metodologias é sistematizada e o foco é a interação e troca de conhecimento a respeito de questões relacionadas a vida acadêmica, a Assessoria a Docentes e Técnicos, com a finalidade prestar auxílio no entendimento dos impasses dos estudantes universitário, propondo planos de ação e solução dos problemas. A UFPR conta com o projeto PermaneSEND0, que oferece o serviço de plantão de acolhimento realizados por os alunos de psicologia sobre as vivências acadêmicas. O Projeto Casa4, que oferece acolhimento de pós-graduandos servidores e demais profissionais à comunidade acadêmica. Por sim o projeto ConVIDA, que viabiliza palestras e ações preventivas no que diz respeito à disseminação de conteúdo de promoção e prevenção em saúde mental.

A Universidade Federal do Rio Grande (FURG), localizada no Rio Grande do Sul, segundo o site (<https://www.furg.br/pro-reitorias/pro-reitoria-assuntos-estudantis>), conta com a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), fornecendo o Programa de Acompanhamento e Apoio Pedagógico ao Estudante conta com uma equipe multiprofissional formada por pedagogos, intérpretes de libras, assistente social, técnico em assuntos educacionais e psicólogo. A FURG oferece grupos terapêuticos aos estudantes universitários com intuito de proporcionar um lugar de acolhimento escuta e orientação dos estudantes no que diz respeito às demandas de sofrimento psíquico dentro do contexto universitário. atendimento psicológico individual oferecidos pela PRAE. O Centro de Atendimento Psicológico (CAP) da FURG também disponibiliza atendimentos individuais de psicologia clínica gratuitamente para a comunidade universitária. Destacamos os grupos “Travessia”, voltado para questões de adaptação de estudantes recém matriculados, grupo “Caminhos Universitários”, voltado a estudantes que estão em fase de conclusão do curso, o grupo “Descomplicando a pós-graduação”, viabiliza oficinas práticas voltadas às questões cotidianas da pós-graduação.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), localizada no Rio Grande do Sul, segundo o site (<https://www.ufrgs.br/prae/assistencia-estudantil/>), dispõe da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), com o Instituto de Psicologia que conta com o Centro Interdisciplinar de Pesquisa e Atenção à Saúde (CIPAS), oferecendo serviços como os Primeiros Socorros Psicológicos (PSP), que serve como resposta a pessoas em situação de sofrimento psíquico e necessidade de apoio oferecendo cuidados práticos não invasivos analisando e avaliando as necessidades das pessoas e conseqüentemente quando necessário encaminhando. A CIPAS conta com um site (<https://www.ufrgs.br/saudemental/>), com diversos materiais de cunho informativo e psicoeducativo sobre as mais variadas questões relativas à saúde mental qualidade de vida e bem-estar. A UFRGS dispõe também da Clínica de

Atendimento Psicológico, um espaço de formação de profissional, atividades de ensino pesquisa e extensão e nas áreas de Psicologia, Fonoaudiologia e Serviço Social, oferecendo atendimento fonoaudiológico e psicológico à sociedade e comunidade acadêmica. Destacamos também o Núcleo de Apoio ao Estudante (NAE), que oferece orientação de carreiras para os estudantes universitários, com direcionamentos para sua caminhada acadêmica e profissional através de atendimentos individualizados, grupos e oficinas sobre diversos temas.

Depreendemos que a grande maioria das políticas educacionais dirigidas ao cuidado e apoio, no que se refere a saúde mental, são idealizadas pelas Pró-Reitorias de Assistência Estudantil (PRAEP), essas que seguem as diretrizes do decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010, que dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), representado no âmbito do Ministério da Educação e tem como designo ampliar as condições de permanência dos jovens universitários no contexto do ensino superior público federal. Para isso procura democratizar e minimizar os efeitos das desigualdades sociais e regionais na permanência e conclusão do ensino superior criando políticas de redução a os índices de retenção e evasão contribuindo para uma maior inclusão social através das práticas educativas.

Segundo o decreto a execução do PNAES deve transcorrer de maneira integrada ao tripé ensino, pesquisa e extensão, oferecendo apoio aos acadêmicos matriculados nos cursos de graduação do ensino superior que envolvem as áreas de moradia estudantil, alimentação, transporte, atenção à saúde, inclusão digital, cultura, esporte, creche, apoio pedagógico e acesso a aprendizagem de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades e superdotação. Dentre essas atribuições percebemos que as políticas educacionais em saúde mental derivaram se do eixo de atenção à saúde ou apoio pedagógico.

#### **4.2 Políticas em saúde mental de uma Universidade Federal do Sul de Minas Gerais**

Anteriormente descrevemos as políticas educacionais das Universidades Federais no Brasil, neste momento iremos expor e detalhar os serviços disponibilizados à comunidade acadêmica por uma Universidade Federal do Sul de Minas Gerais alvo desta pesquisa, para questões de confiabilidade o nome da instituição será substituído por “Universidade pesquisada ou apenas Universidade”. Esta Instituição de Ensino Superior dispõe de um Núcleo de Saúde Mental (NSM), coadunado a Coordenadoria de Saúde da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários (PRAEC). Durante a coleta de dados desta pesquisa, entramos em contato com a equipe que constitui o NSM, com intuito de solicitar mais informações a respeito

do trabalho realizado, notabilizamos que em todo o contato estabelecido fomos prontamente e cordialmente respondidos.

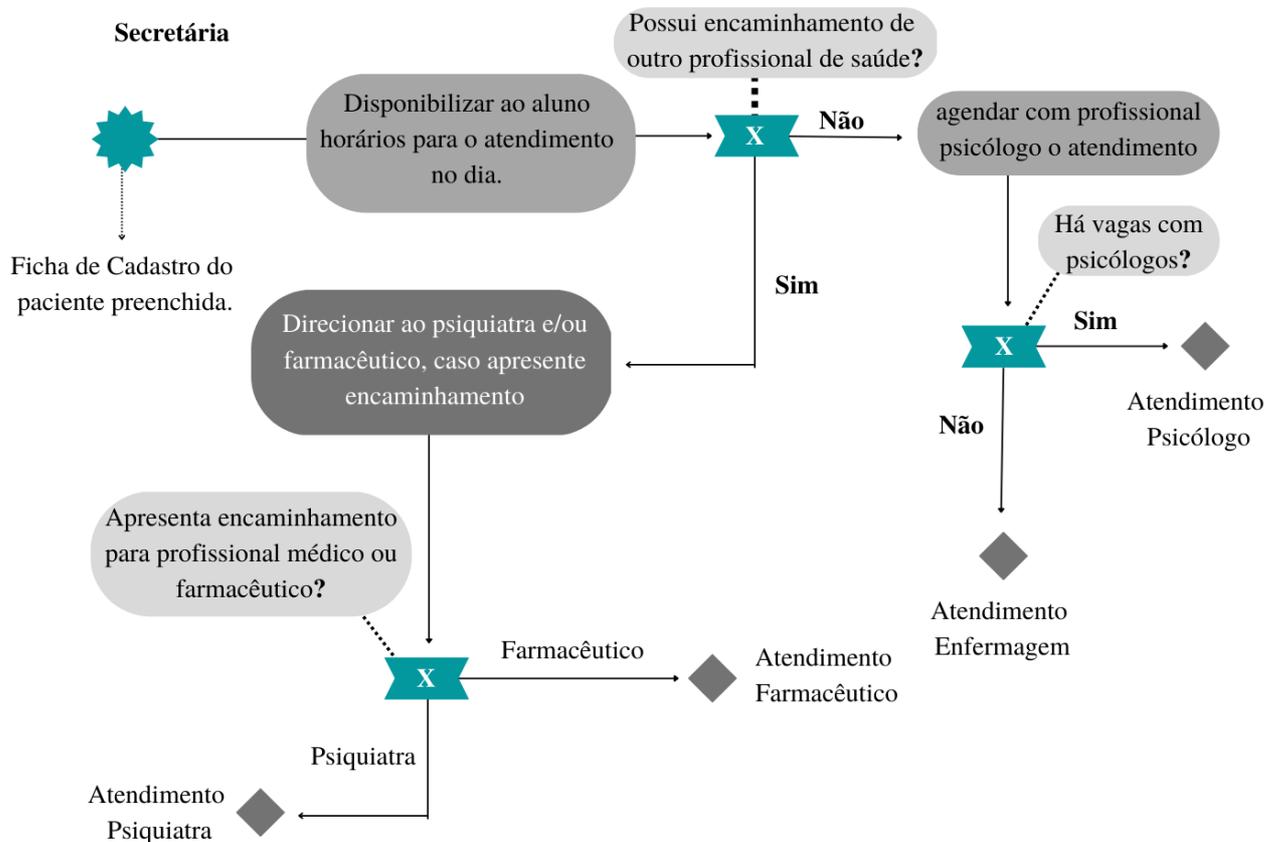
O NSM foi criado oficialmente em 2019, especificamente com a solenidade que marcou seu lançamento em 18/03/2019, surge com o intuito de atender as mais variadas demandas relativas à saúde mental universitária, configurando-se como um espaço direcionado à promoção da saúde mental e aprimoramento da qualidade de vida de seus usuários, a saber, os discentes de graduação e pós-graduação. Para ter acesso ao NSM a pessoa deve estar matriculada na instituição de ensino superior em questão, não há aceção no que se refere a condição de vulnerabilidade socioeconômica, ou seja, o serviço é disponibilizado a todos os discentes da comunidade acadêmica que necessitam.

Os serviços disponibilizados são: Acolhimento psicológico, que consiste na consulta com um profissional tecnicamente habilitado para atender essas demandas relativas à saúde mental, a saber, um psicólogo(a), o discente solicita o atendimento e após o agendamento o mesmo é realizado por algum dos profissionais disponíveis. O Atendimento psiquiátrico, é a consulta realizada com o médico especialista, em particular, um psiquiatra, o discente pode ser atendido pelos psiquiatras por meio do encaminhamento de um profissional externo ou após passar por avaliação no Acolhimento psicológico. O Acolhimento de enfermagem, normalmente ocorre quando a disponibilidade e as vagas dos profissionais em psicologia e psiquiatria estão cheias naquele momento, assim os profissionais em enfermagem fazem um trabalho de primeiro aconselhamento e posteriormente encaminham o discente para o profissional mais qualificado, psicólogo ou psiquiatra. A orientação farmacêutica sucede caso o discente necessite recorrer a utilização de algum medicamento, neste sentido, a Orientação farmacêutica oportuniza um espaço de diálogo com um profissional capacitado, a saber, o farmacêutico, para que sejam traçadas estratégias de adesão ao tratamento e demais orientações relacionadas ao uso dos medicamentos. E por fim, as Oficinas temáticas e Rodas de conversa, que correspondem a ações de promoção da saúde mental realizadas em vários momentos no decorrer do ano, com diversos temas pertinentes a temática e oferecido a toda comunidade universitária.

Acima descrevemos de maneira simplificada em que consiste os serviços oferecidos pelo NSM, contudo, agora sentimos necessidade de detalharmos cada um desses através da descrição processual dos mesmos, para isso apresentaremos fluxogramas que foram inspirados através do “Processos do atendimento de pacientes no Núcleo de Saúde Mental, versão 0.1”, confeccionado pelo NSM.

Detalharemos desde o momento inicial em que o discente entra em contato com o serviço através da Secretaria, neste ponto o discente preenche uma ficha de cadastro e é informado os horários de atendimento para o dia. Caso o discente possua encaminhamento, será direcionado ao psiquiatra ou farmacêutico para o devido atendimento. Se porventura o discente não possuir encaminhamento, será agendado uma consulta com o psicólogo, e eventualmente não possuindo vagas para o atendimento psicológico o discente será encaminhado para o atendimento com profissional da enfermagem. Abaixo encontra-se o processo descrito.

Figura 3 – Fluxograma descrevendo o primeiro momento na secretaria do NSM.

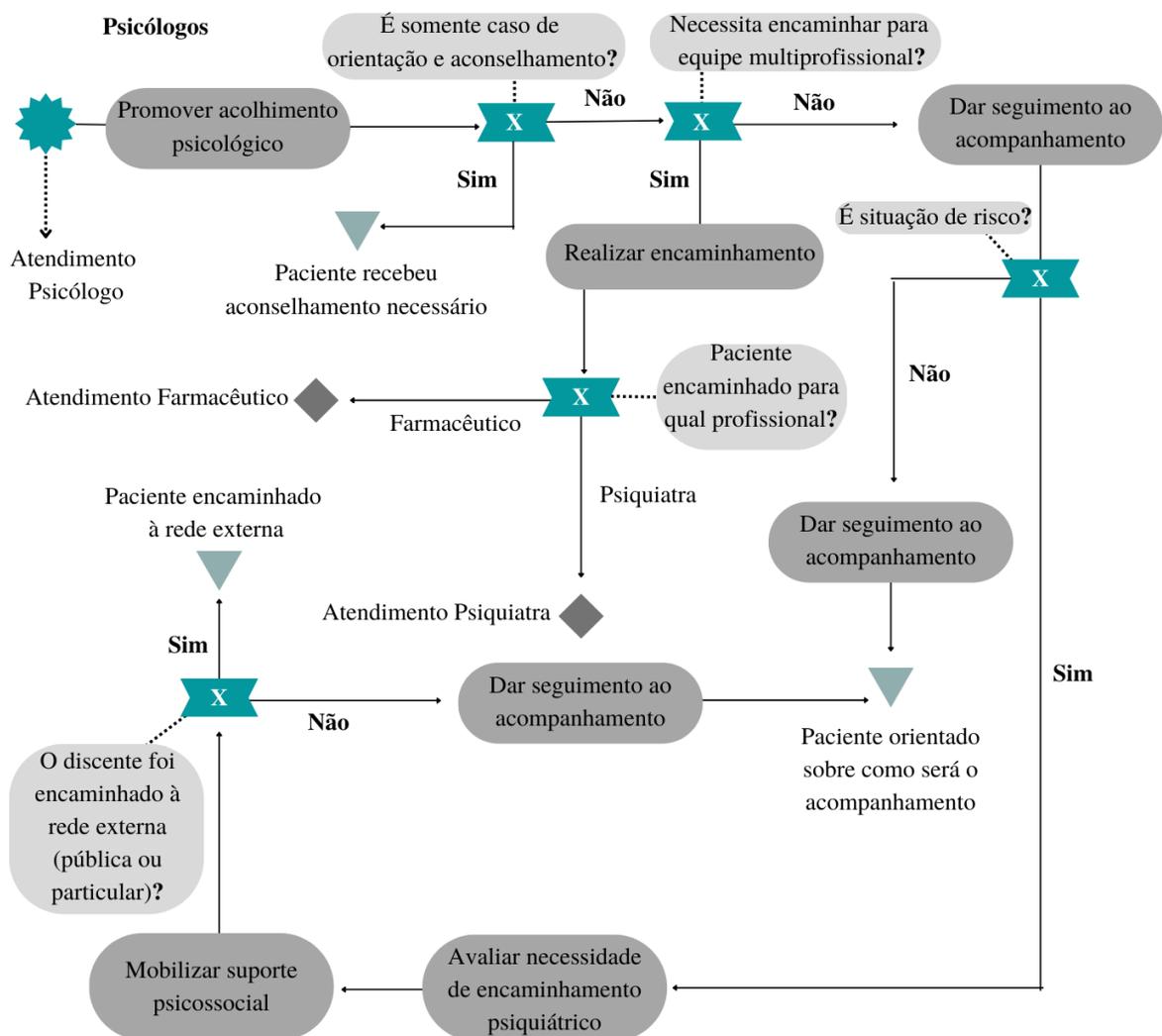


Fonte: Do autor (2022)

O processo do atendimento psicológico segue as seguintes etapas processuais, em um primeiro momento é oferecido um acolhimento psicológico, se a demanda for apenas uma orientação e aconselhamento psicológico o discente o receberá através do psicólogo. Havendo necessidade para o encaminhamento multiprofissional ele será encaminhado para o farmacêutico ou psiquiatra. Caso não haja necessidade de encaminhamento multiprofissional, o psicólogo dará seguimento ao acompanhamento, não se configurando uma situação de risco,

os discentes serão orientados de como será o tratamento. Sendo uma situação de risco se avaliará a necessidade de encaminhamento para o psiquiatra e acontecerá uma mobilização do suporte psicossocial, se o encaminhamento for para uma rede externa ou particular esse paciente será destinado a essas instâncias, não se configurando como uma situação de risco, não dará se prosseguimento ao acompanhamento no NSM. Abaixo encontra-se o processo descrito.

Figura 4 – Fluxograma descrevendo Acolhimento Psicológico.

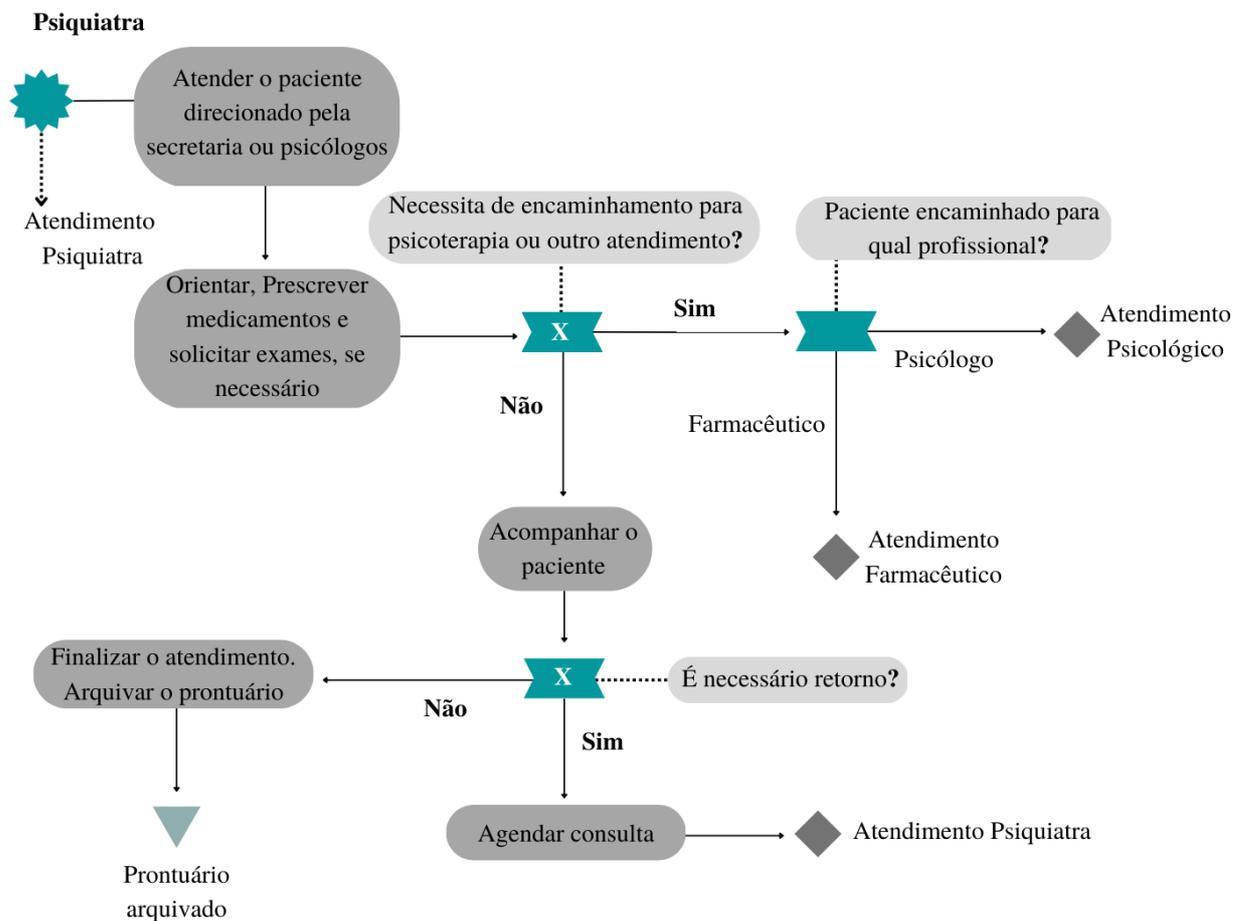


Fonte: Do autor (2022)

O atendimento psiquiátrico segue as seguintes etapas processuais, o médico especialista atenderá o discente direcionado pela secretária ou psicólogo com intuito de orientar, prescrever medicamentos ou solicitar exames se necessário. O especialista avaliará a necessidade de

encaminhamento para psicoterapia ou outro profissional, não havendo necessidade o especialista acompanhará o caso, existindo necessidade de retorno uma nova consulta será agendada, não havendo o especialista finalizará o atendimento arquivando o prontuário do discente. Se fazendo necessário o atendimento por outro profissional ou psicoterapia, o discente será encaminhado para o farmacêutico ou psicólogo dependendo da demanda. Abaixo encontra-se o processo descrito.

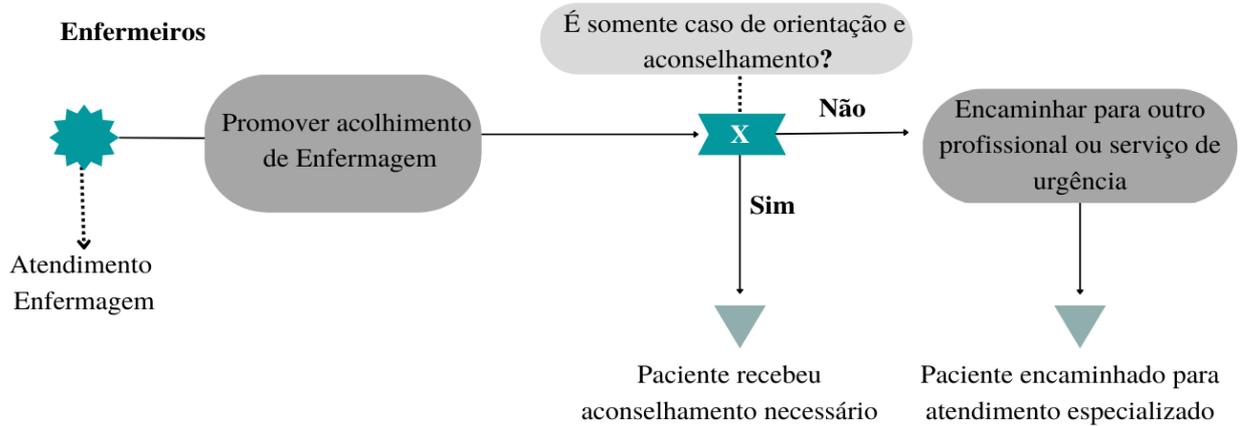
Figura 5 – Fluxograma descrevendo Acolhimento Psiquiátrico.



Fonte: Do autor (2022)

Os profissionais em enfermagem também são importantes nesse processo, abaixo seguem as etapas processuais do acolhimento em enfermagem. O discente ao entrar em contato com esse serviço será avaliado pelo profissional em enfermagem, se a demanda for apenas orientação e aconselhamento isso será feito pelo profissional, caso a demanda seja outra, o discente será encaminhado para outro profissional, o serviço de urgência ou atendimento especializado. Abaixo encontra-se o processo descrito.

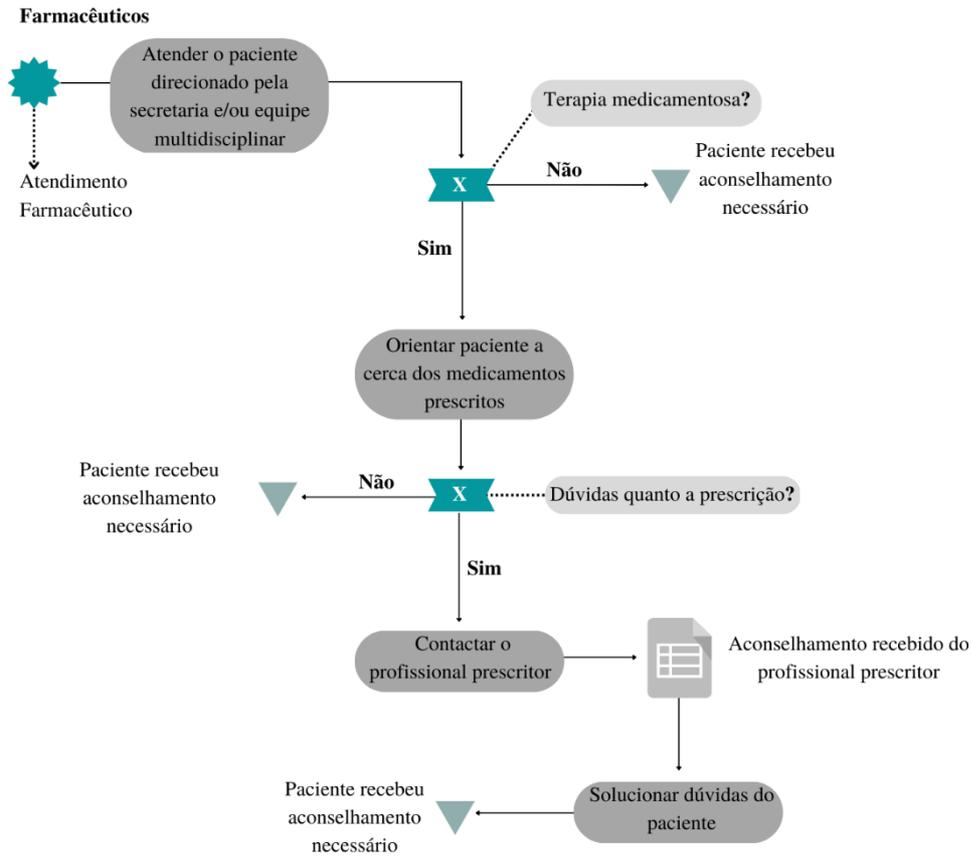
Figura 6 – Fluxograma descrevendo Acolhimento em Enfermagem.



Fonte: Do autor (2022)

Descreveremos agora as etapas processuais do atendimento farmacêutico. O discente chegará até esse serviço direcionado pela Secretaria e/ou equipe multidisciplinar, se não estiver realizando terapia medicamentosa ele receberá o aconselhamento necessário. Havendo a terapia medicamentosa, o discente receberá orientação a respeito dos medicamentos prescritos, não havendo dúvida na prescrição, o paciente receberá acolhimento necessário, ocorrendo dúvidas na prescrição o farmacêutico irá contactar o profissional prescritor, a fim de solucionar as dúvidas do paciente e assim recebendo o aconselhamento necessário. Abaixo encontra-se o processo descrito.

Figura 6 – Fluxograma descrevendo Acolhimento em Enfermagem.



Fonte: Do autor (2022)

Apresentados resultados anteriores podemos ter uma compreensão das políticas ofertadas pelas universidades federais do Brasil e pela universidade alvo deste estudo e especificamente da Universidade Federal pesquisada, passaremos agora para os resultados do questionário aplicado.

## **5 PERCEPÇÕES DISCENTES SOBRE POLÍTICAS DE SAÚDE MENTAL DE UMA UNIVERSIDADE DO SUL DE MINAS GERAIS**

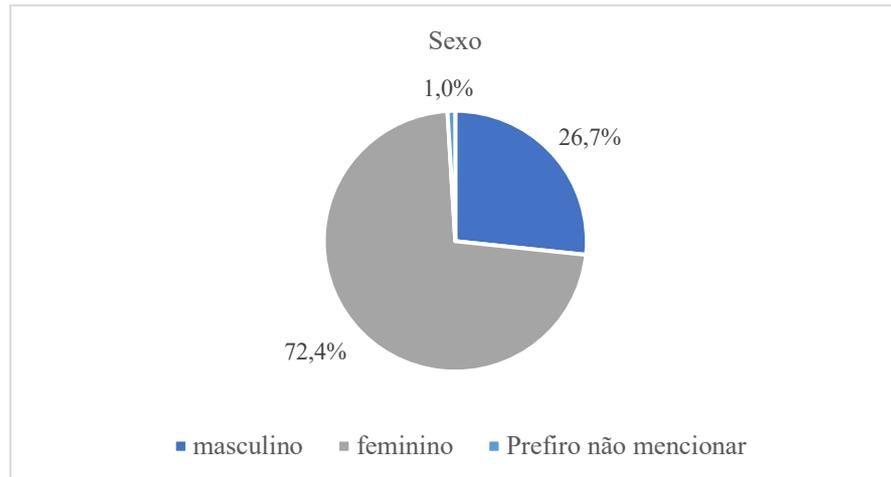
O capítulo 05 intitulado “Percepções discentes sobre políticas de saúde mental de uma universidade do sul de minas gerais”, tem como objetivo organizar e expor os resultados com o intuito de interpretá-los, fomentando discussões e articulações com as pesquisas expostas no levantamento bibliográfico e autores do referencial teórico.

Serão apresentados os resultados e discussões oriundas do instrumento de coleta, foram analisados 105 questionários que totalizam 945 respostas. A análise teve em vista alguns direcionamentos, por exemplo, apreender a percepção dos discentes a respeito das políticas educacionais voltadas para saúde mental universitária oferecidas pela Universidade pesquisada, os resultados foram analisados em função de cada resposta obtida através de 9 perguntas, que foram postas em categorias. A interpretação se deu sob a perspectiva do *software Iramuteq* e análise de conteúdo, possibilitando discutir e refletir a percepção dos discentes sobre os serviços oferecidos pela universidade, bem como suas expectativas e realidades a respeito deste, foi possível também averiguar a relação do estudante com a sua própria saúde mental. A finalidade é dar prestígio aos pontos centrais extraídos em cada uma das perguntas e não expor integralmente todas as respostas discursivas.

### **5.1 Resultados estatísticos demográficos**

Quando analisamos demograficamente os resultados obtidos através da aplicação do questionário, sobre o sexo dos participantes da pesquisa, percebemos que grande maioria das respostas foram de pessoas que se identificam com o sexo feminino, um total de 76 voluntárias, as pessoas que se identificam com o sexo masculino foram de 28 voluntários e 01 pessoa preferiu não se identificar, como demonstra o gráfico 01 a seguir:

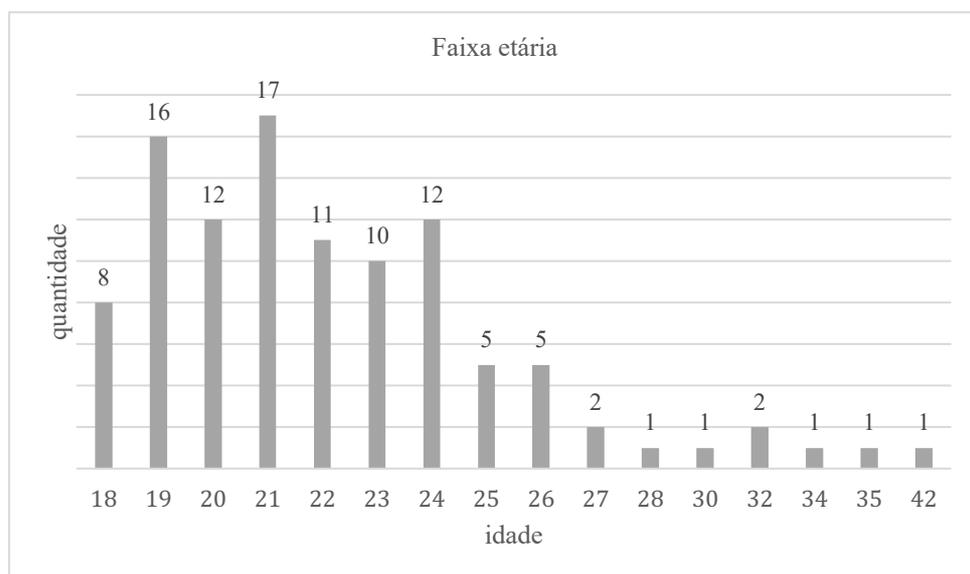
Gráfico 01 – Sexo dos voluntários.



Fonte: Do autor (2022)

Quando caracterizamos a faixa etária dos voluntários capítamos que grande maioria das respostas vieram de pessoas com a idade de 21 anos, seguidos de 19; 20 e 24 anos, o voluntário mais jovem possui 18 anos e o mais velho 42 anos, como demonstra o gráfico 02 a seguir:

Gráfico 02 – Faixa etária dos voluntários.



Fonte: Do autor (2022)

Quando analisamos os cursos de graduação dos quais os voluntários estão regularmente matriculados, percebemos que grande maioria das respostas vieram de pessoas matriculadas nos cursos de Nutrição, com um total de 11 pessoas, seguidos de Medicina Veterinária, com 10 pessoas, seguindo de ABI Engenharias, Educação Física, Zootecnia e Ciências Biológicas, ambos com 9 pessoas cada. O restante da quantidade de participantes encontra-se na tabela 01 a seguir:

Tabela 01 – cursos de graduação participantes a pesquisa.

<b>CURSO DE GRADUAÇÃO</b>	<b>QUANTIDADE</b>
Nutrição	11
Medicina veterinária	10
ABI Engenharias	9
Ciências Biológicas Bacharelado	9
Educação física	9
Zootecnia	9
Pedagogia	7
Engenharia Ambiental e Sanitária	4
Engenharia de Alimentos	4
Administração	3
Administração Pública	3
Engenharia Química	3
Química	3
Agronomia	2
Engenharia florestal	2
Engenheira civil	2
Filosofia	2
Ciência da Computação	1
Engenharia Agrícola	1
Engenharia de controle e automação	1
Engenharia de materiais	1
Engenharia Física	1
Engenharia mecânica	1
Letras	1
Matemática	1
Medicina	1
Sistemas de informação	1

Fonte: Do autor (2022)

Acima foram apresentados os dados puramente estatísticos e demográficos, de agora por diante apresentaremos outros aspectos dos dados e conseqüentemente sua análise e interpretação que se deu mediante a análise de conteúdo e pelo software IRaMuTeq®, neste último, se realizou a análise estática lexicográfica que:

Associa textos com modalidades de uma única variável de caracterização, ou seja, possibilita a comparação (contraste) da produção textual destas modalidades. Oferece uma análise fatorial de correspondência (CIBOIS, 1990; LEBART; SALEM, 1988 *apud* CAMARGO; JUSTO, 2018, p. 14).

Também se realizou a leitura das Especificidades e Análise Fatorial de Correspondência (AFC) sobre esse tipo de análise:

Identifica e reformata as unidades de texto, transformando textos em ST, identifica a quantidade de palavras, frequência média e hápax (palavras com frequência igual a um), pesquisa o vocabulário e reduz as palavras com base em suas raízes (formas reduzidas) ou lematiza, cria do dicionário de formas reduzidas, identifica formas ativas e suplementares (LEBART; SALEM, 1988 *apud* CAMARGO; JUSTO, 2018, p. 14).

Posto isso, com a intenção de organização apresentaremos os resultados por categorias ao qual buscamos aglutinar perguntas distintas porém que convergem para o mesmo entendimento, neste sentido, apresentaremos 4 categorias sendo elas: “Para além da doença: saúde e qualidade de vida” que compreendem as perguntas de número 1 e 2, “Vivências universitárias e o sofrimento psíquico” que incluem as perguntas de número 6 e 7, “Ambiente e experiências universitárias” que possuem as perguntas de número 3 e 5, “Percepção discente da política educacional em saúde mental e o papel da instituição de ensino superior” que compreendem as perguntas de número 4, 8 e 9. Mencionaremos também algumas das justificativas coletadas através do questionário, a organização se deu mediante as categorias de “regular”, “boa”, “ruim”, “péssima” e “ótima”, outras perguntas as respostas dizem respeito apenas as opções “sim” e “não”, outras apenas exigiam justificativas, a escolha das justificativas foi pautada no conteúdo qualitativo das respostas, ou seja, os voluntários que redigiram justificativas significativas.

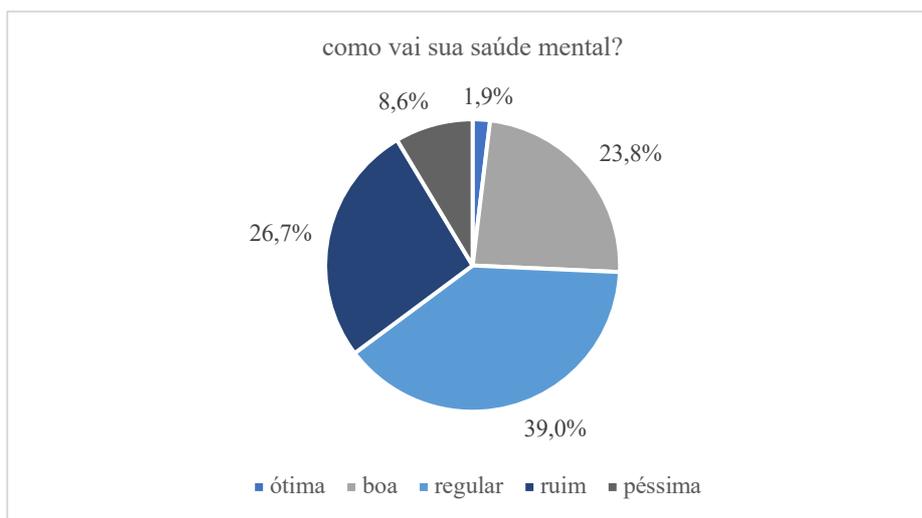
## **5.2 Para além da doença: Saúde e Qualidade de Vida**

Na categoria “Para além da doença: saúde e qualidade de vida”, foram consideradas as perguntas: “como vai sua saúde mental?” e “como vai sua saúde física?”. Deprendemos que de maneira geral os conceitos de saúde e qualidade de vida são múltiplos e de complexa definição, neste sentido, podemos pensar saúde e qualidade de vida dentro de uma maleabilidade conceitual, garantindo assim que os estudantes sejam entendidos de maneira contextual, ou seja, inscritos em uma dinâmica histórica e social, não puramente concebidos dentro de uma perspectiva biologicista.

A pergunta de número 1 “Como vai a sua saúde mental?”, teve por finalidade promover uma autorreflexão no discente sobre o seu atual estado de saúde mental, com essa questão

conseguimos captar o número de estudantes que considera sua saúde mental “regular”, “ruim”, “boa”, “péssima” ou “ótima”. É possível notar que 41 pessoas responderam “regular”, 28 responderam “ruim”, 25 responderam “boa”, 09 responderam “péssima” e 02 responderam “ótima”, conforme demonstra o gráfico 03 a seguir:

Gráfico 03 – Respostas referentes a pergunta “como vai sua saúde mental?”.



Fonte: Do autor (2022)

Percebemos que grande maioria se autointitula com uma saúde mental regular seguida de ruim, esse índice é alarmante ao demonstrar o alto índice de pessoas que caracterizam sua saúde mental como ruim. Com a análise lexicográfica sobre o total das respostas, obtivemos uma descrição dos termos mais frequentes nas justificativa apresentadas na primeira questão, os dois termos mais usados nas respostas são “depressão” e “ansiedade”.

Quanto aos aspectos considerados “regular” em relação a como vai a saúde mental, observa-se que sintomas relacionados a ansiedade e depressão são comuns, assim como queixas sobre a adaptação a nova rotina e afastamento parental, conforme pode-se notar nas justificativas apresentadas abaixo:

*“Atualmente vivo um período de muita ansiedade e diversos sofrimentos associados a esse quadro. Além disso, há questões da graduação por estar em reta final do curso e também por estes últimos períodos da faculdade que exigiram mudanças de cidades para realização e isso desgasta tanto fisicamente, emocionalmente e financeiramente”. (Discente do sexo feminino, 25 anos, no 12º período).*

*“Tenho borderline, as relações sociais em conjunto com as responsabilidades de morar sozinha e estudar pesam muito minha mente”. (Discente do sexo feminino, 20 anos, no 6º período).*

*“Estamos vivendo um momento novo. Por mais que já tenhamos tido um período presencial, ainda temos muitas adaptações e medos, por isso acredito*

*que nesse momento altos e baixos sejam comuns até que tudo se normalize”.* (Discente do sexo feminino, 20 anos, no 5º período).

*“Considero minha saúde mental hoje em dia como regular. Já tive dias e até meses melhores, quando entrei na Universidade tinha a expectativa de que daria conta de tudo como acontecia na escola, por esse motivo acreditei que trabalhar e estudar não seria tão difícil igual as pessoas falavam. Algumas vezes esse nível de estresse acaba fazendo com que eu tenha reações bem ríspidas com as pessoas sem necessidade, o que me faz ficar mal pela forma com que tenho tratado as pessoas que estão ao meu lado. Resumindo, tem dias que me sinto melhor e bem contente com as decisões que tomei nesse início, mas tem outros que tenho vontade de desistir dessa rotina maluca que criei e fugir para bem longe”.* (Discente do sexo feminino, 18 anos, no 2º período)

As relações sociais têm grande importância para a manutenção dos estados de saúde mental, conforme apontam as pesquisas de Ribeiro, Melo e Rocha (2019), Silva, Pereira e Moura (2020), Da Silva e Dias (2010) e Graner e Cerqueira (2019). Quando os discentes saem do ensino médio e se matriculam no ensino superior passam por um momento de transição importante e muitas vezes delicado. Muitos desses alunos já possuíam um determinado ciclo e estavam inseridos em um contexto social com suas próprias normas e maneiras de operacionalização, por exemplo, amigos no ensino médio ou núcleo familiar. Quando entram na universidade precisam se haver com a novidade e angústia da construção de novos vínculos, essa etapa, muitas vezes, se configura como difícil e complexa pelo fato de muitos alunos não conseguirem, em um primeiro momento, reconstruir essa rede de apoio sentindo-se por vezes deslocados e desamparados.

Essa situação se agrava quando o aluno precisa migrar para outra região do país com o intuito de cursar o ensino superior, o afastamento parental é pontuado nas pesquisas de Silva (2020), Lameu (2016) ao destacar questões relacionadas a moradia, e Graner e Cerqueira (2019), que salientam que a falta de uma rede de apoio pode representar maior sofrimento psíquico como situação que eliciam ansiedade e estresse. Longe da família, amigos e cidade de origem o discente pode sentir um grande sentimento de inadequação e despertencimento, não conseguindo se identificar e novos significados para o atual momento de vida, sensações de angústia e falta de sentido são comuns nos relatos.

Somado a isso, a adaptação ao novo clima, cultura e rotina são aspectos a serem considerados. Questões como adaptação a nova rotina são mencionadas nas pesquisas de Lameu (2016) ao pontuar a exigência a novas adaptações, e Santos (2006) que aponta que as universidades devem facilitar esse momento de transição, conforme as pesquisas expostas no capítulo 3, nesse sentido, desafios como encontrar moradia, arcar com novas rotinas que exigem

o aprendizado e implementação de tarefas domésticas são evidenciadas, por vezes, outrora esses papéis eram desempenhados pelo núcleo familiar e agora são responsabilidade do aluno.

Quanto aos aspectos considerados nas respostas emitidas como “boa” em relação ao estado de saúde mental, observa-se que a organização e gestão do tempo são presentes, assim como o acompanhamento psicológico, contudo, questões de ordem social persistem, como preocupações orçamentárias e distanciamento parental, conforme pode-se notar nas justificativas apresentadas abaixo:

*“Consigo ter perspectivas positivas, organizar bem as ideias e gerir minhas tarefas de modo que se sinta feliz com isso”.* (Discente do sexo feminino, 21 anos, no 6º período)

*“Me sinto bem. Tenho preocupações financeiras, aliadas à distância de casa, que pesam um pouco. Mas tirando isso, me sinto feliz e acolhido pela universidade, onde passo a maior parte do meu tempo”.* (Discente do sexo Masculino, 24 anos, no 2º período)

*“Tenho feito acompanhamento psicológico e psiquiátrico o que tem ajudado a me entender melhor e lidar melhor com meus dias”.* (Discente do sexo feminino, 22 anos, no 10º período)

O acompanhamento psicológico é importante para a manutenção de bons estados de saúde mental, conforme a pesquisa de Garcia e Capelline (2020) evidenciam que serviços de assistência estudantil são colocados como muito importantes para os discentes, conforme as pesquisas expostas no capítulo 3. Como citado anteriormente o ingresso na universidade se configura como um momento de transição importante e por muitas vezes complexo, sendo assim, o acompanhamento e orientação psicológica pode fornecer ao aluno um lugar para elaboração e ressignificação de todas essas questões, fomentando assim apoio e amparo em situações em que muitas vezes o que se prevalece é o sentimento de inadequação e despertencimento.

Para além do apoio psicológico, se perceber acolhido pela universidade pode gerar sentimentos que corroboram para manutenção de bons estados de saúde mental e diminuição do sofrimento psíquico conforme relatam as pesquisas de Almeida e Naffah Neto (2021) que apontam que a universidade precisa ser mais que um ambiente de execução de processos de aprendizagem, assim como Trajano, Catrib e Abdon (2018) que afirmam que a universidade pode ser o canal que promove a saúde mental, Mazzeu (1998) que entende que a humanização desses espaços implica pensa-los de maneira ampla e não apenas como lugar técnico e teórico e Pereira et al. (2012) que demonstra a importância da instituição de ensino promover um olhar

voltado para a saúde e bem-estar discente, conforme as pesquisas expostas nos capítulos 2 e 3. Neste processo de construção de novos vínculos, o ambiente universitário pode se desenhar como lugar para o contato e reconstrução de novos ciclos e comunidades sociais, elementos fundamentais para a manutenção de bons estados de saúde mental.

Como já citamos ao longo deste trabalho existe um nível de sofrimento psíquico que é inerente ao ambiente universitário, ou seja, dentro das vivências universitárias certamente haverá momentos de ansiedade, angústia e tristeza, uma vez que esses sentimentos fazem parte da vida e da dinâmica das relações humanas, porém, para que esses sentimentos não tomem dimensões desproporcionais, podendo chegar a transtornos psiquiátricos, algumas estratégias de enfrentamento podem ser interessantes. A pesquisa Graner e Cequeira (2019a), apontam que o planejamento e gestão do tempo, juntamente com estratégias de  *coping*  são aliados para a manutenção de um bom estado de saúde mental conforme pesquisas expostas no capítulo 3.

Notamos que muitas vezes os quadros sintomatológicos de ansiedade e depressão podem estar relacionados a sensação de incapacidade de realização de tarefas e atividades acadêmicas, contudo, pode haver uma má administração do tempo por parte do próprio aluno, em que se acumulam atividades de diversas disciplinas e conteúdos gerando a percepção de falta de controle ocasionando como produto os sintomas descritos. Nessa situação, a criação de cronogramas de estudo e estabelecimento de rotina são fundamentais para o restabelecimento da sensação de controle. Salientamos que às vezes realmente a demanda de tarefas e conteúdos está desacerbada e incoerentes a condição humana, nesse sentido entendemos que a reflexão de como estamos inseridos em um contexto de super performance e ideais de produção estão presentes, esse contexto gera a massificação e o objetificação das relações de conhecimento.

Quanto aos aspectos considerados “ruim” nas respostas sobre a situação da saúde mental dos estudantes, observa-se que quadros sintomatológicos de ansiedade e depressão são presentes, assim como uma desestruturação do eixo familiar, preocupações com o futuro e falta de perspectiva no mercado de trabalho também são relatadas, conforme pode-se notar nas justificativas apresentadas abaixo:

*“Eu estou em um momento muito turbulento, confusão familiar, problemas de saúde como ansiedade, compulsão alimentar e pressão alta”.* (Discente do sexo feminino, 19 anos, no 1º período)

*“Quadro ansioso, depressivo, sem perspectiva de futuro pós formatura”.* (Discente do sexo feminino, 24 anos, no 10º período)

Descrevemos acima que estamos inseridos em um contexto de super performance, o intuito deste trabalho não é aprofundar essas questões, mas não poderíamos deixar de abordar como esse paradigma imprime nas relações humanas ideais de perfeição, muitas vezes inalcançáveis e fantasiosos, aliados a isso a grande ansiedade e angústia excitada pela falta de perspectiva sobre o mercado de trabalho e, conseqüentemente, com o futuro podem afetar a saúde mental, conforme mostram os trabalhos de Graner e Cerqueira (2019) ao destacarem uma sociedade individualista e pouca esperança sobre o mercado de trabalho, Da Silva (2021) que menciona os sentimentos de cobrança eliciados pela sociedade e Jardim (2020) que aponta o constante incremento de novas demandas sociais, as pesquisas detalhadas se encontram no capítulo 3. Ser um “profissional de sucesso” tem se tornado alvo de grande maioria dos alunos, um desejo legítimo e compreensível, todavia precisamos refletir o que entendemos por “sucesso”, estar introduzido em uma sociedade que tem como plano de fundo um “imperativo de sucesso”, que na maioria das vezes está diretamente relacionado à aquisição de bens materiais, ascensão econômica e prestígio monetário como métricas pode por consequência gerar sintomas de ansiedade e depressão quando, por exemplo, não se consegue determinada vaga em um determinado emprego com o respectivo salário almejado.

Nossos modelos, parâmetros e métricas estão cada vez mais elevados e atingir ou correspondê-los se tornam cada vez mais difíceis ou pudera impossíveis, diante deste cenário não é incomum a “sensações de atraso” ou ‘incertezas diante ao futuro”, seja consigo mesmo ou com a vida como um todo. Em uma tentativa de corresponder a essas demandas, nunca se trabalhou tanto, estados de exaustão são romantizados e a percepção de extremo cansaço se naturaliza.

Quanto aos aspectos considerados “péssima” em relação ao estado de saúde mental, observa-se que continua a predominância de quadros sintomatológicos de depressão e ansiedade, assim como fatores externos que influenciam nos estados de saúde mental, qualidade de vida e sofrimento psíquico, conforme pode-se notar nas justificativa apresentada abaixo:

*“Minha mãe morreu ano passado, terminei um namoro de 6 anos no começo do ano, sofro de ansiedade e depressão, minha autoestima é baixíssima depois que engordei mais de 30kg durante os últimos 5 anos, falar em público sempre foi aterrorizante para mim e por aí vai”.* (Discente do sexo feminino, 28 anos, no 9º período)

Como já dito neste trabalho, existem fatores de sofrimento psíquico externos ao ambiente universitário, por exemplo, conflitos familiares, vulnerabilidade socioeconômica, situações de perda e luto, essas situações podem desencadear quadros de ansiedade, depressão

e instabilidade de humor que são os sintomas mais frequentes nas pessoas que enfrentam dificuldades na manutenção da saúde mental como demonstram os trabalhos de Ribeiro, Melo e Rocha (2019) que apontam distúrbios de humor, personalidade e problemas pessoais, Dias (2012) que destaca as queixas mais relatadas são de ansiedade, depressão e instabilidade de humor, e Da Silva et al. (2021) que mostram que a maioria dos quadros sintomatológicos tendem a ser de ansiedade e depressão, as pesquisas se encontram no capítulo 3. A Autoestima pode ser entendida como a percepção de um indivíduo sobre si mesmo não estritamente em um sentido estético e corporal, mas também sua concepção de possibilidades. Uma baixa autoestima pode afetar consideravelmente a saúde mental, a situação de luto ou encerramento de vínculos afetivos não estão ligados diretamente a questões do ambiente acadêmico, contudo, essas situações externas podem afetar a saúde mental e conseqüentemente reverberar nas vivências universitárias, esses fatores devem ser considerados dentro das instituições de ensino superior.

Quanto aos aspectos considerados “ótimo” no tocante ao estado de saúde mental, observa-se uma correlação entre saúde mental e saúde física, as justificativas não trouxeram um conteúdo qualitativo de garantisse análises mais aprofundadas, conforme nota-se nas justificativas apresentada abaixo:

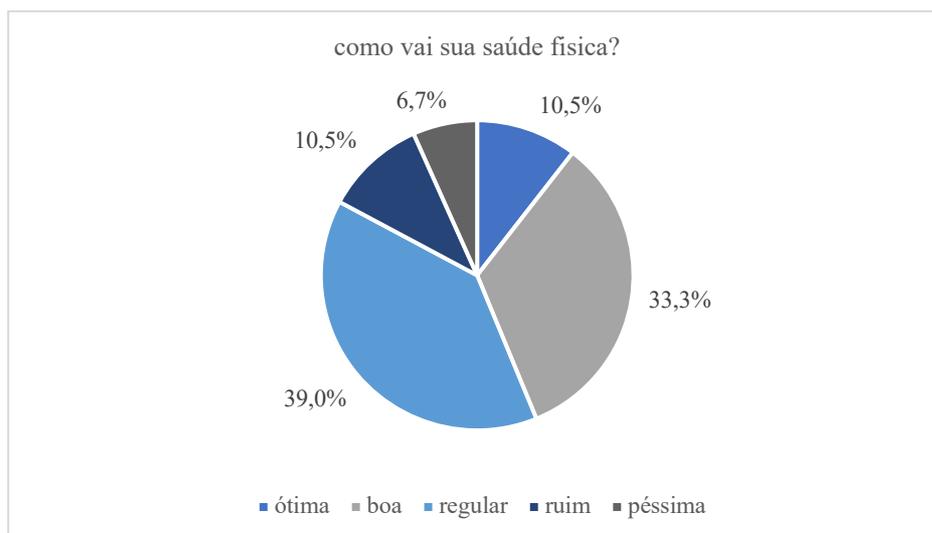
*“Tranquilo e sob controle”*. (Discente do sexo masculino, 21 anos, no 5º período).

*“Estou em estado geral da minha saúde física e saúde mental”*. (Discente do sexo feminino, 34 anos, no 2º período).

Essa percepção foi minoritária, contudo, os alunos que responderam à questão, associaram a “ótima” saúde mental a sensação de tranquilidade e controle, também houve a relação entre saúde física e saúde mental, a seguir vamos entender um pouco mais como esta relação pode se dar.

A pergunta de número 2 Para a questão “Como vai sua saúde física?”, teve por finalidade promover uma autorreflexão no discente sobre o seu atual estado de saúde física, é possível notar que 41 pessoas responderam “regular”, 35 responderam “boa”, 11 responderam “ótima”, 11 responderam “ruim” e 07 responderam “péssima”, conforme demonstra o gráfico 04 a seguir:

Gráfico 04 – Respostas referentes a pergunta “como vai sua saúde física?”.



Fonte: Do autor (2022)

Captamos que grande maioria se autointitula com uma saúde física regular, seguida de boa. Com a análise lexicográfica sobre o total das respostas, obtivemos uma discriminação dos termos mais frequentes nas justificativas apresentadas na segunda questão, os três termos mais usados nas respostas são primeiramente “exercício”, seguida de “atividade” e “alimentação”.

Quanto aos aspectos considerados “regular” no que se refere a saúde física observa-se que questões como rotina e gestão de tempo são mencionadas, assim como vulnerabilidade socioeconômica, houve a relação entre saúde mental e saúde física, conforme pode-se notar nas justificativas apresentadas abaixo:

*“Por conta da rotina que acabei criando ainda não encontrei um horário em que eu conseguisse voltar para academia. Minha alimentação está bem controlada, mas na parte de exercícios estou deixando um pouco a desejar”.* (Discente do sexo feminino, 18 anos, no 2º período)

*“Não existe tempo para exercícios”.* (Discente do sexo masculino, 27 anos, no 10º período)

*“Pouco tempo pra atividades físicas e muito desânimo por conta da ansiedade”.* (Discente do sexo feminino, 19 anos, no 4º período)

*“Não tenho praticado muitos exercícios, coisa que reconheço que deveria, e a minha alimentação também anda um pouco desregulada, no sentido de que não estou com horários regulados para as refeições e, por vezes, em função de valores e poder aquisitivo, não com a devida qualidade. De maneira geral, estou buscando uma melhora nesses pontos”.* (Discente do sexo masculino, 21 anos, cursando filosofia no 2º período)

*“Por questões de tempo, dinheiro e até mesmo da saúde mental não estou conseguindo manter uma rotina de atividade física, principalmente pelas mudanças de cidade que o curso têm exigido”.* (Discente do sexo masculino, 25 anos, cursando Medicina no 12º período)

*“Se por dentro não está legal, por fora também não estará”.* (Discente do sexo feminino, 19 anos, cursando Zootecnia no 1º período)

Constatamos mais uma vez, assim como nas justificativas da primeira pergunta, que questões como rotina, gestão de tempo e sobrecarga de tarefas são elencadas, essas temáticas são abordadas e demonstradas nas pesquisas de Oikawa (2019) que evidência a sensação de aprisionamento motivada pela sobrecarga de tarefas, Da Silva (2021) que fala da carga horária de estudos acentuada e Lameu (2016) que aponta a questões relativa aos prazos de entrega e gestão de tempo, as pesquisas se encontram no capítulo 3. A falta de tempo é usada para justificar a não realização de atividade física. A percepção de “falta de tempo” é relatada com frequência pelos alunos, a falta de tempo pode gerar uma percepção de descontrole. A segurança oriunda da percepção de controle é um sentimento primordial e muito importante para nossa constituição psíquica. Contudo, muitos em busca da manutenção constante desta sensação acabam se tornando “controladoras”, termo adotado no senso comum. Ser “controlador” não significa necessariamente querer ter domínio sobre si mesmo e terceiros. Em muitos casos esses comportamentos estão relacionados as tentativas de regular sua própria vida, rotina e hábitos. Neste momento precisamos estar alertas, a busca por estar sempre no controle pode ser insustentável. A falsa sensação de controle pode acarretar como consequência enorme sofrimento psíquico, qualquer situação pequena ganha uma dimensão muito maior, entender as raízes e origens destes comportamentos é fundamental para uma maior saúde mental, física e qualidade de vida.

Vulnerabilidade socioeconômica também é evidenciada com frequência, esse ponto merece destaque, uma vez que compreendemos que não podemos dizer de saúde mental e física sem seguridade social, por exemplo, é difícil esperar do aluno bons níveis de saúde mental, física e desempenho acadêmico se este está preocupado se terá ou não condições de realizar a próxima refeição ou se conseguirá recursos financeiros para pagar o aluguel e consequentemente manter os estudos. Ter condições básicas de sobrevivência é um direito fundamental e constitucional e quando estes estão suspensos, consequentemente, a qualidade de vida e saúde são deterioradas.

Quanto aos aspectos considerados “boa” concernente a saúde física, observa-se que os voluntários relacionam a uma saúde física boa a alimentação e prática de atividades físicas, questões como compulsão alimentar foram frequentemente citadas, conforme pode-se notar nas justificativas apresentadas abaixo:

*“Sei da importância da boa alimentação e da atividade física para a saúde física e emocional, por isso, busco me cuidar ao máximo. Faço atividade física 5x por semana”*. (Discente do sexo masculino, 24 anos, cursando no 8º período)

*“Estou me cuidando, praticando exercícios, estou bem comigo mesma fisicamente”*. (Discente do sexo feminino, 20 anos, no 4º período)

*“Prático exercícios físicos em casa mesmo quase a semana toda. Algumas dores as vezes, mas sempre acompanhado de algum fator emocional. Possuo uma boa alimentação, é a minha motivação para trabalhar. Mas quando ocorre alguma coisa tenho ainda episódios de compulsão alimentar, sempre doces”*. (Discente do sexo feminino, 32 anos, no 8º período)

A prática regular de atividade física e boa alimentação foram relacionadas há uma boa percepção em relação à saúde física, confirmando as pesquisas de Nogueira (2017), que afirma que a prática de atividade física pode ser pensada como uma estratégia de enfrentamento, a pesquisa detalhada se encontra no capítulo 3. Além disso, a implementação de uma boa alimentação pode garantir uma percepção positiva sobre a saúde física. Destacamos que o termo “compulsão alimentar” esteve muito presente nas justificativas ao longo do trabalho, a incapacidade em lidar com sentimentos como tristeza, angústia, raiva, frustração e até mesmo alegria, podem levar a impulsividade alimentar, neste aspecto ter uma boa relação com a comida pode prever bons estados de saúde mental e física, de outro modo, ter uma relação disfuncional com a comida pode evidenciar níveis negativos de saúde mental e física. Corpo e mente não devem ser desassociados, acreditamos que saúde física e saúde mental estão estritamente relacionadas.

Quanto aos aspectos considerados “ruim” no que se refere a saúde física, observa-se que os voluntários relacionam o sedentarismo a falta de saúde física, questões de ordem emocional também são elencadas para justificar, por exemplo, a baixa autoestima, questões psicossomáticas, e uso de cigarros, conforme pode-se notar nas justificativas apresentadas abaixo:

*“Sedentarismo não é legal, pouco ânimo para atividades, noites mal dormidas, sensação de cansaço ao acordar, dores musculares e em algumas articulações, também tenho gastrite e isso atrapalha muito até pra beber água ou passar por situações de estresse, com uma rinite alérgica por gatos, que impossibilita respirar sem pingar um remédio no nariz”*. (Discente do sexo feminino, 19 anos, no 1º período)

*“Sou sedentária e fumante”*. (Discente do sexo feminino, 20 anos, no 6º período)

*“Muito magro, sem atividades físicas”*. (Discente do sexo masculino, 18 anos, no 1º período)

A falta de atividade física foi relacionada a uma percepção ruim no que diz respeito à saúde física, somado a isso, o uso de cigarro também foi relacionado. O uso de álcool e outras drogas apresenta grande prevalência no ambiente universitário principalmente quando olhamos especificamente discentes em estado de sofrimento psíquico, conforme apontam as pesquisas de Trajano, Catrib e Abdon (2018), que dentre do ambiente universitário o alto índice de sofrimento psíquico está relacionada ao consumo de drogas lícitas e ilícitas, Da Silva (2021) que afirma que as vivências dentro do ambiente universitário seriam fatores de risco para o uso de drogas e Macêdo (2018) que traz que o uso abusivo de álcool e outras drogas pode ser usado como maneira de lidar e comunicar o sofrimento psíquico. O aluno em condições de sofrimento psíquico e sem o devido suporte e apoio para lidar e elaborar essas questões pode encontrar no uso de substâncias um anestésico ou paliativo para conseguir comunicar e lidar com seu sofrimento psíquico. De igual maneira, assim como o índice de uso de álcool e outras drogas dentro do ambiente universitário é alto, este ambiente também poderia ser o meio criador de campanhas de prevenção e conscientização sobre o uso dessas substâncias aliadas com políticas de promoção e prevenção em saúde mental.

Quanto aos aspectos considerados “péssima” no tocante a saúde física, observa-se que novamente questões relacionadas a alimentação e prática de atividades físicas e cigarro são colocadas, conforme pode-se notar nas justificativas apresentadas abaixo:

*“Não me alimento direito e nem faço exercícios”*. (Discente do sexo feminino, 21 anos, 5º período)

*“Muito sedentária”*. (Discente do sexo feminino, 19 anos, no 4º período)

*“Não consigo realizar atividades físicas”*. (Discente do sexo masculino, 22 anos, cursando Engenharia de Alimentos no 10º período)

*“Sem exercício, comendo besteira, obesa e fumando”*. (Discente do sexo feminino, 30 anos, no 8º período)

As justificativas acima demonstram mais uma vez a importância da prática de atividade física e alimentação balanceada para uma boa percepção a respeito da saúde física e conseqüentemente saúde mental, quando esses fatores são percebidos como negativos automaticamente a percepção sobre o estado de saúde também é influenciado e como efeito alterado.

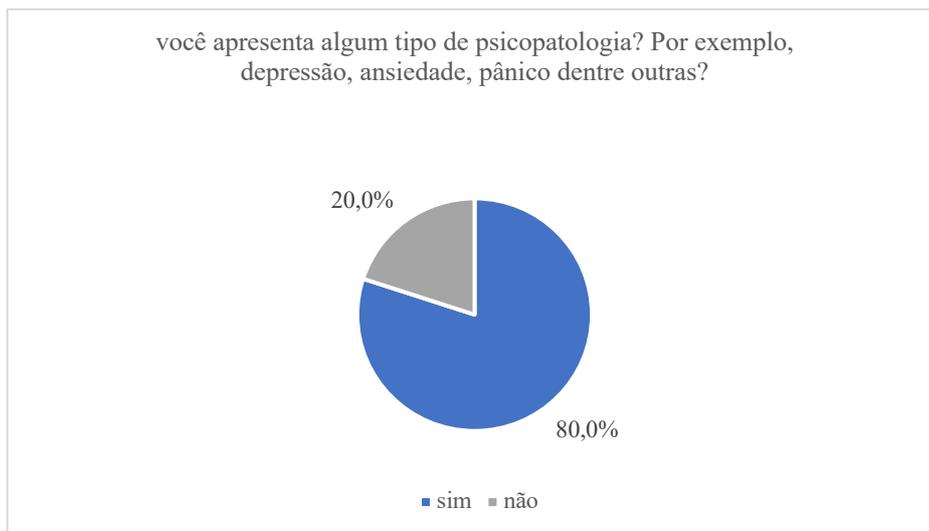
Em síntese nas questões 01 e 02 parece haver uma relação entre saúde mental e saúde física, em que ambas poderiam ser afetadas por fatores internos ligados às vivências universitárias, tais como os fatores de relacionamento interpessoal entre os próprios alunos e professores, demandas relativas à entrega de atividades acadêmicas e gestão de tempo, mas também fatores externos que não possuem relação direta com o ambiente acadêmico, caso dos fatores relacionados à vulnerabilidade socioeconômica, insegurança alimentar, afastamento parental, rotina doméstica e relacionamentos interpessoais, todavia que se misturam e se comunicam.

### **5.3 Vivências universitárias e o sofrimento psíquico**

Na categoria “vivências universitárias e o sofrimento psíquico”, foram consideradas as perguntas: “você apresenta algum tipo de psicopatologia? por exemplo, depressão, ansiedade, pânico dentre outras?” e “você já foi diagnosticado(a) profissionalmente como possuindo algum sofrimento mental?”. Compreendemos que conceitos enrijecidos e estáticos não são suficientes para caracterizar e enquadrar as pessoas em “transtornos mentais psiquiátricos tradicionais”, por isso, terminologias como “transtorno psiquiátrico comum” têm sido empregadas para descrever quadros sintomatológicos, uma vez que as categorias nosológicas psiquiátricas não têm sido satisfatórias, neste sentido os diagnósticos partem de visões amplificadas que possuem a delicadeza e o caráter de lançar um olhar para as subjetividades e singularidades da pessoa.

A pergunta de número 6, “você apresenta algum tipo de psicopatologia? por exemplo, depressão ansiedade, pânico dentre outras?”, é possível notar que 84 pessoas responderam “sim” e 21 responderam “não”, conforme demonstra o gráfico 05 a seguir:

Gráfico 05 – Respostas referentes à pergunta “você apresenta algum tipo de psicopatologia? por exemplo, depressão, ansiedade, pânico dentre outras?”.



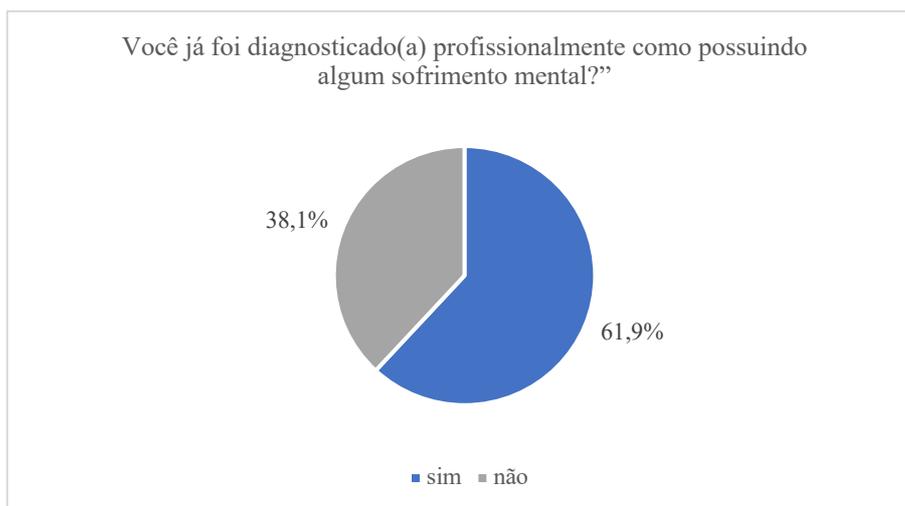
Fonte: Do autor (2022)

A análise lexicográfica sobre o total das respostas trouxe como resultado, uma discriminação dos termos mais frequentes nas justificativas apresentadas na sexta questão, os termos mais usados nas respostas são primeiramente “ansiedade”, seguida de “depressão”, “síndrome do pânico”, “compulsão alimentar”, esses foram os termos mais frequentes, contudo consideramos pertinente apresentar os demais termos mesmo que sua ocorrência seja de 2 ou 1 menções. Termos como “transtorno obsessivo compulsivo”, “transtorno de ansiedade generalizada”, “transtorno bipolar” e “transtorno de déficit de atenção” foram mencionados 2 vezes cada. Já os termos que aparecem uma única vez são “estresse pós-traumático” e “fibromialgia”.

Realizando a AFC, os 2 termos mais utilizados são em primeiro lugar “ansiedade” e em segundo “depressão”, para que não ocorram generalização, salientamos que a frequência desses termos diz respeito ao âmbito da pesquisa realizada sobre o ambiente universitário e vivências acadêmicas na universidade específica alvo deste estudo.

A pergunta de número 7 “você já foi diagnosticado(a) profissionalmente como possuindo algum sofrimento mental?”, é possível perceber que 65 pessoas responderam “sim” e 40 responderam “não”, conforme demonstra o gráfico 06 a seguir:

Gráfico 06 – Respostas referentes a pergunta “você já foi diagnosticado(a) profissionalmente como possuindo algum sofrimento mental?”.



Fonte: Do autor (2022)

Atingimos com a análise lexicográfica do total das respostas uma discriminação dos termos mais frequentes nas justificativas apresentadas na sétima questão, os termos mais usados nas respostas são primeiramente “ansiedade”, seguidas de “depressão” e “transtorno de déficit de atenção e hiperatividade”. Assim como anteriormente também acreditamos ser importante apresentar os termos com 1 ou 2 menções, por exemplo, “Transtorno Dimórfico Corporal”, “Estresse Pós-traumático”, “Fobia Social” e “Melancolia” com uma menção e “Transtorno de Personalidade Borderline” e “Transtorno de Déficit de Atenção” com duas menções como demonstra o quadro 03.

Notamos que nas justificativas as menções a ansiedade, depressão, variações de humor e dificuldades de concentração são frequentemente apresentadas. Segundo os dados, percebemos que os maiores índices são de sintomas que, conforme o demonstra o trabalho de Da Silva et al. (2021) representam ansiedade, depressão e instabilidade de humor e as pesquisas de Osse e Costa (2013) que apontam as dificuldades de concentração como sintomas frequentes entre universitários.

As psicopatologias citadas nas justificativas das respostas 6 e 7 foram, Ansiedade, Depressão, Transtorno do Déficit De Atenção Com Hiperatividade (TDAH), Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), Compulsão Alimentar, Transtorno do Pânico (TP), Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC), Transtorno de Personalidade Borderline (TPB), Transtorno de Déficit De Atenção (TDA), Transtorno Afetivo Bipolar (TAB), Estresse Pós-traumático, Fobia Social, Transtorno Dismórfico Corporal (TDC), Melancolia e Fibromialgia, conforme ilustra a tabela abaixo:

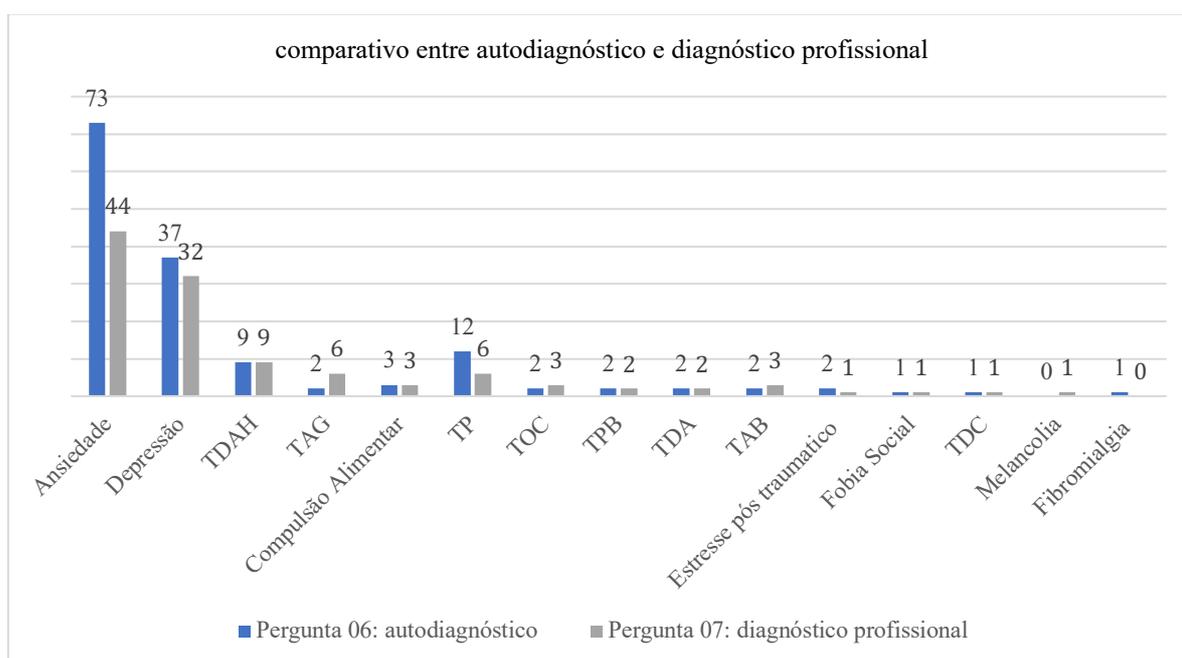
Tabela 02 – Comparação das respostas referentes as perguntas 6 e 7.

Psicopatologias	Pergunta 06: autodiagnóstico	Pergunta 07: diagnóstico profissional
Ansiedade	73	44
Depressão	37	32
TDAH	9	9
TAG	2	6
Compulsão Alimentar	3	3
TP	12	6
TOC	2	3
TPB	2	2
TDA	2	2
TAB	2	3
Estresse pós-traumático	2	1
Fobia Social	1	1
TDC	1	1
Melancolia	0	1
Fibromialgia	1	0

Fonte: Do autor (2023)

Com o quadro acima percebemos que existe uma diferença numérica quando comparamos a pergunta 6 que diz respeito a um “autodiagnóstico” e a pergunta 7 que exige um diagnóstico realizado por um profissional qualificado da área de saúde mental sendo psicólogo ou psiquiatra. No gráfico abaixo podemos ilustrar isso de outra maneira:

Gráfico 07 – Comparativos das respostas referentes as perguntas 6 e 7.



Fonte: Do autor (2023)

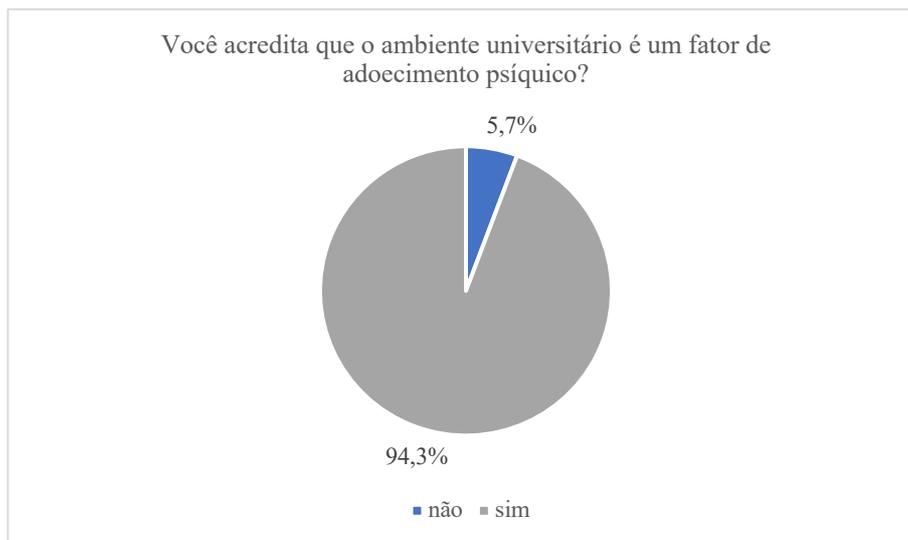
Essas perguntas tiveram alguns intuitos, por exemplo, aferir quais psicopatologias mais presentes nos alunos universitários, mas também de captar em algum grau o nível de autodiagnóstico na variação da pergunta 6 em comparação a pergunta 7. O autodiagnóstico é problemático, pois acarreta inúmeros prejuízos para o aluno, o primeiro deles é a própria rotulação, por exemplo, o aluno que se auto intitula com déficit de atenção e hiperatividade sem passar pelo devido processo de psicodiagnóstico profissional, pode correr o risco de se rotular como possuidor de uma psicopatologia e não receber o tratamento e apoio apropriados, se isolando e se culpabilizando por esse, ter que lidar com fenômenos de estigmatização, além de transferir suas responsabilidades a psicopatologia.

#### **5.4 Ambiente e experiências universitárias**

Na categoria “Ambiente e experiências universitárias”, foram consideradas as perguntas: “Você acredita que o ambiente universitário é um fator de adoecimento psíquico?” e “você acredita que a [Universidade pesquisada] contribui positivamente para a sua saúde física e mental?”. Percebemos que os autores entendem o ambiente universitário como aquele destinado a emancipação social e lugar de construção de conhecimento. As vivências universitárias podem ser entendidas como o conjunto de questões que emergem dentro do ambiente universitário que caracterizam as relações deste. A universidade pode oferecer e se configurar como um lugar humanizado e um ambiente facilitador para que experiências acadêmicas sejam encaradas e superadas, fornecendo suporte para os momentos de tensão que são inerentes a própria experiência universitária.

A pergunta de número 3, “Você acredita que o ambiente universitário é um fator de adoecimento psíquico?”, teve como intuito captar a percepção do aluno sobre suas considerações a respeito se o ambiente universitário é um fator de adoecimento psíquico e conseqüentemente causa deterioração da saúde mental. É possível notar que 99 pessoas responderam “sim” 6 “não”, conforme demonstra o gráfico 08 a seguir:

Gráfico 08 – Respostas referentes a pergunta “você acredita que o ambiente universitário é um fator de adoecimento psíquico?”.



Fonte: Do autor (2022)

Destacamos 94.3% acreditam que o ambiente universitário é um fator de adoecimento psíquico, enquanto apenas 5,7% acreditam que não. Esse percentual é alarmante pois demonstra como a percepção dos discentes a respeito da instituição de ensino superior está degradada ou o quanto estes percebem a universidade como um fator responsável de adoecimento psíquico.

Através da análise lexicográfica sobre o total das respostas, obtivemos uma discriminação dos termos mais frequentes nas justificativas apresentadas na terceira questão, os termos mais usados nas respostas são primeiramente “pressão”, seguidas de “ambiente”, “professor” e “cobrança”. A maioria dos discentes percebem que a universidade como um lugar de pressão, sendo está a palavra de maior frequência nas respostas, seguidas de ambiente, professor e cobrança. A partir disso, nota-se que para a maioria dos alunos o ambiente universitário se caracteriza como um lugar de pressão, cobranças e que a figura do professor está relacionada a essa questão.

Quanto aos aspectos das justificativas, observa-se que a maioria dos alunos tende a perceber o ambiente universitário como um fator que influencia o sofrimento psíquico, e como justificativa apontam questões externas como vulnerabilidade socioeconômica e internas como a figura do professor, demandas institucionais e relações interpessoais.

A percepção dos discentes demonstram que existem fatores interpessoais no que diz respeito a competição entres os discentes da universidade que podem ser influenciar na percepção sobre a universidade, questões de competição confirmam os apontamentos da pesquisa de Oikawa (2019) quando destaca que existe um nível de rivalidade presentes nos grupos sociais dentro do ambiente acadêmico, onde os próprios discentes competem e rivalizam entre si. Podemos validar isso nas respostas abaixo:

*“Muitas competições, carga horária exaustiva.”* (Discente do sexo masculino, 23 anos, no 7º período)

*“É um ambiente estressante, cansativo, competitivo e que requer que o aluno dê seu melhor sempre, seja no sentido psicológico ou físico.”* (Discente do sexo feminino, 22 anos, no 2º período)

*“Pressão, comparação e bastante competição entre os estudantes.”* (Discente do sexo feminino, 19 anos, no 2º período)

*“Se trata de um ambiente de competitividade e exigência, a todo momento será cobrado ou o próprio individuo se martiriza, não só sobre o momento atual, com suas notas e conhecimento, mas como se posicionam na sociedade e o que farão por ela no futuro com sua graduação. Particularmente, me esforço bastante para atingir metas, amo o conhecimento e foco nisso, mas uma hora o prazer vira um trabalho.”* (Discente do sexo feminino, 19 anos, no 2º período)

*“A competitividade é muito estimulada no ambiente da universidade, de forma geral.”* (Discente do sexo feminino, 21 anos, no 4º período)

*“Competição, exigência de produtividade contínua, desprezo por parte dos colegas quando você não consegue ter um padrão de produtividade constante, julgamento por parte de professores, desamparo.”* (Discente do sexo feminino, 24 anos, no 2º período)

*“Acredito que tudo é questão de encontrar um equilíbrio, muitas vezes por buscar um reconhecimento acadêmico sacrificamos nossa saúde física e mental. Muitas vezes nos deparamos com a competitividade quando estamos nesse ambiente, o que temos que descobrir é como equilibrar e tornar essas cobranças um fator que nos motive a ser melhor e não um motivo que nos adoça e torne esse ambiente em algo prejudicial.”* (Discente do sexo feminino, 18 anos, no 2º período)

Ainda neste setor encontram-se respostas que vão em direção do entendimento que os relacionamentos podem influenciar na percepção sobre o sofrimento psíquico, como apresentam as pesquisas de Silva, Pereira e Moura (2020), que demonstra a importância da dimensão social dentro das vivências universitárias, Souza e Lima (2020), que aponta que grupo sociais podem se ajudar na discussão e enfrentamento dos dilemas, Da Silva e Dias (2020) que apontam que os índices de qualidade de vida e sofrimento psíquico estão correlacionados a questões relacionais dos alunos, Lameu (2016), que mostra que a inadequação nos relacionamentos pode se configurar como um fator estressor, Jardim et al. (2020a) ao ressaltarem que nas vivências universitárias novos afetos e vínculos sociais são criados e estes são importantes para a assimilação do ensino e aprendizagem e Graner e Cerqueira (2019) ao afirmarem que a insegurança dos relacionamentos pode afetar nos estados de saúde mental. As sentenças abaixo demonstram isso:

*“Sempre pensei que as pessoas que se matavam durante a graduação eram um pouco fúteis, para mim se você não gosta de um curso você o tranca ou transfere. Parece ridículo, mas sim, eu pensava desse jeito, hoje eu sei e vejo que na faculdade além de ser um divisor de águas, tanto para o lado profissional, quanto para o lado social, é um dos maiores lugares para o adoecimento mental, lidamos com seres humanos que aparentam ter 20 anos, outros bem mais velhos, 30 anos, 40 anos etc., com pensamentos puberdosos de 12 anos e atitudes de 15 anos. O meio mais tóxico, entrei na faculdade sem nem saber o que era ansiolítico, hoje tomo tarja preta, para os meus pais, faço para chamar atenção, mas para mim, eu estou morrendo pedindo socorro aos poucos.”* (Discente do sexo feminino, 19 anos, no 2º período)

*“A universidade é um local que desgasta muito a nossa saúde mental, por razões da convivência com pessoas tóxicas, cobranças de trabalhos e sobrecarga de atividades. Dificilmente tem tempo para cuidar de si mesmo.”* (Discente do sexo feminino, 19 anos, no 2º período)

Houve respostas neste mesmo setor que fluem no sentido de colocar a figura do professor como peça importante de influência na percepção sobre o sofrimento psíquico, o relacionamento entre aluno e professor é importante para o desenvolvimento saudável conforme aponta a pesquisa de Lameu et al. (2016) que afirma que o estabelecimento de laços afetivos saudáveis entre o professor e o aluno podem deixar as vivências universitárias menos estressantes. As sentenças abaixo ilustram essa questão:

*“Muita pressão e professores despreparados influenciam no processo de adoecimento.”* (Discente do sexo masculino, 22 anos, no 2º período)

*“Ao ingressar ao ambiente universitário, se tem a crença de que o discente já reconheça qual a finalidade do ambiente e suas demandas, as quais desde o início os professores, ao menos os que eu tive, sempre foram claros e realistas ao realizarem as atividades devidas, atribuindo de maneira categórica que se há algum fator de adoecimento, não é provindo do corpo docente diretamente. Observando que então os fatores de adoecimento não são provindos do corpo docente, esclarecido por meio da minha experiência individual, o que não se deve caracterizar de maneira generalizada”.* (Discente do sexo masculino, 21 anos, no 2º período)

*“É um local onde ocorre muita pressão, além de outros fatores, como a falta de compreensão de alguns professores. No meu caso que sou uma pessoa que não encaixa no sistema de ensino e ainda tenho que trabalhar para me sustentar não é sempre que consigo acompanhar as pessoas da minha sala.”* (Discente do sexo masculino, 24 anos, no 5º período)

*“Muitos professores fazem terrorismo psicológico, nos fazendo sentir um lixo. Sempre estudei em escola pública e isso me deixa para trás por causa de não ter tido um ensino muito bom, me fazendo sentir burra em muitos momentos por não conseguir acompanhar, fora que preciso estudar o dobro para aprender o básico e o que é ensinado na universidade.”* (Discente do sexo feminino, 28 anos, no 9º período)

*“Existem professores maravilhosos na universidade, mas também têm muitos que não dão a mínima para a saúde mental dos alunos, além disso o sistema padrão de avaliação que temos desde o ensino fundamental até a faculdade,*

*pós-graduação etc., é extremamente estressante, os estudantes estressados muitas vezes descontam isso nos colegas de classe também.”* (Discente do sexo feminino, 20 anos, no 6º período)

*“Com certeza, já que para muitos a pressão é enorme e nem sempre os professores têm compreensão do quão desafiador é estar fora de casa e ter que se preocupar em comer, estudar, dormir, pagar as contas etc. Com os últimos contingenciamentos e demais problemas que afetam a Universidade, os alunos ficam apreensivos e temerosos de como será o futuro se haverá aulas, bolsas, políticas públicas que evitem a evasão etc.”* (Discente do sexo masculino, 24 anos, no 2º período)

Segundo as justificativas de alguns discentes existem uma sinalização em suas respostas em que a “pressão” seria um fator relacionado ao sofrimento psíquico, agora apresentamos as respostas que evidenciam a pressão como influenciadora da percepção sobre o sofrimento psíquico, a sobrecarga de tarefas e incertezas futuras podem gerar pressões como salientam as pesquisas de Oikawa (2019) ao mostrar que fatores como a pressão pode desencadear a sensação de sofrimento psíquico, Da Silva (2021), que salienta que as situações que geram pressão podem interferir nos estados mentais dos discentes e Lameu (2016) que mostra como a falta de perspectiva profissional, esperança no futuro e desejo de conclusão do curso podem ser fatores estressantes. As sentenças abaixo mostram isso:

*“A faculdade tem muita pressão, cobrança, incerteza com o futuro profissional, além de concorrência que colaboram para isso.”* (Discente do sexo feminino, 22 anos, no 10º período)

*“Existe muita pressão para provas e trabalhos, também com o tempo curto, e também muitas preocupações com o futuro da carreira.”* (Discente do sexo masculino, 19 anos, no 2º período)

*“Existe uma cobrança muito grande em relação a necessidade de formação e crescimento profissional. Essa cobrança não vem apenas da faculdade, como também familiar e interna.”* (Discente do sexo feminino, 20 anos, no 5º período)

*“A pressão colocada pelos pais, professores e nós mesmos faz isso.”* (Discente do sexo feminino, 23 anos, cursando Zootecnia no 5º período)

*“Pressão em demasiado, cobranças, falta de empatia, estruturas ruins.”* (Discente do sexo masculino, 27 anos, no 10º período)

*“O estresse e a ansiedade relacionada com entrega e apresentação de trabalhos e realização de provas pode prejudicar mentalmente os discentes.”* (Discente do sexo feminino, 19 anos, no 2º período)

*“sim porque eu me sinto mal quando não consigo estudar, quando não atinjo notas suficientes e me sinto incapaz.”* (Discente do sexo feminino, 21 anos, no 2º período)

*“Acredito que sim, muita das vezes a cobrança excessiva em nós mesmos relacionados a atividades, amizades e coisas em geral no ambiente universitário nos faz adoecer mentalmente.”* (Discente do sexo feminino, 18 anos, no 1º período)

*“Saímos muito novos do ensino médio, eu entrei na [Universidade] com 17 anos, a universidade exige um amadurecimento muito rápido de um adolescente.”* (Discente do sexo masculino, 21 anos, no 8º período)

*“Sinto muita pressão de mim mesma para aproveitar as oportunidades da faculdade e aprender ao máximo pois isso vai definir basicamente todo meu futuro profissional. Porém, com isso acabo me atolando de coisas e fico sem tempo para coisas básicas como uma boa noite de sono.”* (Discente do sexo feminino, 20 anos, no 4º período)

*“Acredito que além das pressões individuais e impostas pela sociedade, o ambiente universitário promove também muita pressão sobre os discentes. Acho que a forma de cobrança, e a exigência por bons resultados podem ser grandes estímulos para o surgimento de problemas psíquicos.”* (Discente do sexo feminino, 26 anos, no 10º período)

*“O ambiente universitário é um ambiente de pressão, prazos, entregas etc. Muitos alunos não conseguem se organizar bem por diversos motivos e acumulam muitas obrigações, isso com certeza é um gatilho para ansiedade e adoecimento mental.”* (Discente do sexo masculino, 23 anos, no 10º período)

*“Muita pressão e me sinto insegura sobre minha capacidade. Uma coisa que me estressa muito também é a falta de controle. Tudo depende da [Universidade] e de burocracia.”* (Discente do sexo feminino, 22 anos, no 8º período)

A percepção dos discentes também apontam que existem fatores externos ao próprio ambiente universitário que podem ser influenciadoras sobre os níveis de sofrimento psíquico, as respostas abaixo demonstram essa situação, conforme segue:

*“Não acredito que a universidade em si, mas sim pelas coisas feitas fora dela. Pelo menos no meu caso foi assim.”* (Discente do sexo masculino, 21 anos, no 8º período)

*“O adoecimento mental é algo muito individual e multifatorial, mas acredito que têm na sua gênese a exposição crônica de fatores estressantes. Por isso, a depender de como se dar a trajetória acadêmica e suas demandas, isso pode ser um fator de adoecimento.”* (Discente do sexo feminino, 25 anos, no 12º período)

*“Ele não é o fator de adoecimento, mas pode se tornar. A pressão acadêmica associada a hábitos de vida não saudáveis como sedentarismo, má alimentação, privação de sono e consumo de álcool. Pode se tornar um fator de adoecimento. O ambiente universitário favorece esses hábitos, mas não é uma máxima.”* (Discente do sexo feminino, 24 anos, no 4º período)

*“É um ambiente onde estamos em fase de transição, entrando na fase adulta, tendo mais responsabilidades. Porém isso acontece de maneira brusca e parece que somos constantemente cobrados resultados e excelência.”* (Discente do sexo feminino, 22 anos, no 5º período)

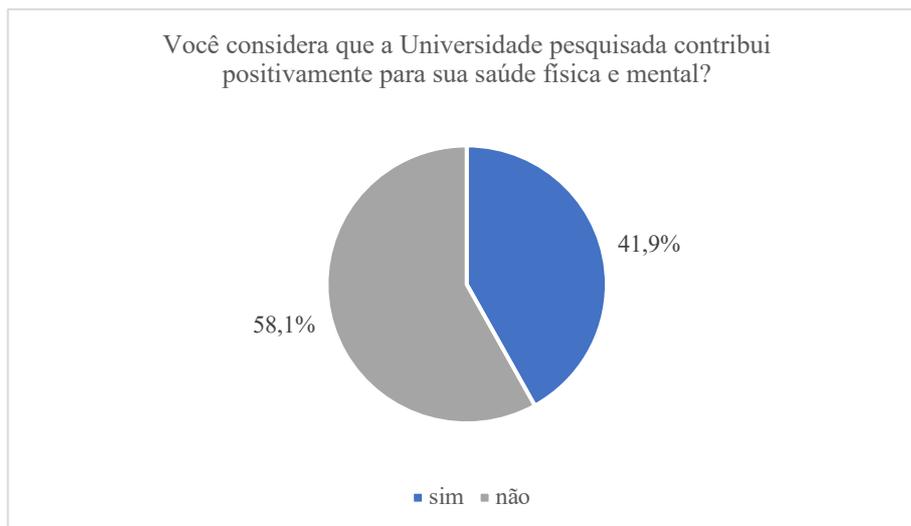
*“Tem muitas maneiras diferentes de adoecer na universidade, na vida em si. Mas principalmente nesse meio, porque é o momento em que tudo está mudando, você está criando mais responsabilidades, está morando fora, está vendo um mundo novo, a indecisão é sua sombra e escolhas que definirão seu futuro devem ser tomadas quando está na universidade.”* (Discente do sexo feminino, 21 anos, no 1º período)

As questões socioeconômicas são apontadas frequentemente nas respostas e podem ser consideradas fatores importantes na influência da percepção dos discentes sobre o sofrimento psíquico, a resposta abaixo valida isso:

*“Depende, é uma resposta complexa pois todo estudante tem demandas de estudo a cumprir que são essenciais para a própria formação, porém, falando do meu caso, por ser aluna de classe popular e precisar trabalhar além de estudar e por me manter sozinha financeiramente, é exaustivo demais. Contraditoriamente, para receber auxílio como vulnerável, cujo valor se quer daria para as despesas básicas mensais, eu precisaria comprovar ainda menos renda do que a que possuo atualmente. Enquanto isso, vemos em outros cursos disponibilizarem bolsas com valores maiores e para alunos que tem suporte financeiro familiar suficiente para poderem apenas estudar. Então, a incerteza de conseguir me manter em Lavras até terminar o curso é algo que me angustia constantemente e que evito compartilhar com minha família para não preocupá-los ainda mais.”* (Discente do sexo feminino, 35 anos, no 8º período)

A pergunta de número 5, “você acredita que a [Universidade pesquisada] contribui positivamente para a sua saúde física e mental?”, buscou aprender como os discentes percebem as contribuições da universidade para manutenção positiva da sua saúde física e mental. É possível notar que 61 pessoas responderam “não” e 44 responderam “sim”, conforme demonstra o gráfico 09 a seguir:

Gráfico 09 – Respostas referentes a pergunta “Você considera que a Universidade pesquisada contribui positivamente para sua saúde física e mental?”



Fonte: Do autor (2022)

O gráfico constata que 41,9% dos discentes acreditam que a universidade pode contribuir positivamente para sua saúde mental e física, enquanto 58,1% percebem que a universidade não contribui positivamente para os níveis de saúde mental e física. Esse percentual contrasta com o exposto no gráfico 08, onde 94,3% dos discentes percebem a universidade como um fator de sofrimento psíquico, existe um nível de expectativa que o ambiente universitário apesar de ser percebido como um fator de sofrimento, também pode contribuir positivamente para o combate e enfrentamento da situação.

Sobre a análise lexicográfica do total das respostas, chegamos a uma discriminação dos termos mais frequentes nas justificativas apresentadas na quinta questão, os termos mais usados que apresentam relação com a pergunta são primeiramente “ajuda”, seguidas de “atividade”, e “professor”. A maioria dos discentes percebem que a universidade como um lugar que pode oferecer ajuda, sendo esta a palavra de maior frequência nas respostas, seguidas de atividade e professor. Com isso inferimos que para a maioria dos alunos o ambiente universitário pode se transformar em um lugar de ajuda, com a realização de ações que estimulem a saúde física e mental, e que a figura do professor está relacionada ao “problema” e a “solução”. Salientamos que 25 voluntários não responderam essa questão, acreditamos que esse número de abstenção pode ser justificada pela hipótese que muitas vezes o discente não compreende e não reflexiona essa questão, tendendo a culpabilização ou a responsabilização unicamente da universidade por seu sofrimento psíquico, desconsiderando fatores externos ao ambiente universitário.

Alguns discentes tendem a perceber que a universidade pode se configurar como um lugar de ajuda para o enfrentamento e apoio de questões relacionadas a manutenção positiva de níveis saúde mental e física.

Apresentaremos neste momento as percepções positivas que dizem respeito a contribuição positiva da universidade para saúde física e mental, nessa perspectiva o ambiente universitário pode ser configurar como um ambiente de construção e diálogo positivo como apontam os estudos de Graner e Cerqueira (2019a), que assinala que a universidade pode prover caminhos para o incentivo de atividades que promovam bem-estar, Dias et al., (2019) pontuam que o diálogo constante entre toda a comunidade acadêmica pode ajudar nos desafios nos processos de ensino e promoção de um ambiente saudável, assim como Bezerra e Jorge (2018), que mostram a importância da instituição de ensino capacitar e promover formações orientadas para o acolhimento dos alunos em sofrimento psíquico. Conforme expomos abaixo as respostas da questão sobre se a Universidade pesquisada contribuiria positivamente para sua saúde física e mental:

*“Sim pois, apesar do estresse, dentro da [Universidade] eu caminho entre departamentos e tenho uma refeição completa por dia por um valor que não conseguiria em outros locais.”* (Discente do sexo feminino, 21 anos, no 3º período)

*“Me sinto orgulhosa de estar aqui.”* (Discente do sexo feminino, 23 anos, no 7º período)

*“Acredito que sim, pois a [Universidade] me ajuda a me desligar um pouco dos problemas pessoais e os amigos e professores do meu curso são bem acolhedores o que faz toda a diferença.”* (Discente do sexo feminino, 23 anos, no 8º período)

*“Eu, particularmente, me sinto bem na [Universidade] e acredito que estar lá me proporciona momentos de alegria e, apesar dos momentos ruins, a universidade tem contribuído mais positivamente do que negativamente.”* (Discente do sexo feminino, 19 anos, no 2º período)

*“Embora eu tenha respondido que sim, acredito que depende em qual âmbito estamos falando. Prestar uma universidade de ensino público cuja cobrança é superior nos faz gerar diversas preocupações e medos. Mas, em contrapartida, a mudança de cidade e a possibilidade de conhecer novas pessoas é uma fase de amadurecimento muito importante.”* (Discente do sexo feminino, 20 anos, no 5º período)

*“Sim, comecei na [Universidade] agora, apesar de acreditar que o meio universitário também adoce, ando passando por situações boas na universidade, eu gosto muito da [Universidade] e sempre foi meu sonho estudar lá então até o momento está me fazendo bem.”* (Discente do sexo feminino, 18 anos, no 1º período)

*“Apesar de alguns fatores, a [Universidade] sempre se manteve disposta a ajudar.”* (Discente do sexo feminino, 20 anos, no 2º período)

As percepções dos discentes também demonstram que existem fatores internos no que diz respeito a infraestrutura da universidade que podem influenciar na contribuição positiva da universidade, Graner e Cerqueira (2019) aponta que discentes que apresentam maior engajamento nas atividades acadêmicas apresentam índices mais positivos de saúde mental. Acreditamos que o engajamento em atividades acadêmicas, somada a execução de atividades físicas, podem ser benéficas, uma vez que prestigiamos que a universidade fruto deste estudo conta com grandes áreas arborizadas, ganhando prêmios de sustentabilidade. Quanto as respostas dos participantes da pesquisa que se relacionam a aspectos da infraestrutura destacam-se:

*“Por conta de ser um ambiente com muita natureza, muitos animais, amigos e um lugar seguro, acho que contribui positivamente.”* (Discente do sexo feminino, 22 anos, no 2º período)

*“A [Universidade] de forma geral contribui, uma vez que carrega consigo um ambiente arborizado, calmo, bonito e com boas distrações para acalmar a mente, como apresentações no palquinho, programações gratuitas, dança, música, e o próprio meio ambiente. Quanto aos atendimentos, o psicológico possui como ponto fraco a falta de continuidade com a mesma pessoa o que acaba afetando negativamente na efetividade do tratamento, já em relação ao psiquiátrico obtive uma boa resposta pela constância.”* (Discente do sexo feminino, 22 anos, no 2º período)

*“Sim, em partes. A [Universidade] possui bastante área em que se possa usar como lazer: trilhas, ciclismo, caminhada, lagoas, ótimas paisagens e piscina, que precisa voltar urgente. Mas por ser um lugar de estudos, acaba sendo estressante para os alunos como falei anteriormente.”* (Discente do sexo feminino, 22 anos, no 4º período)

As percepções dos discentes também apontam para a responsabilização e culpabilização da Universidade pesquisada quanto a contribuição da Universidade para a saúde física e mental, essa percepção pode influenciar em como o discente enxerga a universidade como apontam os exemplos abaixo:

*“Não, pois na [Universidade] não consigo me alimentar bem, conseqüentemente diminui a imunidade contribuindo para piora da saúde física, além disso há uma cobrança da faculdade a qual ficamos sujeitos a situações que podem gerar ansiedade.”* (Discente do sexo feminino, 21 anos, no 4º período)

*“Mental não. Quando fui atrás de ajuda na [Universidade], me disseram que eu tinha depressão e ansiedade, mas que a [Universidade] não pode oferecer acompanhamento, só poderiam fazer seções de urgência. Física eu não sei. Dá para correr.”* (Discente do sexo masculino, 22 anos, no 10º período)

*“Acho que a [Universidade] faz isso de fachada, não se preocupam, tanto que em todo momento que você necessita de apoio e suporte, ninguém nunca está à disposição ou é sempre um sacrifício para que consiga resolver os problemas da graduação.”* (Discente do sexo feminino, 22 anos, no 5º período)

*“Por mais que a universidade tente conscientizar os alunos da importância da saúde mental por meio de palestras e workshops, é necessário uma reestruturação no calendário no que tange as datas avaliativas, todo período tem as provas coincidem na mesma semana, o que é péssimo para o rendimento do aluno nas disciplinas e é fator de adoecimento mental.”* (Discente do sexo masculino, 23 anos, no 10º período)

*“Poder contar com o núcleo de saúde da instituição é muito bom e com certeza ajuda muitas pessoas, assim como eu. Porém, o sistema interno da universidade é o principal responsável por problemas mentais nos alunos, principalmente se tratando do corpo docente.”* (Discente do sexo feminino, 24 anos, no 10º período)

A figura do professor também foi mencionada como elemento de influência, segundo o trabalho de Zavadski e Facci (2012) a formação de professores deve abranger dimensões amplificadas e o profissional em psicologia poderia colaborar neste sentido na orientação. A frase abaixo demonstra a menção ao professor:

*“Em partes. Acredito que falta uma preocupação dos professores acerca desse assunto.”* (Discente do sexo masculino, 20 anos, no 5º período)

Questões socioeconômicas e de segurança alimentar foram fatores mencionados pelos discentes demonstrando que existem fatores externos que podem influenciar sua percepção sobre a universidade, não podemos pensar em qualidade de vida e saúde mental sem antes pensarmos aspectos de seguridade social. A pesquisa de Pereira et al. (2012) mostra que a qualidade de vida está relacionada a inúmeros âmbitos do viver, por exemplo, satisfação pessoal. Satisfação pessoal, como destacam os autores, é uma questão subjetiva, contudo, entendemos que a fome e a vulnerabilidade econômica podem impedir a plena qualidade de vida. A OMS (1998) demonstra que quando estão suspensas a capacidade de conquistar independência social e economia a qualidade de vida é prejudicada. As respostas que ilustram esses aspectos se encontram nos excertos a seguir:

*“A saúde mental está diretamente ligada a qualidade de vida. A [Universidade] não é uma universidade inclusiva. Oferecer uma bolsa de 300\$ para a pessoa trabalhar 20h na semana é imoral, colocar como opção a residência universitária é outro absurdo. Desde meu primeiro ano de universidade venho lutando com a importância de me formar e as dificuldades que me rodeiam e que eu me causo.”* (Discente do sexo feminino, 32 anos, no 5º período)

*“O Restaurante Universitário à R\$ 6,00. já não vou me alimentar direito, porque eu não vou pagar isso para me alimentar. Mamute reduzido, o que diminui o meu tempo em casa que eu poderia estar investindo na minha saúde, e até mesmo nos estudos, porque eu tenho que estar preocupada se eu vou ou não conseguir subir a [Universidade].”* (Discente do sexo feminino, 30 anos, no 8º período)

*“Sim, mas não de forma efetiva. Vemos cada dia mais um sucateamento de atividades esportivas universitárias, que acabam sendo terceirizadas para outras associações acadêmicas independentes. Estás por sua vez tão pouco recebem algum auxílio significativo. Quanto a alimentação dentro da universidade, ela está cada vez mais custosa e com menor qualidade. Apesar disso ainda são medidas que ajudam de alguma forma.”* (Discente do sexo feminino, 24 anos, no 4º período)

As percepções dos discente também demonstram que a oportunidade de prática de atividades físicas podem ser elementos que influenciam na contribuição positiva da universidade, as atléticas universitárias ao proporcionar, por exemplo, jogos universitários, possibilita o maior contato com esportes, estimulando o aumento da atividade física e conseqüentemente maior interação social com outros discentes, promovendo vivências universitárias de integração. abaixo estão as respostas dos participantes da pesquisa que mostram essa percepção, ao destacarem que:

*“Os esportes proporcionados pelas atléticas contribuem tanto mentalmente quanto fisicamente na minha opinião.”* (Discente do sexo feminino, 19 anos, no 2º período)

*“Prática de esportes pelas atléticas, times da [Universidade] de esportes e além do espaço para tal oferecido aos alunos.”* (Discente do sexo masculino, 21 anos, no 8º período)

A percepção dos discente também demonstra que a oferta de serviços, em especial aqueles que dizem respeito a assistência estudantil em saúde mental são parâmetros para uma percepção positiva da universidade. O apoio psicológico é apontado nas pesquisas de Moro, Valle e Lima (2005), que afirmam que as vivências universitárias exigem das instituições de ensino superior políticas públicas educacionais de assistência e apoio psicológico. Situações que podemos ver abaixo:

*“Temos psicóloga e espaço para atividades físicas.”* (Discente do sexo masculino, 23 anos, no 7º período)

*“A [Universidade] possui atendimento psicológico, do qual já fiz uso. Isso ajuda muito. O campus é amplo e conta com vários espaços para a prática de atividades.”* (Discente do sexo feminino, 22 anos, no 5º período)

*“Tem vários núcleos e ajudas como por exemplo a PRAEC.”* (Discente do sexo feminino, 18 anos, no 2º período)

*“Apesar de ser difícil, a [Universidade] possibilita psicólogos e psiquiatras gratuitos, além de yoga, pilates, esportes etc.”* (Discente do sexo feminino, 22 anos, no 2º período)

*“Sempre é bom poder contar com a ajuda de um profissional na área para poder ajudar entender melhor os sentimentos.”* (Discente do sexo feminino, 21 anos, no 8º período)

*“Acho que a [Universidade] poderia ter mais projetos que ocupassem a nossa vida sem ser sobre o curso que estamos fazendo. Eu vim de outra cidade para [cidade da universidade pesquisada], em momentos que eu não estou em aula, projeto e núcleo eu fico muito sozinha e me sinto muito solitária. Acho que mais pessoas devem se sentir assim também. E esse sentimento pode levar a pessoa a adoecer.”* (Discente do sexo feminino, 20 anos, no 2º período)

*“Física eu não vejo nada. Mental temos o núcleo, porém só utilizamos dele quando já estamos meio que esgotados, então é uma contribuição de tratamento, não de um cuidado prévio.”* (Discente do sexo masculino, 22 anos, no 8º período)

*“Muitas atividades que contribuíram para nossa saúde física e mental, não são possíveis de encaixar com nosso horário, logo acabam sendo inacessíveis.”* (Discente do sexo feminino, 21 anos, no 4º período)

*“Agora sabendo do núcleo creio que pode ajudar bastante e também com as atividades das atléticas que oferecem pode auxiliar consideravelmente.”* (Discente do sexo feminino, 19 anos, no 1º período)

Ainda sobre os serviços de assistência, muitas respostas se aglutinam no sentido da percepção discente que a prestação de serviços continuados, por exemplo, atendimento psicológico deveria ser contínuo, ou seja, a oferta de atendimentos aos moldes de uma psicologia clínica. Os estudos de Tanamachi e Meira (2003) chamam atenção e problematizam a visão do psicólogo apenas como um solucionador de problemas. Somando a isso Zavadski e Facci (2012) mostram que o psicólogo pode atuar muito além de uma posição estritamente clínica, mas com propostas pedagógicas, orientação e formação. Podemos ilustrar isso com as respostas abaixo:

*“Contribui mais o acompanhamento com psicólogo deveria ser contínuo.”* (Discente do sexo masculino, 24 anos, no 2º período)

*“Apesar de não nos oferecer acompanhamento com psicólogo, o psiquiatra da [Universidade] é de grande ajuda.”* (Discente do sexo feminino, 21 anos, no 5º período)

*“Pois lá só tem consultas esporádicas e não acompanhamento periódico.”*  
(Discente do sexo feminino, 25 anos, no 10º período)

*“Apesar de haver núcleo de saúde mental, quando eu fiz uso, era difícil marcar com frequência atendimento psicológico, e há sessões limitadas, e para pessoas que sofrem com transtornos mentais, é extremamente necessário um longo acompanhamento. Sem falar do acompanhamento psiquiátrico, que quando precisei, não tive meu nome e gênero respeitado pelo profissional e apenas me receitou remédios, que hoje vejo que não era necessário a quantidade que foi prescrita.”* (Discente do sexo feminino, 24 anos, no 10º período)

Por último, nota-se que fatores externos podem influenciar na contribuição de uma percepção positiva da universidade, conforme o exemplo abaixo:

*“Seria indevido eu dizer que ela contribui positivamente para minha saúde física e mental, pois ela de fato não me faz nada para cada coisa. Talvez contribua positivamente para meu desenvolvimento mental, o que não se caracteriza necessariamente em saúde mental. Mas ao mesmo tempo que ela não necessariamente contribua positivamente às tais saúdes, também não contribui negativamente. Logo, a Universidade não afeta nem positiva e nem negativamente minha saúde física e mental, coisas que, a meu ver, são fatores individuais, que praticamente independem do ambiente universitário.”*  
(Discente do sexo masculino, 21 anos, no 2º período)

As questões externas ao ambiente universitário podem influenciar na percepção dos discentes sobre sua saúde física e mental. Por se tratar de um período de transição, existe o enfrentamento de novos desafios emocionais, acadêmicos e sociais. A pressão para ter sucesso nos estudos, gera questões financeiras, assim como questões relativas ao futuro como o medo de não conseguir emprego, a necessidade de se adaptar a um novo ambiente, a solidão e a percepção de falta de apoio emocional são alguns dos fatores que podem afetar a percepção da saúde física e mental dos universitários. Notamos que as questões apontadas pelos discentes se caracterizam como multifatoriais, essas podem influenciar diretamente em como percebe a universidade e conseqüentemente as suas atribuições e responsabilizações no que diz respeito a saúde física e mental.

### **5.5 Percepção discente da política educacional em saúde mental e o papel da instituição de ensino superior**

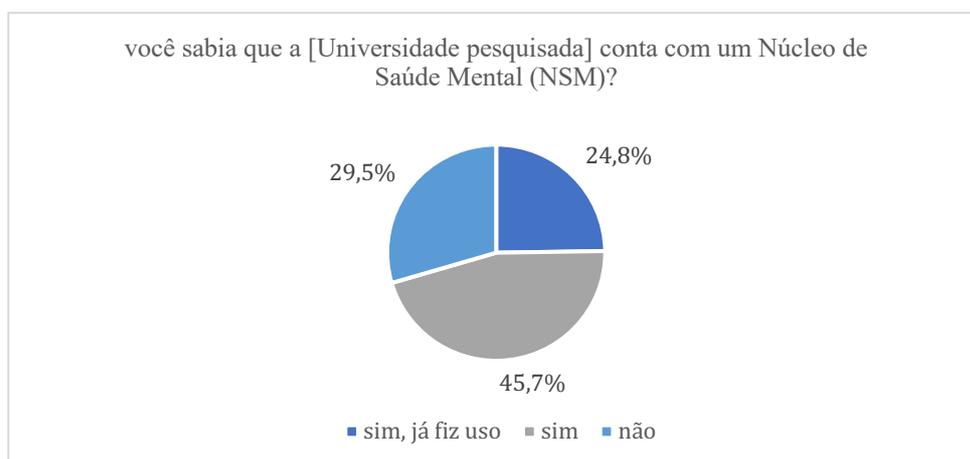
Na categoria “visão discente da política educacional em saúde mental e o papel da instituição de ensino superior.”, foram consideradas as perguntas 4, 8 e 9: “você sabia que a

Universidade Federal pesquisada conta com o Núcleo de Saúde Mental (NSM)?”, “na sua opinião, qual é o papel da Universidade diante as questões relativas à “saúde mental”? e “como você considera que a [Universidade] poderia contribuir mais para sua saúde mental?”, ressaltamos que as duas últimas foram as únicas questões que não tiveram a opção de múltipla escolha consistindo unicamente em questões dissertativas.

As políticas educacionais e iniciativas institucionais voltadas a saúde mental universitária não são unanimidade e nem padronizadas dentro das universidades federais, a literatura demonstra que um dos papéis das instituições de ensino superior no que concerne a sua responsabilidade em relação a saúde mental universitária está no cumprimento do Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), com o fomento de atividades de psicoeducação e apoio ao sofrimento psíquico dos discentes. Notamos que as instituições estão mais sensíveis a temática, contudo, a literatura demonstra que para a comunidade acadêmica a atribuição e visão do papel do psicólogo estão alicerçadas, muitas vezes, em um fazer restritamente voltado aos moldes clínicos, desconsiderando seu fundamental papel no trabalho multidisciplinar e seu lugar na criação, reflexão, aperfeiçoamento e implementação de ações e políticas educacionais em Saúde Mental Universitária, conforme relatam as pesquisas de Tanamachi e Meira (2003) e Zavadski e Facci (2012) citadas anteriormente.

A pergunta de número 4, “você sabia que a Universidade Federal pesquisada conta com o Núcleo de Saúde Mental (NSM)?”, salientamos que a questão quatro não apresenta justificativa apenas a opção de múltipla escolha, é possível notar que 48 pessoas responderam “sim”, 31 responderam “não”, e 26 responderam “sim, já fiz uso”, conforme demonstra o gráfico 10 a seguir:

Gráfico 10 – Respostas referentes a pergunta “você sabia que a Universidade Federal pesquisada conta com o Núcleo de Saúde Mental (NSM)?”.



Fonte: Do autor (2022)

Um aspecto positivo a ser mencionado é o índice de pessoas dentro da amostra desta pesquisa que tem conhecimento sobre os programas de assistência estudantil da Universidade Federal do Sul de Minas Gerais, especificamente sobre o Núcleo de Saúde Mental. Podemos inferir com esse resultado que a grande maioria dos alunos sabem da oferta dos serviços oferecidos, representando um total de 70,47%, desta somatória, 24,76% dos alunos já fizeram diretamente uso dos serviços e 45,71% não fizeram uso, mas tem conhecimento a existência dos serviços ofertados pelo núcleo.

Do total de alunos participantes desta pesquisa 29,52% responderam que desconheciam os serviços e a existência do núcleo, tal informação vai ao encontro a pesquisa de Osse e Costa (2013) ao afirmarem que muitas vezes as informações sobre a oferta desses serviços não chegam as instâncias superiores como centros acadêmicos. Existe um desconhecimento dos alunos a respeito dos recursos de assistência estudantil, boa parte dos órgãos institucionais das universidades, por exemplo, centros acadêmicos, desconhecem as próprias políticas educacionais voltadas para assistência estudantil em saúde mental que a instituição dispõe.

Apesar de quantitativamente existir um baixo índice de desconhecimento em comparação ao de conhecimento do NSM, não podemos deixar de considerar a importância da realização de campanhas de divulgação periódicas, pois garantem uma maior visibilidade, a orientação dos docentes a respeito do funcionamento e encaminhamento para o núcleo também seria um modo interessante de divulgação, bem como o profissional em psicologia, a saber o psicólogo, poderia realizar essa função de amparo e direcionamento para os professores no sentido de orienta-los em um trabalho conjunto de como proceder em casos de encaminhamento ao NSM, isso conduz ao que apontam os trabalhos de Tanamachi e Meira (2003) ao afirmarem que o psicólogo pode promover e facilitar as relações institucionais, assim como Almeida e Azzi (2007) que destacam que apesar de complexo, o psicólogo pode ter seu lugar na ensino superior com a realização de atividade voltadas para temática de saúde mental e Zavadski e Facci (2012) que mostram que o psicólogo pode pensar e implementar ações junto a gestão pedagógica. Disso entende-se que atuação dos profissionais em psicologia pode abarcar as questões de gestão de políticas públicas, criação e execução de programas e orientação de professores.

A seguir iremos expor as respostas das perguntas 8 e 9, essas questões se caracterizam por serem as únicas estritamente discursivas, nesse sentido, seria inviável a apresentação dos 105 voluntários e conseqüentemente 210 respostas, temos o zelo de reconhecer que cada uma delas é importante e tem seu lugar de fala, relevância e respeito por se tratarem das opiniões e

concepções pessoais dos voluntários, porém, por uma questão de ordem e extensão, optamos por não apresentar integralmente todas as respostas e sim apenas aquelas que apresentam conteúdo qualitativamente alinhados com aquilo que já expusemos neste trabalho.

A pergunta de número 8, “Na sua opinião, qual é o papel da Universidade diante as questões relativas à “saúde mental?”, buscou compreender qual a percepção do discente a respeito da responsabilidade da universidade frente as questões relacionadas à saúde mental.

Captamos que grande maioria se autointitula com uma saúde mental regular, seguida de boa. Com a análise lexicográfica sobre o total das respostas, obtivemos uma discriminação dos termos mais frequentes nas justificativas apresentadas na oitava questão, os termos mais usados nas respostas são primeiramente “apoio”, seguidas de “ajuda”, “psicólogo”, “suporte” e “atendimento”. A maioria dos discentes participantes da pesquisa percebem que a universidade tem o papel de prestar apoio no que se refere a questões de saúde mental, sendo está a palavra de maior frequência nas respostas, inferimos que os voluntários tendem a responsabilizar a universidade no que diz respeito ao fornecimento de apoio que em tese propiciaria uma ajuda e suporte para lidar com o sofrimento psíquico, muitos discentes enxergam que essa ajuda poderia vir por meio da oferta de atendimentos psicológicos. As pesquisas de Silva, Cerqueira e Lima (2014) apontam que podem ser criadas estratégias que promovam maior interação entre os alunos e a comunidade acadêmica. Acreditamos que essas atividades podem se configurar como espaços de apoio e ajuda para o estudante que se encontra em estado de sofrimento psíquico. Graner e Cerqueira (2019) também acreditam na importância do planejamento de ações interventivas orientadas para o as universitárias positivas e bem-estar acadêmico. Iremos setorizar as respostas com a finalidade de ajuntar questões que afluem para uma mesma temática, salientamos que nem sempre esse arranjo será possível, uma vez que algumas respostas tocam em mais de um tema.

Muitos discentes apresentam a percepção que um dos papéis da universidade é que ela se configure como um espaço de apoio. O ambiente universitário não se caracteriza apenas como um lugar para a aquisição de competências técnicas e conhecimento teórico, mas para além disso, essa instituição pode se desenhar como um lugar que transcende a isso, se colocando como um ambiente de apoio, conforme as pesquisas de Graner e Cerqueira (2019) que creem no ambiente universitário como um espaço de apoio e Santos (2006) que mostra o papel fundamental da universidade em prestar apoio ao estudante. Podemos ver essas questões sobre a percepção discente do papel da universidade nas respostas abaixo:

*“Acredito que deve prestar apoio aos alunos inclusive de forma preventiva. A universidade deve avaliar indicadores de saúde mental de seus alunos e colaboradores com a finalidade de corrigir possíveis padrões que possam desencadear agravo à saúde mental.”* (Discente do sexo feminino, 26 anos, no 10º período)

*“A universidade deve ter como prioridade a saúde mental dos alunos, orientar melhor o que fazer em casos como o que tive semestre passado (síndrome do pânico), visando tranquilizar e acolher os estudantes e não causar mais ansiedade e angústia, eu me estressei, fiquei muito ansiosa e cansada para conseguir que aceitassem meu atestado de síndrome do pânico enquanto era setembro amarelo e a [Universidade] postava coisas no Instagram sobre saúde mental.”* (Discente do sexo feminino, 20 anos, no 6º período)

*“O papel da universidade é diminuir o impacto dessa mudança tão "brusca" na vida do adolescente, sair de um ensino médio aos 17 anos e entrar em uma graduação, são muitas coisas passando pela cabeça, inclusive se entramos no curso certo.”* (Discente do sexo masculino, 21 anos, no 5º período)

*“A universidade deve oferecer o máximo de apoio a sua comunidade estudantil e profissional, tendo em vista que, direta ou indiretamente, ela é causadora de muitos transtornos psiquiátricos.”* (Discente do sexo feminino, 22 anos, no 5º período)

*“Muitas pessoas vem de longe pra passar no mínimo cinco anos aqui estudando, longe da família e amigos, muitos ficam sozinhos e sem apoio nenhum, acredito que a faculdade devia ser um lugar de apoio.”* (Discente do sexo feminino, 21 anos, no 5º período)

Neste mesmo setor existem respostas que vão em direção do papel da universidade em disseminar informações relativas à saúde mental, no qual se encontram as respostas abaixo:

*“A universidade precisa contar (e conta) com profissionais da área. Mas essa informação precisa ser mais disseminada dentro da instituição, uma vez que eu mesmo nunca tinha escutado sobre tal suporte. No mais, precisa fazer realmente campanhas que incentivem pessoas a procurarem os profissionais.”* (Discente do sexo masculino, 21 anos, no 6º período)

*“Ser mais acessível, empática. Tentar ser mais presente na vida do discente, com informação e suporte. Tem pessoas que nem sabe da existência de projetos psicológicos, e que entram e ficam perdidas porque não tem a quem recorrer.”* (Discente do sexo feminino, 22 anos, no 4º período)

A universidade pode fomentar diversas campanhas por exemplo, palestras, *workshops*, rodas de conversas dentre outros, com o intuito de gerar promoção e prevenção em saúde mental universitária, sendo importante para isso uma boa rede de disseminação dessas informações, para que essas iniciativas cheguem aqueles que necessitam dessa assistência. Para isso é fundamental que a instituição use canais que democratizam o acesso à informação, o NSM da

universidade pesquisada dispõe de meios de divulgação dos seus eventos e matérias de psicoeducação, tais como: site, *podcast* em diversas plataformas sendo elas *Spotify*, *Breaker*, *GooglePodcasts*, *Pocket Casts* e *RadioPublic* e postagem dos eventos no site e perfis oficiais da universidade nas redes sociais *Facebook* e *Instagram*. Acreditamos que o NSM cumpre positivamente seu papel na divulgação e disseminação de informações.

Notamos que alguns discentes tendem a compreender que é de responsabilidade da universidade o fornecimento de serviços voltados para o atendimento de questões concernentes a saúde mental. Essa percepção coloca diretamente o psicólogo em uma posição fundamentalmente clínica, contudo, o papel do psicólogo nas instituições de ensino transcende muito o fazer clássico, conforme afirmam as pesquisas de Bezerra e Jorge (2018) que apontam o lugar do psicólogo para além da prática clínica. Abaixo estão as justificativas sobre a percepção discente do papel da Universidade diante as questões relativas à saúde mental apresentadas abaixo:

*“A universidade possui papel de fornecedora de serviços que auxiliem nas questões relativas à saúde mental de seus discentes.”* (Discente do sexo feminino, 19 anos, no 2º período)

*“Fornecer sim um acompanhamento psicológico a todos os estudantes, independente se as dificuldades enfrentadas são relacionadas a faculdade ou não, porque esses problemas afetarão diretamente a vida acadêmica do universitário.”* (Discente do sexo feminino, 21 anos, no 1º período)

*“Sabendo que é um ambiente de muita pressão, mudança de ambiente e insegurança, acho que a universidade tem papel de manter um profissional disposto a acolher e conversar, alguns grupos de conversa, e orientar, se possível, aos funcionários de conseguir acolher os alunos, nada muito profissional, só um acolhimento mesmo.”* (Discente do sexo feminino, 22 anos, no 8º período)

*“Proporcionar meios para atendimento na própria universidade de forma gratuita, realizar campanhas para conscientização, ter variedades de programas voltados às atividades que proporcionem descanso mental como desenho, música, dança, ioga, artes marciais.”* (Discente do sexo feminino, 22 anos, no 9º período)

*“A Universidade deve, de modo geral, prestar mais apoio aos alunos. A falta de oferta de uma terapia continua (visto que o psicólogo ofertado faz apenas uma única consulta) dificulta muito para os alunos.”* (Discente do sexo feminino, 20 anos, no 7º período)

Acreditamos que o papel do psicólogo vai além da prestação de serviços orientados há um atendimento clínico clássico, contabilizamos que esse é apenas um dos campos de atuação do profissional em psicologia e que pode sim ser muito importante dentro da universidade, mas não o único, conforme relata as pesquisas de Tanamachi e Meira (2003) que afirmam a

importância do psicólogo como agente de socialização e Zavadski e Facci (2012) que concebem o psicólogo também como criador de políticas educacionais que melhorem os aspectos de ensino e aprendizagem. Ainda sobre o papel do psicólogo neste contexto, algumas respostas mostram que a percepção de discentes sobre qual seria a responsabilidade da universidade perante questões relativas à saúde mental que residiria no fato da instituição prestar orientações e formação para docente. Os trabalhos de Zavadski e Facci (2012) afirmam que o psicólogo poderia ser um agente importante na formação de professores, somando forças na compreensão dos processos de ensino aprendizagem em específico no que diz respeito a orientação dos professores para lidar com as questões de sofrimento psíquico. Como demonstram a as respostas abaixo:

*“Para mim a Universidade deve zelar pela saúde mental dos alunos, verificar cobranças, fiscalizar professores, até o momento foi minha maior dificuldade e estresse na [Universidade]), divulgar melhor o núcleo. Acredito então que precisa ser um ambiente de “acolhimento” mediante as cobranças internas que já irão surgir com as demandas universitárias.”* (Discente do sexo feminino, 19 anos, no 2º período)

*“É o papel de conscientizar toda a comunidade acadêmica, principalmente os professores, de que esse é um assunto importante, que todos nós temos que prezar por um ambiente saudável, mais amistoso e compreensivo com a questão de saúde mental dos estudantes. Porque não é fácil ter essa rotina com tanta pressão, com tantas matérias e atividades extracurriculares para serem cumpridas.”* (Discente do sexo feminino, 22 anos, no 7º período)

*“Principalmente os professores ter empatia e ajudar os alunos a terem uma saúde mental melhor e colocar isso em prática.”* (Discente do sexo feminino, 25 anos, no 7º período)

*“Conscientização da parte dos professores de que muitos estudantes sofrem com problemas psicológicos, trabalhando com mais empatia e compreensão.”* (Discente do sexo feminino, 20 anos, no 5º período)

*“Orientar docentes, discentes e funcionários sobre sinais de alerta diante do adoecimento mental e sobre como contribuir para a saúde mental própria e de terceiros, além de tornar o conhecimento sobre o assunto acessível à comunidade por meio de ações extensionistas.”* (Discente do sexo feminino, 21 anos, no 3º período)

*“A saúde mental é algo muito individual de cada ser humano, contudo, hoje em dia tampouco se fala sobre isso. Pessoas dizem e expressam sofrimento, mas é escasso meios acessíveis para todos curarem suas dores. A Universidade tem um papel de suma importância uma vez que desperta inúmeros gatilhos para tais questões relacionadas a saúde mental. Uma preocupação maior da parte de docentes até coordenadores e reitoria deveria ser mais presente e obrigatória.”* (Discente do sexo feminino, 22 anos, no 5º período)

Acreditamos que os casos relatados de professores que saíram da conduta ética esperada merecem atenção, contudo, não podemos correr o risco de generalizações, pensar que isso diz de um todo, pois existem muitos professores preocupados com a saúde mental de seus alunos e procuram constantemente em realizar sua prática docente de maneira humanizada.

Temos consciência que esbarramos em questões orçamentárias, a oferta de atendimento psicoterápico de forma contínua muitas vezes é inviável tendo em conta o alto contingente de demanda. Nesse sentido parcerias e convênios com outras instituições que podem oferecer atendimento clínico continuado de maneira social por exemplo as clínicas escolas de psicologia das universidades privadas podem ser uma alternativa a ser trilhada.

Dentro desse setor podemos identificar grupos de respostas que evidenciam que o papel da universidade seria na criação e execução de eventos, por exemplo, palestras programas e rodas de conversa, a pesquisa de Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005), demonstram as questões relativas à saúde mental universitária tem ganhado cada vez mais relevância nas instituições de ensino superior que tem se tornado sensíveis e, portanto, criando programas de saúde mental voltadas para essa população. Separamos abaixo as respostas referente as percepções dos discentes do papel da Universidade diante as questões relativas à saúde mental:

*“Na minha opinião o papel da universidade, além de proporcionar apoio/suporte psicológico, como atendimentos na universidade, deve-se apresentar, sempre, palestras, momentos diversos, para a discussão desse assunto no meio acadêmico.”* (Discente do sexo feminino, 21 anos, no 8º período)

*“Como não sendo devido aplicar uma "culpa" à Universidade em questão aos problemas individuais do corpo discente, mas sendo esse mesmo corpo discente aquele que compõe a Universidade e a torna de fato um ambiente universitário, é dever da Universidade desenvolver programas, palestras e mesas para a apresentação, elucidação e envolvimento de toda a [Universidade] nas questões de "saúde mental", que ajudem de alguma maneira o corpo discente (e até mesmo funcionários da Universidade) com as questões mentais e de desenvolvimento interno na universidade. Ou seja, em suma, tentar ajudar o corpo discente a viver melhor.”* (Discente do sexo masculino, 21 anos, no 8º período)

Eventos e atividades extracurriculares são comumente mencionadas positivamente pelos alunos, nos parece que essa forma de abordagem surte grande efeito na percepção dos alunos sobre o cuidado e zelo da instituição de ensino sobre as questões que tangenciam a saúde mental dentro do contexto universitário.

Ainda referente a esse setor identificamos grupos de respostas que evidenciam que o papel da universidade seria na manutenção e aperfeiçoamento do NSM, separamos abaixo as respostas que ilustram isso:

*“Eu acho que seria ter um núcleo para ajudar nas dificuldades emocionais que são causadas por tanta pressão da idade e obrigações novas que não existiam antes, e principalmente algum tipo melhor de confraternização para auxiliar os que tem dificuldade para fazer novas amizades, algum tipo de dinâmica para pessoas encontrarem outros com os mesmos gostos e ideias.”* (Discente do sexo feminino, 19 anos, no 1º período)

*“O papel da Universidade diante as questões relacionadas à saúde mental é de oferecer conforto para os estudantes que precisarem, divulgar projetos, alcançando e informando cada vez mais pessoas sobre os núcleos de ajuda oferecidos pela universidade.”* (Discente do sexo feminino, 18 anos, no 2º período)

*“A universidade é responsável, de certa forma, pela saúde mental dos seus alunos. Ações devem ser feitas para reduzir o agravamento dessas doenças nos discentes. Porém a universidade não dá real apoio a isso, além de ter criado o núcleo de saúde mental. Ou seja, enquanto instituição, a [Universidade] só trata desse assunto quando lhe é conveniente. Enquanto isso, o núcleo de saúde mental tenta lidar sozinho com esse grande problema estrutural, sem ter nenhum apoio real da administração.”* (Discente do sexo feminino, 24 anos, no 10º período)

*“O papel da universidade é demonstrar que por mais que o trilha da graduação seja árduo, o aluno não estará sozinho. É necessário que o núcleo de saúde mental seja expandido, pois a maioria das pessoas conseguem atendimento tardio. Além disso, é necessário conscientizar os professores dos departamentos a serem mais humanos e incentivarem a eles conversarem entre si para marcar avaliações em datas não coincidentes.”* (Discente do sexo masculino, 21 anos, no 10º período)

*“Auxiliar os alunos ao máximo, eu sei da existência do núcleo de ajuda, porém outros podem não saber, e mesmo os que sabem não vão até o núcleo porque as vezes julgam o “problema” uma coisa que é generalizada, pensam que é problema de todo mundo então não vão procurar porque é algo bobo.”* (Discente do sexo feminino, 23 anos, no 4º período)

*“A Universidade nos oferece vários tipos de ajuda tanto em núcleos quanto em apoio da PRAEC.”* (Discente do sexo feminino, 18 anos, no 2º período)

O núcleo de saúde mental da instituição alvo dessa pesquisa, com cerca de 4 anos, conta com uma boa estrutura física e multiprofissional, apresenta processos internos bem definidos e organizados, promove eventos de diversas ordens, contudo, alguns discentes veem a necessidade de expansão, enquanto alguns não sabem de sua existência. Acreditamos na

melhoria contínua dos serviços e conseqüentemente um maior investimento e aporte financeiro para isso.

Alguns alunos entendem que a universidade deveria realizar uma autorreflexão e autocrítica sobre a sua postura diante à comunidade acadêmica, compreender a teoria da “ética do cuidado”, exposta no item 2.2 conforme a o trabalho de Dias (2017) poderiam ajudar muito na reflexão, e criação de políticas de promoção, prevenção em saúde mental. As respostas abaixo confirmam isso:

*“A faculdade deveria se preocupar mais com saúde mental, muitas vezes faltas por conta de saúde física são abonadas, mas as de saúde mental não. E é cada vez mais frequente a exaustão mental que impede o estudante de fazer qualquer coisa, a maioria dos professores que tive contato não estão preparados para lidar com isso.”* (Discente do sexo feminino, 21 anos, no 3º período)

*“A universidade deve levar em conta que a situação financeira do aluno pode sim afetar em seu desempenho acadêmico, e que nem todos que estão aqui de alguma forma terão motivação por parte da família, dos professores e colegas de curso. infelizmente, muitos alunos criam um tabu por parte de tratamento psiquiátrico e psicológico, medo dos preconceitos e de achar que naturalizar e romantizar as doenças psicológicas é o caminho mais fácil. infelizmente também a universidade tem poucos psicólogos para tanta demanda, impedindo de ter um tratamento recorrente de cada aluno para analisar o progresso do tratamento. não é algo que depende da universidade somente, mas também do orçamento enviado do governo federal.”* (Discente do sexo feminino, 24 anos, no 10º período)

*“Acredito que a universidade deve ter ferramentas que atendam às necessidades individuais, bem como personalizada com a rotina de cada curso, fazendo que seja um ambiente de produção de conhecimento, crescimento individual e coletivo, bem como de lazer. Ao passo que o ambiente universitário se torna estressante e tangencia às questões psicológicas e emocionais dos estudantes e profissionais, perde-se os objetivos que se espera para tal ambiente.”* (Discente do sexo masculino, 25 anos, no 12º período)

*“Dar toda a possibilidade possível de que todos os estudantes tenham, de fato, acesso aos serviços e atendimentos da [Universidade], ampliando para o horário noturno, mesmo os eventos que ocorrem no horário do almoço, no Centro de Convivência e que não se repetem à noite. Até mesmo o Mamute se tornou mais um fator de preocupação, pois no horário das 17h às 17:30h contempla os alunos que estão saindo das aulas da tarde, mas os alunos que saem do trabalho neste horário não conseguem subir para às aulas noturnas, senão pelas caronas ou Autotrans, desse modo, minha despesa com transporte tende a aumentar e a renda que já era justa vai apertar ainda mais.”* (Discente do sexo feminino, 35 anos, no 8º período)

*“Como se trata de opinião, a Universidade deveria ser como uma casa, nem sempre tão séria, alguns dias deveria haver "festa". Enfim, passamos tanto tempo na universidade, que o único momento cultural promovido é*

*apresentações no palco do centro de convivência, todos os professores e alunos se aliam e conversam sobre seus problemas, mostrando apoio, mas a universidade em si não possibilita abertura para mudanças. O papel principal, seria fornecer as ferramentas para que o estudante entenda que nem tudo é o fim, ou que temos espaço para possibilidades, eventos que a própria universidade coloca na grade.”* (Discente do sexo feminino, 19 anos, no 4º período)

*“Não deixar que a carga do sucesso acadêmico acabe com a sanidade mental.”* (Discente do sexo feminino, 23 anos, no 10º período)

Houve respostas que entendem a Universidade como responsável pelo sofrimento psíquico, para alguns discentes a percepção sobre a universidade é negativa, julgando que ela é a responsável por seus sofrimentos psíquicos.

*“Ela deveria ser ajustada para lidar melhor com essas questões. No contexto atual, não consigo ver a universidade com papel positivo. A única coisa positiva em relação a saúde mental tiradas de lá advém de boas relações sociais com colegas e professores, o que nem sempre são frequentes.”* (Discente do sexo feminino, 23 anos, no 3º período)

*“Quando se é causador dos problemas deve-se apresentar soluções ou tentar amenizá-los. Deve apresentar apoio psicológico e psiquiátrico suficiente para toda população universitária (alunos e servidores) e dar cursos para os professores sobre como transmitir o conhecimento de forma proporcional e humanizada. Publicar legislações, mas humanizadas, uma vez que os servidores só fazem se está na legislação da [Universidade].”* (Discente do sexo feminino, 32 anos, no 4º período)

*“A universidade é extremamente importante e impacta diretamente na saúde mental dos alunos, visto que, muitos das pessoas que conheço na universidade apresentam distúrbios psicológicos.”* (Discente do sexo masculino, 24 anos, no 8º período)

Não acreditamos que um bom caminho seja ocupar o lugar de ataque a instituição de ensino superior nem a sua integral responsabilização sobre o sofrimento psíquico, já vimos que muitos dos sinais e sintomas sofrimento psíquico são externos e muitos deles antecedem a matrícula na instituição, por esse motivo, não nos parece razoável culpabilizar a universidade como única causadora da falta de saúde mental. Mas também sabemos que muitos dos processos internos como burocracias, excesso de tarefas, relacionamentos conflituosos com professores, falta de adequação e integração as vivências universitárias podem de fato influenciar a saúde mental e física dos alunos.

A pergunta de número 9, “Como você entende que a [Universidade pesquisada] poderia contribuir mais para sua saúde mental?”, procurou absorver qual a percepção dos discentes a

respeito do papel prático da universidade frente a questões respectivas à saúde mental e como a Universidade Federal deste estudo poderia contribuir positivamente para promoção, prevenção e manutenção de bons estados de saúde mental. Ressaltamos que na questão houve 8 respostas em branco, apesar de na construção do questionário criarmos meios de coibir esse comportamento como a cautela de aplicar a função que não permitia passar para outra pergunta ou enviar o questionário com questões em branco, alguns alunos usaram apenas caracteres avulsos na resposta da questão.

Acreditamos que exista um caminho para tentar entender essa característica específica citada acima, conjecturamos que a justificativa pode estar no próprio instrumento de coleta de dados no que diz respeito à redação das perguntas, ela pode ter provocado dúvida e ambiguidade gerando nos alunos confusão na interpretação. Tomamos a cautela de realizar aplicação de um teste piloto, como já mencionado na parte metodológica, quando realizamos o teste piloto para verificar a coerência e coesão das perguntas não foi identificado problemas nessa questão, mas não podemos desconsiderar que com número maior de pessoas algumas podem ter tido dificuldade de compreensão por isso as questões em “branco”. Realçamos também que 6 alunos responderem que “não sabem”, essa peculiaridade pode ser entendida como uma própria dificuldade de entender como instituição de ensino superior alvo deste estudo poderia contribuir positivamente de maneira prática com a saúde mental universitária, talvez isso delata uma própria incompreensão de como a instituição pode pensar, criar e implementar ações orientadas neste sentido.

Constatamos com a análise lexicográfica do total das respostas uma discriminação dos termos mais frequentes nas justificativas apresentadas na nona questão, os termos mais usados nas respostas são primeiramente “professor”, seguidas de “ajuda”, “psicólogo”, “núcleo” e “atendimento”. Percebemos que os discentes tendem a pensar que uma maneira que a universidade poderia intervir de maneira prática para a saúde mental está relacionada aos professores. Existe uma percepção que a universidade poderia ajudar no combate ao sofrimento psíquico com a disponibilização de atendimentos psicológicos ofertados pelo núcleo de saúde mental.

A questão 8 buscou captar qual a percepção discente do papel da universidade frente as questões de saúde mental, já a questão 9 pretendeu buscar qual a percepção discente de como a universidade poderia contribuir de forma prática para saúde mental.

Assim como na questão 8, na questão 9 a temática que de formação e orientação dos professores se coloca, percebemos que há uma tendência de culpabilização do professor e atribuição do sofrimento psíquico como sendo de responsabilidade dele. O trabalho de Hahn,

Ferraz e Giglio (2020) demonstra que o contexto da universidade carrega uma enorme tensão psíquica. Acreditamos que a figura do professor por ser aquela em que o aluno tem maior contato acaba sofrendo retaliações. Alguns discentes entendem a Universidade como responsável pela capacitação de professores, conforme ilustra as respostas abaixo:

*“Ofertando não apenas uma consulta, mas sim um acompanhamento de um profissional. Assim como uma capacitação maior para professores, para que eles saibam lidar com algum possível problema que o aluno possa ter, como por exemplo, crises de ansiedade durante alguma avaliação.”* (Discente do sexo feminino, 20 anos, no 5º período)

*“Preparar melhor os professores. A maioria não sabe dar aula e cobram muito mais do que ensinaram. As minhas professoras do fundamental são melhores que os professores da [Universidade].”* (Discente do sexo homem, 27 anos, no 10º período)

*“Incentivar o lado humano dos professores. Quando entrei no Departamento [Universidade] x os professores eram desumanos e competiam entre si em uma briga de ego sobre a reprovação em massa de alunos. Isso refletia diretamente na autoestima, na saúde mental e emocional dos alunos. O sentimento era que não tínhamos professores, mas sim, inimigos. Isso piorou muito minha saúde mental, e cheguei a quase desistir do curso. Fui diagnosticado com ansiedade e começo de depressão, iniciando meu tratamento com medicamentos.”* (Discente do sexo masculino, 22 anos, no 9º período)

*“Acho que a abordagem nos próprios departamentos dos cursos deveria ser diferente, sendo mais acolhedora e aberta para receber e tentar entender os alunos.”* (Discente do sexo feminino, 22 anos, no 2º período)

*“Bom, no caso seria necessário uma mudança na dinâmica dos professores, pois isso acaba colocando muita pressão nos alunos, e os prazos curtos geram níveis altos de stress.”* (Discente do sexo feminino, 19 anos, no 4º período)

*“Adequando e orientando os profissionais do NSM. Estipulando um calendário de provas mais flexível, de forma a não termos diversas provas no mesmo dia ou durante vários dias de uma semana apenas. Mas sim de forma que se dilua um pouco durante o período. Abono de falta em caso de atestado ser aceito, não só a reposição da atividade. Instruir aos professores como lidar de forma humana, sem humilhar alunos, sem nos tratar como folgados/baderneiros quando passamos por alguma situação atípica, ou dificultar que os alunos sejam aprovados propositadamente. Tendo projetos de cuidado com a saúde mental durante todo o ano. Entre outros.”* (Discente do sexo feminino, 21 anos, no 10º período)

*“Acredito que a [Universidade] poderia instruir, cobrar e punir professores que ainda perpetuam a cultura de que deve ser "carrasco". Acredito também que devem ser estudadas novas formas dos alunos além das convencionais. A promoção de programas de práticas artísticas e esportivas também poderia auxiliar na dissipação de estresse e ansiedade. A [Universidade] também poderia fornecer atendimento psicológico contínuos aos alunos que se*

*interessassem.*” (Discente do sexo feminino, 26 anos, cursando Medicina Veterinária no 10º período)

*“Investir mais no núcleo de saúde mental, tanto na questão política quanto na estrutura. E rever o corpo docente, pois na maioria das vezes e para a maioria dos alunos, o principal agravante de problemas psicológicos é a falta de humanidade dos professores, em entender que os seres humanos são diferentes uns dos outros e que ele não é melhor em nenhum sentido apenas por estar em uma posição mais alta hierarquicamente. Professores devem propagar conhecimento e incentivar o crescimento dos seus alunos, não menosprezar e rebaixar os mesmo em público.”* (Discente do sexo feminino, 24 anos, no 10º período)

*“Promovendo mais eventos esportivos, aumentando a capacitação dos docentes para compreenderem e lidarem melhor com as adversidades e dificuldades das vidas dos discentes, aumentar a capacidade de atendimento no NSM.”* (Discente do sexo masculino, 24 anos no 2º período)

*“Deveria ser repensado os métodos de avaliação e carga de atividades. Além de implementar capacitações e monitoramento em relação as condutas, muitas vezes abusivas e insensíveis, dos profissionais de ensino.”* (Discente do sexo feminino, 26 anos, no 8º período)

*“Pesquisar a motivação e métodos didáticos dos professores, investimento em árvores frutíferas, espaço para trabalho voluntário em ajuda a animais de rua, moradores ou não da universidade, um tipo de grupo para pessoas falarem seus problemas etc., Tipo uns alcoólatras anônimos, e um serviço de psiquiatra com a possibilidade de prescrição de medicamentos e consultas gratuitas.”* (Discente do sexo feminino, 19 anos, cursando no 1º período)

*“Estudo no turno da noite e nos sentimos um pouco “esquecidos” pela [Universidade], nossa rotina se resume a entrar lá e ficar mudando de pavilhões, enquanto alunos dos turnos matutino e/ou integral têm distrações, apresentações. Acredito que essas são formas de ajudar a “quebrar o clima” da universidade, e nós da noite não temos, contribuiria se tivéssemos. Além disso, contribuiria se houvesse melhor avaliação e fiscalização dos professores, avaliando principalmente a qualidade do ensino que nos é oferecido, tenho alguns professores que suas atitudes em sala são decepcionantes e já me causaram tanto estresse que pensei em desistir do curso.”* (Discente do sexo feminino, 19 anos, no 2º período)

Assim como na questão 8 na questão 9, a percepção de que a universidade deve ser um lugar de apoio novamente se apresenta conforme as pesquisas de Kantorski et al. (2006), que entendem que a universidade pode ser esse lugar onde o discente encontra suporte. Sentenças que concebem a Universidade como lugar de apoio encontram-se abaixo:

*“Esse questionário é um exemplo de iniciativa de escuta dos estudantes que deveria ser usado pela universidade oficialmente para entender as peculiaridades dos estudantes dos cursos noturnos, que acredito serem os mais prejudicados quando se trata de horários.”* (Discente do sexo feminino, 35 anos, no 8º período)

*“Promovendo diálogo entre docentes, discentes e funcionários sobre fatores que prejudicam a saúde mental de cada um desses setores para que se possa pensar coletivamente maneiras de facilitar o cotidiano.”* (Discente do sexo feminino, 21 anos, no 3º período)

*“Orientar melhor o que fazer em casos como o que tive semestre passado (síndrome do pânico que eu não conseguia sair de casa para frequentar as aulas) e se preocupar com a saúde mental dos alunos o ano todo, não só postar coisas sobre o assunto no setembro amarelo.”* (Discente do sexo feminino, 20 anos, no 6º período)

*“Escuta mais ativa da comunidade acadêmica. Projetos pedagógicos mais humanizados e ampliar oferta de apoio psicológico e psiquiátrico de qualidade e continuado.”* (Discente do sexo masculino, 25 anos, no 12º período)

Assim como já exposto em outras perguntas, nessa também houve respostas que colocam a universidade como prestadora de serviços, as pesquisas de Andrade et al. (2014), mencionam a importância dos serviços estarem alinhados e integrados com os planos de ensino, Dias (2012) mostra a universidade como uma comunidade de formação emancipatória, Tenório (2016) destaca que é importante a reflexão constante a instituição de ensino em como ela poderia desempenhar seu papel na promoção, prevenção e cuidado em saúde mental de seus alunos, assim como Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005) que também mostram a importância de programas de suporte e prevenção de sintomas de sofrimento psíquico. Como podemos ver nas respostas abaixo que concebem a Universidade como prestadora de serviços encontram-se abaixo

*“Eu sinto que seria muito mais proveitoso uma maior acessibilidade a psicólogos e psiquiatras pela universidade. Rodas de conversa entre pessoas que tem ansiedade e transtorno de déficit de atenção (TDA) me ajudaria muito a entender e testar diferentes formas de enfrentar esses anos na faculdade com esses transtornos. Ver que não estou sozinha.”* (Discente do sexo feminino, 22 anos, no 5º período)

*“Eu gostaria muito de que tivesse psicólogos para cada área dos cursos. Assim a atenção talvez seria redobrada.”* (Discente do sexo feminino, 19 anos, no 3º período)

*“Divulgando melhor a existência do núcleo de saúde mental, como ir dentro das salas onde estão os calouros e apresentar a eles. E terapia, mesmo que seja só de 15 em 15 dias. Tem os estudantes de odontologia que vão pra [Universidade] fazer estágio, poderia fazer a mesma coisa com os estudantes de psicologia de lá.”* (Discente do sexo masculino, 24 anos, no 5º período)

*“Liberando profissionais suficientes para acompanhamento, treinando servidores para trabalharem de maneira humanizada, tomar decisões*

*pensando no bem estar da comunidade acadêmica em prevalência a interesses políticos de quem está no poder na universidade (tem nos prejudicado fortemente), não sobrecarregar os professores com serviços administrativos para que eles não nos sobrecarreguem com tarefas que são mais fáceis de corrigem por não terem tempo por estarem fazendo serviços de secretaria e inúmeros relatórios. O desequilíbrio de um afeta o outro.”* (Discente do sexo feminino, 32 anos, no 4º período)

*“Acho grupos de apoio, rodas de conversa, uma maneira bacana de não se sentir sozinho, se sentir acolhido. O que mais causa tristeza e nervoso para mim é o sentimento de solidão e o medo de não ter ninguém ao seu lado para auxiliar ou acolher.”* (Discente do sexo feminino, 21 anos, cursando no 8º período)

*“Melhorando a qualidade dos profissionais do NSM, alguns até substituídos, pois não acredito que sejam profissionais qualificados, até porque prescrever uma série de remédios pra deixar a pessoa dopada, é fácil, agora ajudar, conversar, respeitar, tem alguns que não conseguem, esses devem ser substituídos.”* (Discente do sexo feminino, 24 anos, no 10º período)

*“Oferecer profissionais mais qualificados a atender universitários e como dito a última questão, disponibilizar atendimento psicológico para quaisquer problemas q o aluno estiver enfrentando.”* (Discente do sexo feminino, 21 anos, no 1º período)

Dentro deste mesmo setor, notamos que alguns alunos percebem a necessidade de aumento do número de consultas e dos profissionais como psicólogos e psiquiatras, a pesquisa de Guzzo e Marinho-Araújo (2011), destacam que de todos os serviços multiprofissionais ofertados pela universidade alvo de sua pesquisa, os psicólogos estavam dentro daqueles de maior demanda e procura. Abaixo encontram as respostas que entendem que a Universidade deveria ampliar os serviços prestados:

*“Aumentando a oferta de consultas com psicólogos e psiquiatras. Além disso, poderia conscientizar os discentes sobre o assunto, por meio de palestras e eventos.”* (Discente do sexo feminino, 19 anos, no 2º período)

*“Poderia melhorar o núcleo de saúde com mais psicólogos e psiquiatras.”* (Discente do sexo feminino, 19 anos, cursando no 2º período)

*“Se não me engano temos um limite de consulta que podemos fazer com o psicólogo da [Universidade], não tenho certeza, talvez se fosse liberado mais sessões, apesar de ser muita gente na universidade, creio que seria bom. Algo também que busca-se saber como os alunos estão mensalmente, tipo a galera da medicina que põe aquelas barracas no centro de convivência e mede pressão, glicose etc. Se tivesse algo nesse estilo com uma conversa com psicólogo acho que seria interessante, se já existir não sabia.”* (Discente do sexo masculino, 21 anos, no 8º período)

O Núcleo de Saúde Mental está anexado a coordenadoria de Saúde da universidade em questão e conta com 3 psicólogos e 6 médicos, no site oficial da Coordenadoria de saúde não há discriminação se os 6 médicos trabalham unicamente no núcleo de saúde mental. Dentro deste mesmo setor identificamos mais uma vez questões que colocam a Universidade como fomentadora de atividades, abaixo encontra-se trechos das respostas:

*“Estou satisfeita com os programas oferecidos pela [Universidade].”*  
(Discente do sexo feminino, 18 anos, no 2º período)

*“Promover atividades que contribuam para a saúde mental, desenvolvendo hobbies para os alunos como atividades artísticas, como pintura, desenho, atividades físicas como divulgas mais aulas de yoga, meditação.”* (Discente do sexo feminino, 22 anos, no 5º período)

*“Adoraria ver apresentações de teatro, corais, semana não só de palestras, mas atividades, momentos que os professores promovem outra forma de ensino. Uma atividade que promova a criatividade dos alunos, como propor um projeto, mesmo que de ficção que una diferentes cursos. Entretanto, não haveria tempo, disposição ou verba para tais atividades. Considero inviável qualquer proposta do tipo, pois depende de quantas pessoas estão interessadas.”* (Discente do sexo feminino, 19 anos, no 3º período)

*“Proporcionar atividades como ioga e pintura, levando a parte da pintura para os prédios da Universidade de modo que haja uma restauração destes. Melhora no curso de Engenharia Mecânica (não sei quanto aos outros cursos) para que haja mais prática do que apenas teoria aproveitando, assim, os laboratórios destinados para isso como de processos de fabricação.”*  
(Discente do sexo feminino, 22 anos, no 9º período)

*“Acho que a [Universidade] já tem boas iniciativas com o núcleo de saúde mental, com palestras sobre o assunto e ter espaço pra reclamações. Mas seria bom ter eventos que promovam a saúde coletiva, como atividades de lazer dentro da universidade, mais atividades físicas coletivas, uma maratona/caminhada, atividades artísticas como exposição de arte dos alunos, coisas que nos motivem a fazer algo que não seja apenas estudar e fazer prova.”* (Discente do sexo feminino, 22 anos, no 7º período)

*“Acredito que a [Universidade] poderia ajudar promovendo um programa ou reuniões com os alunos periodicamente. Ou até mesmo com questionários para que assim talvez possa ser identificado algum aluno que precise de ajuda. Acredito que para procurarmos ajuda precisamos primeiro aceitar e entender que estamos passando por um momento difícil e assim conseguimos nos abrir para alguém que confiamos.”* (Discente do sexo feminino, 23 anos, no 8º período)

*“Oferecendo mais pontos de interação social, divulgando mais sobre saúde mental, aceitar atividades extracurriculares como esportes, aula de música, idiomas como horas complementares para incentivar os alunos a fazer atividades que ajudem sua saúde mental e seja fora do âmbito acadêmico.”*  
(Discente do sexo feminino, 22 anos, no 10º período)

Percebemos que nem sempre existe uma percepção clara e unificada dos discentes sobre o papel da instituição de ensino superior, os trabalhos de Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005) afirmam a importância de nos debruçarmos sobre as atribuições das instituições de ensino superior sobre as questões relativas à qualidade de vida e saúde mental no contexto universitário. Em síntese a percepção dos alunos quanto ao papel da universidade de forma prática a melhora da saúde mental gira em torno na formação e orientação de professores, no fornecimento de serviços e na ampliação deles assim como a reflexão da universidade como lugar de apoio e suporte. Com os resultados e discussões provenientes deste capítulo, foi possível criar um folder informativo em uma tentativa de responder algumas questões levantadas pelos discentes e com a divulgação deste material promover uma ação psicoeducativa de promoção e prevenção em saúde mental.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: SAÚDE MENTAL COMO UM CAMINHO

Quando se pensa em saúde mental no cenário contemporâneo existe a grande tendência, principalmente provocada através das mídias sociais, de imprimir uma “noção” de saúde mental enquanto algo que pode ser comprado como uma espécie de mercadoria, no momento em que isso sucede temos a “mercantilização da saúde mental” um fenômeno muito preocupante, pois deturpa uma compressão mais aprofundada de um conceito complexo que está para além de métricas preestabelecidas e definições inflexíveis, mas que diz também de uma dimensão ética. Concebemos que a saúde mental é uma conquista que se constrói através do tempo, com condições básicas de seguridade social e da soma de várias experiências transcorridas em nosso viver e existir. A saúde mental é muito mais um caminho pelo qual se percorre e não uma mercadoria que se compra ou surge de forma instantânea que se configura em um fim em si mesma. Em vista disso, compreendemos que a saúde mental necessita ser compreendida de maneira multifatorial, contextualizada e como algo a ser conquistada no decurso da própria vida mediante o somatório das variadas experiências e singularidades aliadas a um estilo de vida que assegure qualidade de vida.

Neste sentido, esse trabalho procurou compreender os conceitos de saúde mental e qualidade de vida no contexto universitário pensando as vivências universitárias e as percepções dos discentes a respeito das políticas educacionais ofertadas por uma Universidade Federal do Sul do estado de Minas Gerais sobre o atual estado de saúde física e mental dos discentes e qual o papel atribuem a universidade, no que diz respeito a sua responsabilidade em questões referentes a saúde mental no contexto de ensino superior. Através deste trabalho foi possível o aprofundamento de conceitos, compreender a percepção dos discentes a respeito das políticas em saúde mental universitária disponibilizadas pela universidade pesquisada e qual papel atribuem a universidade, em consequência disso, se criou um folder sobre saúde mental universitária com base nos resultados desta pesquisa, constituindo-se como Produto Educacional.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de caráter quali-quantitativo, em que, primeiramente, se realizou um estudo para constituição do referencial teórico a partir do levantamento de dados textuais de autores de referência para a compreensão de conceitos basilares como saúde, qualidade de vida, ambiente universitário, sofrimento psíquico e políticas educacionais. Em seguida, procedemos com a realização de uma pesquisa bibliográfica com o intuito de mapear e analisar os trabalhos já publicados sobre a temática realizando uma descrição e discussão deles. Posteriormente, houve a criação e aplicação do instrumento de

coleta de dados no formato de um questionário com a finalidade de levantar dados quantitativos e qualitativos a respeito das percepções dos discentes que foram categorizados e analisados à luz do referencial teórico e do estudo bibliográfico.

Destacamos que Saúde, Qualidade de Vida e Sofrimento Psíquico são conceitos complexos e por vezes entendidos como subjetivos, contudo, aqueles que conseguem abarcar uma maior pluralidade e maleabilidade tendem a serem mais aceitos. Uma vez que o discente se encontra em estados de sofrimento psíquico pode acarretar prejuízos em seu processo de ensino, aprendizagem e em suas vivências universitárias, pensar esses conceitos dentro do contexto universitário percorre por entender os fenômenos ocorridos nas vivências universitárias e sua relação na influência na percepção dos discentes. Acreditamos que a instituição de ensino superior pode se transformar em um ambiente facilitador, promovendo e assegurando assistência a esses casos.

A discussão sobre a temática saúde mental universitária tem crescido no debate público, pois entende-se que nesse contexto não estão envolvidos os âmbitos acadêmicos, mas também o social, profissional e pessoal. O ingresso no ambiente universitário se configura como um momento de transição que exige adaptações e isso pode afetar na percepção da qualidade de vida, o ambiente universitário pode ser estressante, contudo, quando existem iniciativas de amparo e suporte ao discente esse momento tende a ser superado. Neste sentido, o olhar humanizado da instituição de ensino superior para aqueles em estados de sofrimento psíquico é importante para garantir a integração e bons níveis de saúde mental.

Salientamos que as políticas relacionadas a saúde mental ofertadas pelas universidades federais brasileiras não são padronizadas, entretanto, todas possuem algum tipo de serviço de assistência ao aluno ligado ao cumprimento do Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) ou outras iniciativas no sentido de uma promoção e prevenção em saúde mental universitária propiciada por outros órgãos institucionais. A universidade alvo desta pesquisa dispõe de um Núcleo de Saúde Mental que conta com uma equipe multiprofissional ofertando diversos serviços e atividades, grande maioria dos voluntários conhecem a iniciativa ou já fizeram uso.

Os resultados e discussões em relação a as percepções dos discentes sobre as políticas de saúde mental oferecidas pela universidade demonstram que a maioria dos discentes percebem que o ambiente universitário é um agente de sofrimento psíquico, apesar disso, nem sempre existe uma percepção clara e unificada dos discentes sobre o papel da instituição de ensino superior nestas situações. As justificativas estão muitas vezes relacionadas a uma tendência de culpabilização e responsabilização da universidade pelo sofrimento psíquico,

atribuindo aos professores, sobrecarga de tarefas, relacionamentos interpessoais e desesperança com o mercado de trabalho os agentes de seus padecimentos.

Acreditamos existir uma relação entre saúde mental e saúde física, onde ambas poderiam ser afetadas por fatores internos ligado as vivências universitárias, como relacionamento interpessoal entre os próprios alunos e professores, demandas envolvendo a entrega de atividades acadêmicas e gestão de tempo, mas também fatores externos que não possuem relação direta com o ambiente acadêmico, como a vulnerabilidade socioeconômica, insegurança alimentar, afastamento parental, rotinas domésticas e relacionamentos interpessoais e falta de perspectiva quanto ao futuro, todavia esses fatores internos e externos que se mesclam. A combinação desses fatores frequentemente confunde o próprio discente sobre a origem de seu sofrimento psíquico.

Entendemos que a percepção sobre a saúde mental dos discentes da universidade pesquisada sofre influências multifatoriais, fatores externos, por exemplo, relacionamentos interpessoais fora do ambiente universitário, vulnerabilidade socioeconômica, insegurança alimentar, instabilidade política e econômica, adaptação a novas rotinas domésticas e afastamento parental, fatores internos também influenciam a percepção discentes sobre sua saúde mental, por exemplo, relacionamento com os professores, sobrecarga de tarefas, problemas relacionais entre os próprios discentes como questões de adaptação, rivalidade e competitividade. Percebemos que parte dos problemas mencionados pelos discentes não possuem relação direta com a universidade, mas os discentes tendenciam a responsabilizar a universidade por eles. Em resumo, a percepção dos discentes em relação ao papel prático da universidade na melhoria da saúde mental envolve a capacitação e orientação dos professores, a disponibilização e extensão de serviços, bem como a reflexão sobre a universidade como um local de apoio e suporte.

Os resultados mostram que os discentes esperam da universidade uma posição de suporte e oferecimento de serviços de apoio e assistência em saúde mental, o profissional em psicologia é colocado como agente fundamental neste processo, porém a percepção de muitos discentes está alicerçada em sua grande maioria em uma visão do psicólogo como aquele que está na instituição para prestar um atendimento unicamente clínico continuado, contudo, a prestação continuada de um atendimento clínico não se configura em um primeiro momento como viável uma vez que esbarramos em questões orçamentárias, estruturais e de demanda, além das próprias especificidades desse profissional que atua no âmbito educacional.

Muitos discentes percebem a si mesmos como não possuindo uma boa saúde mental, se autodiagnosticam com transtornos psíquicos, os sintomas relatados com maior frequência

foram os de Ansiedade, Depressão e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. Constatou-se um grande nível de autodiagnóstico, esse fato é problemático pois acarreta inúmeros prejuízos, como os fenômenos de rotulação e estigmatização além do discente não receber o tratamento adequado e o cuidado que precisa e merece.

Vivemos um paradigma de super performance no qual os parâmetros de sucesso são utilizados para avaliar o desempenho, muitas vezes são apenas quantitativos, por exemplo, a nota alcançada em uma prova, o valor do salário, o peso na balança ou até mesmo quantos *likes* se recebe em uma foto. Nos perguntamos, essas são as únicas maneiras de medir o “sucesso”? Certamente não. Precisamos problematizar o próprio conceito contemporâneo do que é ter sucesso, pois esses parâmetros têm cada vez se tornado mais elevados e incompatíveis com as condições humanas. A felicidade ou “ser feliz” passam a serem imperativos de vida e tudo que foge desse padrão tende a psicopatologização, a tristeza uma emoção inerente a existência humana passa a ser demonizada, estar triste não é estar com depressão, estar agitado não é ter ansiedade, assim como estar cansado e conseqüentemente não conseguir se concentrar não significa TDAH. O fenômeno de psicopatologização da vida cotidiana reflete diretamente na percepção dos discentes sobre si mesmos e sobre a responsabilidade da instituição de ensino superior. Precisamos criar métricas mais qualitativas, gentis e sustentáveis para nossas vidas, por essa razão, precisamos prestar auxílio para pessoas em condição de sofrimento psíquico, com uma perspectiva empática, acolhedora e humanizada.

Um dos caminhos para isso é a superação de um olhar unicamente voltado para compreensão biologicista do indivíduo, essa tendência desconsidera muitas vezes a integralidade e a perspectiva da pessoa enquanto uma construção sócio-histórica, reduzindo a existência apenas a aspectos neurofisiológicos, entendemos a importância destes processos e não os desconsideramos, contudo nos recusamos a ceder a reducionismos. Pensar em saúde mental como um caminho e não como algo dado implica um olhar humanizado, sensível e cuidadoso.

Com o passar do tempo as questões relativas as condições de saúde mental têm ganhado holofotes e o acesso à informação tem desmistificado muitos preconceitos sobre a temática, a estigmatização e rotulação não cabem mais em nossas relações. Estar em uma condição de sofrimento psíquico ou quadro psicopatológico não precisam ser motivos de constrangimento. Estar em uma condição de sofrimento psíquico não implica necessariamente na incapacidade de viver uma vida que tenha sentido e significado. Winnicott em sua teoria que a vida é dura, vamos passar por momentos difíceis, porém essas circunstâncias não invalidam a vida em si mesma.

Muitos discentes afirmam a necessidade de um tratamento clínico continuado, contudo, visto a alta demanda e questões orçamentárias atender essa necessidade é quase utópico, por isso caminhos podem ser pensados para superar esse dilema, por exemplo, a parceria e convênio com outras instituições de ensino superior que dispõem do curso de psicologia e, conseqüentemente, de clínicas escolas com atendimentos gratuitos e profissionais da área que poderiam oferecer atendimento clínico continuado com honorários reduzidos.

No caso de estudantes residentes na cidade onde se localiza a Universidade pesquisada, cabe destacar a ação da Clínica Escola de Psicologia de um Centro Universitário privado, que é um ambiente dedicado tanto à formação quanto à prestação de serviços psicológicos à comunidade. Os alunos do curso de bacharelado em psicologia, acompanhados por uma orientação, oferecem atendimento à comunidade em geral, especialmente para aqueles que não possuem acesso a um profissional particular de psicologia. A cidade além disso conta com outra Faculdade privada, que também dispõe do curso de graduação em bacharel em psicologia, recém-criado, e com turmas em formação, certamente a instituição deverá criar uma clínica escola de psicologia aos moldes da citada na instituição anterior, nesta modalidade a qualidade dos serviços prestados é garantida pela supervisão de professores qualificados e experientes em suas respectivas áreas de atuação.

Uma alternativa para atender a demanda de atendimentos psicológicos, dentro de um modelo clínico, com atendimentos semanais de forma contínua e a longo prazo, é a proposta de criação de uma rede de psicólogos conveniados a universidade pesquisada seria de grande importância, pois esse ajuntamento de profissionais poderia oferecer seus serviços continuados a preço social, garantindo, assim, o atendimento psicoterápico aos alunos matriculados. Essas iniciativas poderiam formar frentes para a solução dos gargalos e da demanda de atendimento clínico continuado, modalidade que hoje os núcleos de assistência vinculados as universidades não conseguem ofertar.

Por fim, enfatizamos que essa pesquisa não possui caráter generalista e nem tem a intenção de estancar as discussões, ao contrário disso, entendemos a necessidade de constantes estudos e aprimoramentos sobre como a universidade poderia se colocar como um agente de transformação, emancipação social também no que diz respeito à saúde mental dos universitários, compreendemos que saúde mental é uma questão de saúde pública e nesse sentido a universidade poderia cumprir um papel de extrema importância para as pessoas que enfrentam um estado de sofrimento psíquico com um olhar especial, uma ética do cuidado.

## REFERÊNCIAS

- ALCANTARA, A. C.; BOTAZZO, C. **Trabalho, adoecimento e saúde mental na Universidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado Ciências da Saúde) - Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/108/108131/tde-05112018-093814/pt-br.php>>. Acesso em: 15 de jan. 2022.
- ALMEIDA, A. P. de; NAFFAH NETO, A. A teoria do desenvolvimento maturacional de Winnicott: novas perspectivas para a educação. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 517–536, set. 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/5rx4wqK63BJqQRmhC3J5rbk/>>. Acesso em: 14 de jan. 2022.
- ALMEIDA, P. C. A. DE; AZZI, R. G. A psicologia da educação como um saber necessário para a formação de professores. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 1, p. 41–55, 2007. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1413-389X2007000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-389X2007000100006)>. Acesso em: 14 de jan. 2022.
- ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P. C.; FERREIRA, J. A. G. Transição e adaptação à universidade: apresentação de um questionário de vivências acadêmicas (QVA). **Psicologia**, Coimbra, v. 13, n. 1/2, p. 189, 4 jun. 2014. Disponível em: <<https://revista.appsicologia.org/index.php/rpsicologia/article/view/510>>. Acesso em: 15 de jan 2022.
- ANDRADE, A. dos S. et al. Vivências Acadêmicas e Sofrimento Psíquico de Estudantes de Psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 36, n. 4, p. 831–846, dez. 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/RTkfTtDv3sRKHGT7J3zPMZC/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 15 de jan. 2022.
- ANDRADE, J. B. C., SAMPAIO, J. J. C., FARIAS, L. M., MELO, L. P., SOUSA, D. P., MENDONÇA, A. L. B. et al. Contexto de formação e sofrimento psíquico de estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Ceará, v. 38, n. 2, p.231-242, jun./jan. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbem/a/6SBRDhXzdvmyjZMdPSckbHp/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 14 de jan. 2022.
- ANGELUCCI, C. B. et al. O estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar (1991-2002): Um estudo introdutório. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 01, p. 51–72, 2004. Disponível em:< <https://www.scielo.br/j/ep/a/S97ys447ZPsVNwqrRRgTFhc/?lang=pt>>. Acesso em: 14 de jan. 2022.
- ASSIS, A. D. de; OLIVEIRA, A. G. B. de. Vida universitária e saúde mental: Atendimento às demandas de saúde e saúde mental de estudantes de uma universidade brasileira. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Rio de Janeiro, p. 159–177, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/68464>>. Acesso em: 15 de jan. 2022.
- BARBOSA, D. R.; SOUZA, M. P. R. de. Psicologia Educacional ou Escolar? Eis a questão. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 163–173, jun. 2012. Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/jQhnsj8gZLFSXRPMtCh7mc/?lang=pt>. Acesso em: 14 de jan. 2022.

BEZERRA, J. E. M. S.; JORGE, M. S. B. **Saúde mental de estudantes dos cursos de graduação em engenharia: experiências psicoemocionais na universidade**. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2018. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UECE-0\\_17c700bec4d496824f0aa819abd818fe](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UECE-0_17c700bec4d496824f0aa819abd818fe). Acesso em 14 de jan. 2022.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior. Portaria nº 80, de 16 de dezembro de 1998. Dispõe sobre o reconhecimento dos mestrados profissionais e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 11 jan. 1999. Seção I, p. 14. Disponível em: <https://abmes.org.br/legislacoes/detalhe/2183/portaria-capes-n-80>>. Acesso em: 15 de jan. 2022.

BZUNECK, J. A. A psicologia educacional e a formação de professores: tendências contemporâneas. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 41–52, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/pWcbh3sFHzm7vdM3g3PbPRP/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 14 de jan. 2022.

CAMARGO, B. Z.; JUSTO, A. M. Tutorial para uso do software IRAMUTEQ. **Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição**, Santa Catarina: UFSC, v. 2, p. 1-74, 2018. Disponível em: <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>>. Acesso em: 18 de abr. 2022.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. v. 2. Disponível em: <https://app.uff.br/slab/uploads/GeorgesCanguilhem-ONormaleoPatologico.pdf>>. Acesso em: 14 de jan. 2022.

CARVALHO, J. J. DE et al. Sofrimento psíquico na universidade, psicossociologia e Encontro de saberes. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 135–162, jan. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/yxrR4dMvNYmB3SZYTdZCVCQ/?lang=pt>>. Acesso em: 15 de jan. 2022.

CERCHIARI, E. A. N.; CAETANO, D.; FACCENDA, O. Utilização do serviço de saúde mental em uma universidade pública. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 252–265, jun. 2005a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/T9hPBSm9XbWKxKBfTsdRjGv/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 15 de jan. 2022.

CERCHIARI, E. A. N.; CAETANO, D.; FACCENDA, O. Prevalência de transtornos mentais menores em estudantes universitários. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 10, n. 3, p. 413–420, dez. 2005b. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/gScqTGYW6XWJXyndtMtb4nN/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 15 de jan. 2022.

CRESWELL, J. W. **Projetos de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

- DIAS, E. O. A teoria e winnicottiana do amadurecimento como guia da prática clínica. **Natureza Humana**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 29–46, 2008. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1517-24302008000100002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1517-24302008000100002)>. Acesso em: 14 de jan. 2022.
- DIAS, E. O. **O cuidado como cura e como ética**. Winnicott e-prints v. 2, n. 5, p. 19, 2010.
- DIAS, E. O. **A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicot**. 4. ed. [s.l.] DWW, 2017.
- DIAS, I. S. Promover a saúde no ensino superior: o exemplo do PPCppEi. **Revista ibero-americana de educación superior**, Portugal, v. 8, n. 3, p. 104–114, 2012. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2991/299129032006.pdf>>. Acesso em: 14 de jan. 2022.
- DIAS, L. F. et al. Promoção da Saúde: Coerência nas Estratégias de Ensino-Aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 43, n. 1 suppl 1, p. 641–651, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbem/a/H7g8cqVqFg3wX3dwbNswmXz/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 15 de jan 2022.
- FONTELLES, M. J. et al. Metodologia da Pesquisa Científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. **Revista Paraense de Medicina**, Pará, v. 23, n. 3, p. 8, 2009. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-588477>>. Acesso em: 14 de jan 2022.
- FREITAS, M. R. P.; JUNIOR, A. J. P.; SOUZA, F. G. de M. **O direito à saúde mental e o direito à educação do discente nas instituições de ensino superior: o caso do programa de apoio psicopedagógico na universidade de fortaleza**. Dissertação (Mestrado em Direito Constitucional) – Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2019.
- FULGENCIO, L. Notas sobre o interesse da psicologia dinâmica de Winnicott para a educação. **APRENDER-Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, Vitória da Conquista, v. 2, n. 11, 2008. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/3119>>. Acesso em 14 de jan 2022.
- GARCIA, MAROLLA L.; CAPELLINI, LUCIA MESSIAS FIALHO V.; LIMA DOS REIS, V. Saúde mental na universidade: a perspectiva de universitários da permanência estudantil. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 17, n. 1, p. 167–181, 5 out. 2020. Disponível em: <<https://journal.unoeste.br/index.php/ch/article/view/3593>>. Acesso em: 14 de jan 2022,
- GERHARDT, T. E. et al. **Métodos de pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, Rio Claro, v. 35, n. 2, p. 57–63, abr. 1995. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rae/a/wf9CgwXVjpLFVgpwNkCgnnC/?lang=pt>>. Acesso em: 14 de jan. 2022.

GRANER, K. M.; CERQUEIRA, A. T. DE A. R. Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, p. 1327–1346, abr. 2019. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/csc/a/RLFrGpHpQKgkYpwXvHx3B3b/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 14 de jan. 2022.

GUZZO, RAQUEL; SOUZA, L.; MARINHO-ARAUJO, CLAISY. M. **Psicologia escolar: identificando e superando barreiras**. 1. ed. Campinas: Alínea, 2011. Disponível em:

<<https://www.grupoatomoealinea.com.br/psicologia-escolar-identificando-e-superando-barreiras.html>>. Acesso em: 15 de jan. 2022.

HAHN, Michelle Selma; FERRAZ, Marcos P. Toledo; GIGLIO, Joel Sales. A saúde mental do estudante universitário: sua história ao longo do Século XX. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 23, p. 81-89, 2020. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbem/a/t8zQdXWT4HjHcWr4KLZxvyG/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 15 de jan. 2022.

HORTA, R. L.; HORTA, B. L.; HORTA, C. L. Uso de drogas e sofrimento psíquico numa universidade do Sul do Brasil. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 264–276, 2012. Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682012000200007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682012000200007)>. Acesso em: 15 de jan. 2022.

JARDIM, M. G. L.; CASTRO, T. S.; FERREIRA-RODRIGUES, C. F. Sintomatologia Depressiva, Estresse e Ansiedade em Universitários. **Psico-USF**, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 645–657, out. 2020. Disponível em: <

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682012000200007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682012000200007)>. Acesso em 15 de jan. 2022.

KANTORSKI, L. P. et al. Expectativas de docentes sobre o ensino do cuidado em saúde mental. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, São Paulo, v. 8, n. 3, p. 363–369, 2006.

LAMEU, J. DO N.; SALAZAR, T. L.; SOUZA, W. F. DE. Prevalência de sintomas de stress entre graduandos de uma universidade pública. **Revista Psicologia da Educação**, São Paulo, v. 42, n. 42, p. 13–22, 2016. Disponível em: < <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/7075>>.

Acesso em: 15 de jan. 2022.

LIMA, M. C. P. et al. Transtornos mentais comuns e uso de psicofármacos: impacto das condições socioeconômicas. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 42, n. 4, p. 717–723, ago. 2008. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rsp/a/CJPvVVms6XrWFF9nxNX8nSJ/?lang=pt>>. Acesso em: 14 de jan. 2022.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. **Em Aberto**, Brasília, v. 5, n. 31, São Paulo, 1986.

MACÊDO, S. Sofrimento Psíquico e Cuidado Com Universitários: Reflexões e intervenções fenomenológicas. **ECOS - Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, Curitiba, v. 2, n. 8,

p. 266–277, 2018. Disponível em: <  
<http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2844>>. Acesso em: 14 de jan. 2022.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

MARI, J. DE J.; WILLIAMS, P. A Validity Study of a Psychiatric Screening Questionnaire (SRQ-20) in Primary Care in the city of Sao Paulo. **British Journal of Psychiatry**, Cambridge, v. 148, n. 1, p. 23–26, 1986. Disponível em:  
 <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/3955316/>>. Acesso em 15 de jan. 2022.

MARINHO-ARAÚJO, C., BISINOTO, C. Psicologia escolar na educação superior. In GUZZO, R. S. L., C. M. MARINHO-ARAÚJO (Org.), **Psicologia escolar: identificando e superando barreiras**. Campinas, SP: Alínea, 2011. p. 191-214. Disponível em: <  
<https://www.grupoatomoealinea.com.br/psicologia-escolar-identificando-e-superando-barreiras.html>>. Acesso em: 14 de jan. 2022.

MAZZEU, F. J. C. Uma proposta metodológica para a formação continuada de professores na perspectiva histórico-social. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 19, n. 44, p. 59–72, abr. 1998. Disponível em:  
 <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/3LwKRGXyYf7vtQBL5KRMfJJ/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 14 de jan. 2022.

MINAYO, M. C. DE S. et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MORO, A.; VALLE, J. B. do; LIMA, L. P. de. Sintomas Depressivos nos Estudantes de Medicina da Universidade da Região de Joinville (SC). **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 97–102, ago. 2005. Disponível em:  
 <<https://www.scielo.br/j/rbem/a/DFtYCVdsVRXjPqBsLWNn3Bq/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 14 de jan. 2022.

MOURA, F. R. de et al. A atuação do psicólogo escolar no ensino superior: configurações, desafios e proposições sobre o fracasso escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, Brasília, v. 20, n. 3, p. 503–514, dez. 2016. Disponível em:  
 <<https://www.scielo.br/j/pee/a/dT7xSFQXYrzdJzXDGnbRfc/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 15 de jan. 2022.

NOGUEIRA, M. J.; SEQUEIRA. A saúde mental em estudantes do ensino superior: relação com o gênero, nível socioeconômico e os comportamentos de saúde. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, Porto, n. spe5, p. 51-56, 2017. Disponível em: <<https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/34824>>. Acesso em: 14 de jan. 2022.

NÓVOA, A.; VIEIRA, P. Um alfabeto da formação de professores. **Crítica Educativa**, v. 3, n. 2, p. 21, 13 set. 2017.

OIKAWA, F. M. **Implicações do contexto universitário na saúde mental dos estudantes**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2019. Disponível em:

<<https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/217>>. Acesso em: 14 de jan. 2022.

OLIVEIRA, C. B. E.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. Psicologia escolar: cenários atuais. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 9, n. 3, p. 648-663, 2009. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812009000300007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000300007)>. Acesso em: 15 de jan. 2022.

OLIVEIRA, T. M. V. Amostragem não probabilística: adequação de situações para uso e limitações de amostras por conveniência, julgamento e quotas. **Administração on line**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 01-10, 2001. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=871146&pid=S1413-294X202000040000400033&lng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=871146&pid=S1413-294X202000040000400033&lng=pt)>. Acesso em: 15 de jan. 2022.

OSSE, C. M. C.; COSTA, I. I. da. Saúde mental e qualidade de vida na moradia estudantil da Universidade de Brasília. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 115–122, mar. 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/jXj8kc8WmhVHG5Y3J3Y9Stn/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 14 de jan. 2022.

OSSE, C. M. C.; COSTA, I. I. da C. **Saúde mental de universitários e serviços de assistência estudantil**: estudo multiaxial em uma universidade brasileira. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Acesso em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/14733>>. Acesso em 14 jan. 2022.

PEREIRA, A. M. S. et al. Sucesso e desenvolvimento psicológico no Ensino Superior: Estratégias de intervenção. **Análise Psicológica**, Coimbra, v. 24, n. 1, p. 51–59, 1 dez. 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/6008>>. Acesso em 15 de jan. 2022.

PEREIRA, É. F.; TEIXEIRA, C. S.; SANTOS, A. dos. Qualidade de vida: abordagens, conceitos e avaliação. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 241–250, jun. 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbefe/a/4jdhpVLrvjx7hwshPf8FWPC/?format=pdf>>. Acesso em 14 de jan. 2022.

PERES, R. S.; SANTOS, M. A. dos; COELHO, H. M. B. Atendimento psicológico a estudantes universitários: considerações acerca de uma experiência em clínica-escola. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 20, n. 3, p. 47–57, dez. 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/CKGKvP4tkpFdCk57XPSKRF/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 14 jan. 2022.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. das G. C. **Docência no ensino superior**. São Paulo, SP: Cortez Editora, 2002.

PUGLISI, M. L. B. F. Análise de conteúdo. **Dialogia**, ed. 5, n. 32, p. 338–342, Campinas, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/download/13247/7090>>. Acesso em: 14 de jan. 2022.

RIBEIRO, M. M. F.; MELO, J. D. C.; ROCHA, A. M. C. Avaliação da Demanda Preliminar de Atendimento Dirigida pelo Aluno ao Núcleo de Apoio Psicopedagógico ao Estudante da Faculdade de Medicina (Napem) da Universidade Federal de Minas Gerais. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 43, n. 1 suppl 1, p. 91–97, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbem/a/cHX7QZjCHtKshkbH49c8qyc/?lang=pt>>. Acesso em: 14 de jan. 2022.

ROCHA, A. M. C. et al. Tratamento Psíquico Prévio ao Ingresso na Universidade: Experiência de um Serviço de Apoio ao Estudante. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 44, n. 3, p. e077, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbem/a/mXDJ8FDpbJQmn5XQzcDcDNy/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 15 de jan. 2022.

RODRIGUES, J. M.; PEIXOTO JUNIOR, C. A. Reflexões sobre conceitos afirmativos de saúde e doença nas teorias de Georges Canguilhem e Donald Winnicott. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 291–310, mar. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/physis/a/dGk7f33MVNjfQMNGVLpMtjP/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 14 de jan. 2022.

ROZENDO, C. T., K.; DIAS, LÚCIA, C. Possibilidades de sofrimento psíquico do professor universitário de uma licenciatura. **Colloquium Humanarum**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 126–144, 20 dez. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/physis/a/dGk7f33MVNjfQMNGVLpMtjP/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 14 de jan. 2022.

ROZENDO, K. C. T.; DIAS, C. L. Possibilidades de sofrimento psíquico do professor universitário de uma licenciatura. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 11, n. 3, p. 126–144, 20 dez. 2014. Disponível em: <<https://journal.unoeste.br/index.php/ch/article/view/1213>>. Acesso em 14 de jan 2022.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, B. S. Da idéia de universidade a universidade de idéias. In: SANTOS, B. S. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**, Porto, 2006.

SILVA, A. G.; CERQUEIRA, A. T. DE A. R.; LIMA, M. C. P. Social support and common mental disorder among medical students. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 229–242, mar. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbepid/a/QDdGMhJY8QksznfpKVPbDSw/?lang=en>>. Acesso em: 14 de jan. 2022.

SILVA, A. M. T. B.; SUAREZ, A. P. M. S.; UMPIERRE, A. B. Produtos Educacionais: Uma avaliação necessária. **Interações**. Rio de Janeiro, n. 44, p. 232-243, 2017. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/4108>>. Acesso em: 14 de jan. 2022.

SILVA, C. E. C. da et al. Saúde Mental de Alunos de Medicina Submetidos à Aprendizagem Baseada em Problemas: Revisão Sistemática da Literatura. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 44, n. 4, p. e115, 2020. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbem/a/TD5jKdzNsgrSZ3NGMB3kXBH/?lang=pt>>. Acesso em: 15 de jan. 2022.

SILVA, M. E. A. et al. Saúde mental dos estudantes universitários. **Revista Eletrônica Acervo Enfermagem**, v. 9, p. 9, 2021. Disponível em:

<<https://acervomais.com.br/index.php/enfermagem/article/view/6228>>. Acesso em: 15 de jan 2022.

SILVA, R. C.; PEREIRA, A. de A.; MOURA, E. P. Qualidade de Vida e Transtornos Mentais Menores dos Estudantes de Medicina do Centro Universitário de Caratinga (UNEC) - Minas Gerais. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 44, n. 2, p. e064, 2020.

Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/rbem/a/nCmCR9w43YD56stVcW6pRgC/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 15 de jan. 2022.

SILVA, R. R.; DIAS, H. Z. J. **O perfil de saúde de estudantes universitários: um estudo sob o enfoque da psicologia da saúde**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Maria, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/10300>>. Acesso em 15 de jan. 2022.

SOUSA, T. F.; LOCH, M. R., LIMA, A. J. O.; FRANCO, D. C.; BARBOSA, A. R., Concorrência de fatores de risco à saúde em universitários de uma instituição de ensino superior brasileira. **Ciência & Saúde Coletiva**, Bahia, v. 26, p. 729-738. 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/mzbqnbpRSPK5KvRjcm8YJfp/?lang=pt>>. Acesso em: 14 de jan. 2022.

SOUZA, C. Políticas públicas: uma revisão da literatura. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 16, p. 20–45, dez. 2006. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/soc/a/6YsWyBWZSdFgfSqDVQhc4jm/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 14 de jan. 2022.

SOUZA, J. P. P. de; LIMA, M. C. P. L. **Saúde Mental de Universitários: Relação entre Transtorno Mental Comum e Competência Moral**. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade estadual paulista Júlio de Mesquita filho, Botucatu, 2020. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/192960>>. Acesso em: 14 de jan. 2022.

TANAMACHI, E. de R.; MEIRA, Marisa Eugênia M. A atuação do psicólogo como expressão do pensamento crítico em psicologia e educação. **Psicologia escolar: práticas críticas**, p. 11-62, 2003.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. São Paulo: Editora Vozes Limitada, 2012.

TENÓRIO, L. P. et al. Saúde Mental de Estudantes de Escolas Médicas com Diferentes Modelos de Ensino. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Sergipe, v. 40, n. 4, p. 574–582, dez. 2016. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbem/a/BFcx6VDyrBbrPMwBC4X6ypF/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 15 de jan 2022.

TRAJANO, S. da S.; CATRIB, A. M. F.; ABDON, A. P. V. **Aspectos psicossociais, consumo de drogas e transtorno mental comum em ambiente universitário**. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva), Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2018. Disponível em: <[https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFOR\\_47b322324126561d5b014d0ddcb30ae](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFOR_47b322324126561d5b014d0ddcb30ae)>. Acesso em: 14 de jan. 2022.

VITAL, A.; GUERRA, A. Produtos educacionais elaborados no Mestrado Profissional em Ensino: uma reflexão sobre a distância entre a pesquisa e a prática docente. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS - ENPEC, 11., 2017, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2017.

WHOQOL GROUP. The development of the World Health Organization quality of life assessment instrument (the WHOQOL). In: **Quality of Life Assessment: International Perspectives: Proceedings of the Joint-Meeting Organized by the World Health Organization and the Fondation IPSSEN in Paris, July 2–3, 1993**. Springer Berlin Heidelberg, 1994. p. 41-57. Disponível em: <https://link.springer.com/book/10.1007/978-3-642-79123-9>. Acesso em: 10 jan. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Suicide in the world: global health Estimates**. Geneva: WHO, 2019. Disponível em: <<https://www.who.int/publications/i/item/suicide-in-the-world>>. Acesso em: 10 jan. 2022.

ZABALA, A. **A prática educativa**. Porto Alegre: Artmed, Porto Alegre, 1998.

ZAVADSKI, K. C.; FACCI, M. G. D. A atuação do psicólogo escolar no Ensino Superior e a formação de professores. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 683–705, dez. 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pusp/a/5J9QJCSyd6Zh8tQz8zHCJgk/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 15 de jan. 2022.

## APÊNDICE A — PRODUTO EDUCACIONAL

### MESTRADO PROFISSIONAL: A PRODUÇÃO DE UM PRODUTO

Os programas de pós-graduação *stricto sensu* em sua modalidade mestrado profissional foram criados em 1995, três anos depois em dezembro de 1998 a Capes publicou a portaria n. 47 e n. 80/1998, onde abarcou inúmeras características que diferenciam o mestrado profissional de um mestrado acadêmico, com fins a orientar e regulamentar as questões que tangem a elaboração dos produtos educacionais, o foco do mestrado profissional é uma formação que proporcione a capacidade de criação, novas técnicas, formas ensino e aprendizagem: “desempenho diferenciado de egressos dos cursos de mestrado que visem preferencialmente um aprofundamento de conhecimentos ou técnicas de pesquisa científica, tecnológica ou artística” (BRASIL, 1998, p. 1). Os Mestrados Profissionais apresentam características próprias, uma delas é necessidade de criação de um produto educacional, se tratando de um Mestrado em Educação com ênfase na formação de professores é necessário buscar um produto que atenda essas demandas e que também consiga aliar a tríade entre ensino, pesquisa e extensão. Segundo Vital e Guerra (2017), é imprescindível levar em consideração a proximidade e distanciamento das pesquisas, assim como sua construção e aplicabilidade dos produtos educacionais no contexto educacional, salienta que os produtos educacionais são uma característica marcante nos programas de Mestrado profissional, tendo lugar de destaque nas dissertações. Ainda segundo os autores, a convergência entre a pesquisa e a prática docente acarretam um processo de junção das ideias e ações para a atuação dos professores.

Para Silva, Suarez e Umpierre (2017), um diferencial é o que concerne a dissertação, o trabalho de conclusão necessita apresentar a elaboração de um produto educacional. Vital e Guerra (2017) salientam que os produtos educacionais possuem lugar de destaque nas dissertações. Ainda segundo os autores, a convergência entre a pesquisa e a prática docente acarretam um processo de junção das ideias e ação para a atuação dos professores. Quando consideramos o Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE, temos como eixo estruturante a formação de professores. Neste sentido pensamos um produto que possa abraçar essa demanda, mas neste caso com uma característica especial, não deixar de lado a formação docente e os alunos universitários. Diante disso o produto educacional desta pesquisa se constitui em dois momentos, em primeiro uma comunicação oral em formato de palestra a ser ministrada para professores. No segundo momento a elaboração e divulgação de um fôlder

informativo sobre “Saúde Mental Universitária” para os docentes e discentes de uma Universidade Federal do Sul do Estado de Minas Gerais.

**PRODUTO EDUCACIONAL:**

**Título:** Saúde mental universitária: reflexões sobre a elaboração de um pôster e ministração de uma palestra.

**Mestrando:** Maycon Pádua Reis

**Orientador:** Dr. Regilson Maciel Borges

**Tipo de produto produzido:**

Serão produzidos dois materiais, um folder informativo sobre “Saúde Mental Universitária” que será divulgado de maneira virtual para discentes de uma Universidade Federal do Sul de Minas Gerais e para os professores da rede municipal de Lavras e uma comunicação oral em formato de palestra sobre “Saúde Mental Escolar” para os mesmos professores.

**Articulação com a proposta de pesquisa**

As instituições de ensino superior são locais de promoção humana e emancipação social através da educação, Vital e Guerra (2017) argumentam a favor de pensar a atuação dos professores como agentes sociais, sendo assim, o professor carrega consigo uma dimensão emancipatória.

O contexto universitário traz consigo muitos elementos subjetivos como diz Almeida, Soares e Ferreira (2014), dentro das universidades podemos encontrar os domínios: acadêmico, social, pessoal e vocacional. Tais domínios estão presentes no contexto de sala de aula. Assis e Oliveira (2010) demonstram que após um levantamento realizado pela Associação Nacional de Reitores de Universidades Federais do Brasil, com o intuito de desenhar o quadro de assistência que essas instituições ofereciam aos universitários, constatam que em um universo de 40 universidades, apenas 34% ofereciam atendimentos referentes à saúde mental.

Apesar de pouco discutida, a saúde mental universitária é uma questão que exige das instituições de ensino uma alta demanda como revelam Marinho e Bisinoto (2011), afirmando que dentre os serviços multiprofissionais ofertados pelas universidades, os psicólogos são os profissionais de maior demanda. Temos consciência que o contexto universitário traz consigo

fenômenos que intensificam o sofrimento psíquico, segundo Grandier e Ramos-Cerqueira (2019) o afastamento parental, sociedade individualista, precariedade social e psíquica, as próprias demandas sociais para se fazer e concluir uma graduação, adicionando as poucas perspectivas positivas a respeito do mercado de trabalho somam para o agravamento do estado emocional.

Mesmo que comprovada sua relevância essa temática é pouco explorada nas pesquisas em educação. Segundo Vital e Guerra (2017) as pesquisas do campo educacional podem dialogar com a formação docente na prática. Acreditamos que as temáticas que tratam da saúde mental dos alunos são de extrema importância para a formação de professores.

### **Objetivos Gerais:**

Através deste trabalho será possível compreender a percepção dos discentes a respeito das políticas em saúde mental universitária disponibilizadas por uma Universidade Federal do Sul de Minas Gerais. Em consequência disso, se criará um pôster sobre saúde mental universitária e proposta de uma palestra sobre saúde mental. Essas ações possibilitaram a socialização e promoção de saberes, englobando uma dinâmica no processo da construção de conhecimentos e mecanismos capazes de desenvolver a formação profissional e pessoal do docente. O discente também foi foco deste trabalho que oportunizou a comunicação e esclarecimentos sobre o tema.

### **Objetivos Específicos:**

Criação de um material digital em estilo pôster informativo; criação de uma exposição oral em forma de palestra; refletir sobre a temática saúde mental no contexto educacional;

Propor estratégias de enfrentamento; apresentar os resultados obtidos na pesquisa e a capacitação dos professores da rede municipal.

### **Descrição do produto:**

Segundo Rodrigues (2014) podemos compreender o pôster como um documento impresso de tamanho reduzido, organizado em uma folha com dobras, onde contém textos de cunho informativo e publicitário. Destacamos que realizaremos o mesmo de maneira digital, justificamos essa decisão em virtude do atual cenário pandêmico, onde muitos alunos estão em modalidade de ensino emergencial remoto, e por uma questão ecológica, diminuindo o impacto ambiental do uso de papel, tornando um produto sustentável e logisticamente viável.

O mesmo autor alerta para as diferenças deste gênero para o panfleto, apensar de parecidos eles têm funções sociais diferentes, o fôlder tem uma maior quantidade de informação disposta de maneira didática e chamativa graficamente. O produto educacional deste trabalho dará destaque às ideias referentes a temática da pesquisa, valendo-se de imagens e elementos gráficos com o propósito comunicar rapidamente ideias sem tomar demasiadamente o tempo do interlocutor.

O folder se coloca como um instrumento midiático significativo para os contextos sociais, pois apresenta formas e enunciados relativamente estáveis que transitam socialmente e por essa razão pode ser considerado um gênero textual (RODRIGUES, 2014). Ainda segundo o autor, a utilização deste gênero consiste em um instrumento relevante para o ensino, porque que é de grande circulação social, com configuração e plasticidade valorosos.

O produto gerado dos mestrados educacionais deve ser disponibilizado a qualquer docente que esteja vinculado ao contexto escolar para a utilização a fim de diversificar suas práticas pedagógicas (SILVA; SUAREZ; UMPIERRE 2017). Rodrigues (2014) salienta que esse tipo de comunicação é muito utilizado para orientações de saúde e educação, por apresentar imagens chamativas e linguagem didática, despertando a curiosidade do leitor por conter estatísticas, orientações e promoção de qualidade de vida.

A comunicação oral em formato de palestra foi pensada para ser um momento de socialização da própria pesquisa realizada no mestrado e como um espaço de promoção e prevenção da saúde mental aplicada nos contextos educacionais. Para isso a construção desta exposição procurou ser clara, didática e dinâmica. A palestra terá duração média de 1 hora e 30 minutos.

O material visual do fôlder e da palestra será confeccionado no programa *Canva* em sua versão gratuita. Priorizando um layout Clean e harmônico. Na tabela abaixo encontra-se a estruturação da palestra.

Organização da exposição oral em formato de palestra		
<b>Momento</b>	<b>Atividade</b>	<b>tempo</b>
1º Momento	O pesquisador usará esse tempo para agradecer e honrar a Universidade Federal de Lavras, professor orientador e participantes da pesquisa.	5 minutos
2º Momento	Apresentação da temática e convite a reflexão.	5 minutos

3º Momento	Contextualização da temática “saúde mental escolar”.	10 minutos
4º Momento	Socialização de algumas estatísticas sobre o tema.	10 minutos
5º Momento	Divulgação dos resultados da pesquisa.	10 minutos
6º Momento	Discussão do papel do professor ao lidar com questões que tangem a saúde mental.	15 minutos
1º Momento	Apresentação de estratégias de enfrentamento	15 minutos
2º Momento	Divulgação do pôster informativo.	5 minutos
Momento	Finalização e agradecimento.	5 minutos
3º Momento	Abertura para dúvidas e acolhimento.	10 minutos
<b>Total:</b>		1 hora e 30 minutos

Destacamos que temos consciência que vivemos em um cenário pandêmico que exige medidas de profilaxia visando o bem coletivo, por esse ângulo a palestra será realizada em um ambiente arejado, que conta com ventilação e distanciamento social. Destacamos que a mesma palestra que foi pensada para uma apresentação presencial, pode em virtude de eventuais urgências, mudar o formato para um webinar, sendo assim transformada para modalidade remota.

## APÊNDICE B — QUESTIONÁRIO

AMBIENTE UNIVERSITÁRIO E SOFRIMENTO PSÍQUICO: A PERCEPÇÃO DE DISCENTES SOBRE AS POLÍTICAS EM SAÚDE MENTAL OFERECIDAS POR UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA DO SUL DE MINAS

Data: \_\_\_\_\_ Período: \_\_\_\_\_ Curso: \_\_\_\_\_

Este questionário é individual/sigiloso, sendo usado apenas para meios científicos e deve ser respondido com o máximo de sinceridade possível, é composto por perguntas de fácil compreensão, divididas em 7 perguntas com múltipla escolha, onde apenas uma alternativa deve ser selecionada e posteriormente obrigatoriamente justificada quando solicitado, e duas perguntas puramente dissertativas. O preenchimento do questionário dar-se-á de maneira voluntária e virtual.

---

As próximas perguntas você deverá marcar com X a alternativa que reflete sua opinião. Você deverá marcar necessariamente uma alternativa e justificá-la quando solicitado.

1 - Como vai a sua saúde mental?

- a) ( ) Ótima
- b) ( ) Boa
- c) ( ) Regular
- d) ( ) Ruim
- e) ( ) Péssima

- Justifique sua resposta:

2 - Como vai a saúde física?

- a) ( ) Ótima
- b) ( ) Boa
- c) ( ) Regular

- d) ( ) Ruim
- e) ( ) Péssima

- Justifique sua resposta:

3 - Você acredita que o ambiente universitário é um fator de adoecimento mental?

- a) ( ) Sim
- b) ( ) Não

- Justifique sua resposta:

4 - Você sabia que a Universidade Federal de Lavras conta com um Núcleo de Saúde Mental (NSM)?

- a) ( ) Sim, já fiz uso
- b) ( ) Sim
- c) ( ) Não

5 - Você considera que a Universidade pesquisada contribui positivamente para sua saúde física e mental?

- a) ( ) Sim
- b) ( ) Não

- Justifique sua resposta:

6 - Você apresenta algum tipo de psicopatologia? Por exemplo, Depressão, ansiedade, pânico dentre outras:

- a) ( ) Sim
- b) ( ) Não

- Se sim, qual?

7 - Você já foi diagnosticada(o) profissionalmente como possuindo algum sofrimento mental?

a) ( ) Sim

b) ( ) Não

- Se sim, qual?

**As duas últimas perguntas você deverá escrever sua opinião.**

8 - Na sua opinião, qual é o papel da Universidade diante as questões relativas à “saúde mental”?

9 - Como você entende que a Universidade pesquisada poderia contribuir mais para sua saúde mental?

GRATO!

## APÊNDICE C — FOLDER INFORMATIVO

### Saúde Mental & Qualidade de Vida na Universidade

Ter Saúde Mental e Qualidade de Vida dentro do contexto universitário é uma grande conquista, as vivências universitárias trazem consigo muitos desafios, mas também muitas coisas boas. Contudo, quando não estamos atentos podemos deixar fatores externos e internos dificultarem nosso percurso acadêmico, neste folder você vai encontrar algumas informações que podem ajudar nessa caminhada.

#### Conceito de Saúde

A Organização Mundial da Saúde definiu Saúde como condição de **inteiro** bem-estar que envolvem o âmbito **físico, mental e social**, não somente a ausência de doenças, sugere uma tríade, onde estariam implicados fatores filogenéticos, ontogenéticos e culturais. Esse conceito foi revolucionário para os anos 40, entretanto precisamos **pensar um pouco ele** no contexto social que vivemos atualmente.



A palavra “**completo**” necessita ser **problematizada**, uma vez que promove a noção de um **ideal** de “**perfeição**”, **normatividade** e **normalidade** em todos os âmbitos da vida da pessoa.

- ✗ **Nem sempre** ou **quase nunca**, estamos ou nos sentimos “completos” em todas as áreas, e isso **não** nos torna pessoas “doentes”.
- ✗ Neste sentido, **não** podemos pensar em saúde no **singular**, mas sim em saúdes no **plural**. Saúde não é a simples ausência de doenças ou um conceito fixo, mas sobretudo a maneira que encaramos e nos relacionamos com a vida.

#### Conceito de Qualidade de Vida

Qualidade de Vida é entendida pela OMS como a percepção que uma pessoa tem em relação à sua **posição na vida**, imersa em um **contexto cultural** e os seus sistemas de valores aos quais estão inseridos e se relacionam com seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações.

A qualidade de vida de uma pessoa parte de sua percepção relativa à **satisfação** de suas **necessidades** ou quando são suspensas as probabilidades de conquistar felicidade, autorrealização, independência social, econômica e de saúde física. Qualidade de Vida e Saúde Mental são aspectos que caminham juntos.



#### Perigo do Autodiagnóstico

O autodiagnóstico é problemático pois acarreta inúmeros prejuízos, como o fenômeno de **rotulação**, por exemplo, o aluno que se autointitula com “déficit de atenção e hiperatividade”, sem passar pelo devido processo de psicodiagnóstico profissional, pode correr o risco de **não** receber o apoio e tratamento corretos para o seu verdadeiro estado de saúde, provavelmente se **isolando** e **culpabilizando**, além de enfrentar fenômenos de **estigmatização**.



#### O que são psicopatologias?

Psicopatologia em resumo é o nome dado a quadros sintomatológicos que configuram e caracterizam **sofrimento** de ordem psicológica, causando **prejuízos globais** as pessoas. Apesar desse “nome feio” é totalmente possível ter **qualidade de vida** mesmo nestas condições. O diagnóstico e tratamento de psicopatologias são realizados por profissionais de saúde mental, como **psicólogos** e **psiquiatras**. Sabia que segundo nossa pesquisa as condições mais frequentes descritas pelos discentes da UFLA são, **ansiedade, depressão** e **compulsão alimentar**?

## Rotulação e Estigmatização

Com o passar do tempo as questões relativas as condições de saúde mental tem ganhado holofotes e o acesso à informação tem **desmistificado** muitos **preconceitos** sobre a temática, a **estigmatização** e **rotulação** não cabem mais em nossas relações. Estar em uma condição de sofrimento psíquico ou quadro psicopatológico não são motivos de constrangimento. Não significa a incapacidade de viver uma vida que tenha sentido e significado. A vida é dura, vamos passar por momentos difíceis, por essa razão, precisamos prestar **auxílio** para pessoas em condição de **sofrimento psíquico e para nós mesmos**, com uma perspectiva empática, acolhedora e humanizada.

## Ansiedade

A ansiedade é uma resposta normal do corpo diante de situações de perigo ou estresse. É uma sensação de apreensão, medo ou desconforto que pode ser acompanhado por **sintomas físicos** como palpitações, sudorese e tremores. Quando a ansiedade se torna **persistente** e começa a **afetar globalmente** a qualidade de vida da pessoa, ela merece cuidado. A ansiedade é multifatorial e o tratamento pode incluir psicoterapia, medicação, mudanças no estilo de vida, exercícios, alimentação saudável e práticas de autocuidado. Se você está ansioso e acha que está além do normal, **busque ajuda** profissional.

## Depressão

A depressão afeta o humor, comportamento e pode causar **prejuízo global** na vida da pessoa, se caracterizada por uma tristeza profunda, desesperança, falta de interesse em atividades que antes eram **prazerosas**, baixa autoestima, fadiga, dificuldade de concentração e problemas de sono e apetite. A causa da depressão é multifatorial, isso significa que há uma combinação de fatores, podendo incluir predisposição genética, questões emocionais e sociais.

O tratamento para a depressão pode envolver psicoterapia, medicação e mudanças no estilo de vida. **Nem todo mundo que está triste tem depressão.** A tristeza é uma emoção normal e inerente à existência humana, assim como a alegria. Didaticamente a diferença está na **intensidade, duração e impacto** nos aspectos da vida da pessoa.

A tristeza é uma emoção passageira que pode ser superada com o tempo, enquanto a depressão é uma condição de saúde mental que requer tratamento especializado.

## Compulsão alimentar

Compulsão alimentar é um transtorno alimentar caracterizado por **episódios recorrentes** de ingestão **excessiva** de alimentos, acompanhados por uma sensação de perda de controle sobre o comportamento alimentar. Esses episódios podem acontecer em qualquer momento e muitas vezes são **desencadeados** por **fatores emocionais**, como estresse, ansiedade ou tristeza.

## Pâmetros de sucesso

Os parâmetros de sucesso são utilizados para **avaliar o desempenho**, muitas vezes eles são apenas **quantitativos**, por exemplo, a nota da prova, o valor do salário, o peso na balança ou até mesmo quantos *likes* se recebe em uma foto. Nos perguntamos, essas são as únicas maneiras de medir o "sucesso"? Será que não precisamos **problematizar** o próprio conceito do que é ter sucesso hoje? Esses parâmetros têm cada vez se tornado mais elevados e **incompatíveis** com as condições humanas. Precisamos criar métricas mais **qualitativas**, gentis e sustentáveis para nossas vidas.

## Saúde Mental como um caminho

Quando se pensa em saúde mental no **cenário contemporâneo**, existe uma grande tendência principalmente nas mídias sociais de imprimir a "noção" de que ela pode ser **comprada** como uma **mercadoria** e até mesmo romantizada. No momento em que isso acontece temos a **mercantilização da saúde mental** um fenômeno muito preocupante. A saúde mental é uma conquista que se **constrói** através do tempo, com **condições básicas** de seguridade social e da soma de várias experiências transcorridas em nosso viver e existir. A saúde mental é muito mais um **caminho** pelo qual se percorre e **não** uma mercadoria que se compra ou que surge de uma hora para outra.

## Estratégias de Enfrentamento

As estratégias de enfrentamento em saúde mental são um conjunto de **técnicas e recursos** que podem ser utilizados no **enfrentamento** de situações estressantes e para a **promoção** e prevenção em sua **saúde mental**, a seguir vamos ver algumas:

## Higiene do Sono

A higiene do sono são práticas e comportamentos que podem ajudar a **promover** uma **boa qualidade** e sono **reparador**, além e prevenir problemas como **insônia** e **sonolência diurna** excessiva, por exemplo, estabelecer **horários regulares** para dormir e acordar, **evitar estimulantes** como bebidas à base de cafeína a noite, **evitar** o celular ou dispositivos eletrônicos antes de dormir e uma dica extra é ligar o “filtro de luz azul” do seu celular durante o período noturno, em alguns aparelhos essa função se chama “NightShift”.

## Atividade Física

Está bem, sabemos que você já está cansado(a) de saber a importância da atividade física para sua saúde, mas não poderíamos deixar de reforçar o quanto ela pode ajudar na **manutenção de bons níveis de saúde mental**. Tente fazer alguma atividade física que se **enquadre** na sua **realidade**, por exemplo, a UFLA contém muitas **trilhas** bonitas, já pensou em caminhar por alguma delas escutando seu *podcast* favorito?

## Gestão de Tempo

Um dos maiores gatilhos para a ansiedade é a sensação de “**falta de controle**”, por isso ter uma **rotina sustentável** e que **faça sentido** é fundamental para quem quer ter saúde mental. Não estamos dizendo que é necessário ter tudo cronometrado, um dia super restrito e engessado, contudo, a **organização do tempo**, principalmente um **cronograma de estudos** e realização de trabalhos pode ajudar as coisas não se acumularem e vai sobrar tempo até para dar um rolezinho.

## Rede de Apoio

Viver é um grande desafio, mas viver sozinho é um desafio impossível. A **rede de apoio** é um conjunto de pessoas e recursos que podem oferecer suporte **emocional, prático e social**. Procurar estabelecer bons **vínculos afetivos** é muito importante para a **manutenção** de bons estados de saúde mental, vale ser a galera do rolê, grupos ou núcleos de estudos, da igreja e também a turma da sala de aula.

## Controle Orçamentário

Sabemos que muitas vezes a grana é curta, mas tentar ter um mínimo de **organização financeira**, dentro do **possível** na sua **realidade**, pode ajudar. Vale apenas testar estratégias como app de **gestão financeira** ou uma **planilha de controle** de gastos.

## Psicoterapia

O processo psicoterapêutico garante um ambiente sigilo, seguro e acolhedor. O **Psicólogo** é o profissional **tecnicamente habilitado** para fornecer, quando for o caso, um diagnóstico adequado e tratamento humanizado. A psicoterapia ajuda a melhorar a **qualidade de vida**, elaboração de **vivências traumáticas** e fornecimento de ferramentas valiosas para equipar as pessoas para **lidar** com variedades e **desafios** emocionais, comportamentais e angústias inerentes a vida.

## Onde buscar apoio?

Você sabia que a Universidade Federal de Lavras dispõem do **Núcleo de Saúde Mental** (NSM) que faz parte da Coordenadoria de Saúde da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários (PRAEC)? O NSM se configura como um espaço de **acolhimento** com a **oferta de serviços** voltados para **saúde mental**. Todos os alunos podem usufruir **gratuitamente** dos serviços de acolhimento psicológico, atendimento psiquiátrico, orientação farmacêutica, oficinas temáticas, rodas de conversas e acolhimento de enfermagem. Veja a seguir formas de contato:

## Comunidade interna

Coordenadoria de Saúde: (35) 3829-1110   
coordsaude.praec@ufla.br

Núcleo de Saúde Mental: (35) 3829-1110   
nsm.praec@ufla.br

## Comunidade externa

Centro de Valorização da Vida - nº 188  
Central de Atendimento à Mulher - nº 180  
Disque Direitos Humanos - nº 100  
Centro de Referência de Assistência Social - CAPS  
Unidade de Pronto Atendimento - UPA  
Centro de Referência de Assistência Social - CRAS  
Clínicas Escolas de Psicologia das universidades privadas

Esse material foi desenvolvido a partir dos resultados de uma pesquisa realizada por meio do **Programa de Pós-Graduação em Educação** (PPGE), pelo discente **Maycon Pádua Reis**, Psicólogo Clínico (CRP 04/58204), sobre a orientação do professor Dr. **Regilson Maciel Borges**, e tem intenção informativa e psicoeducativa, em qualquer sinal ou sintoma psicopatológico não hesite em buscar ajuda profissional.



## ANEXO 1 — TCLE

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Prezado(a) Senhor(a), você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa de forma totalmente voluntária da Universidade Federal de Lavras. Antes de concordar, é importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Será garantida, durante todas as fases da pesquisa: sigilo; privacidade; e acesso aos resultados.

I - Título do trabalho experimental: Ambiente universitário e sofrimento psíquico: a percepção de discentes sobre as políticas em saúde mental oferecidas por uma Universidade Pública do Sul de Minas

**Pesquisador(es) responsável(is): Maycon Pádua Reis e Regilson Maciel Borges**

**Cargo/Função: Mestrando PPGE e Coordenador PPGE**

**Instituição/Departamento: Programa de pós-graduação em Educação- UFLA**

**Telefone para contato: 35988112199**

**Local da coleta de dados: Universidade Federal de Lavras**

### II – OBJETIVOS

Investigar, discutir e analisar o sofrimento psíquico que aflora dentro das relações universitárias e a percepção dos discentes das graduações sobre as políticas educacionais em saúde mental oferecidas por uma Universidade Federal do Sul do Estado de Minas Gerais.

### III – JUSTIFICATIVA

O estudo proposto é relevante na medida em que fornece um conhecimento que geralmente não é discutido e refletido, fornecendo alicerces teóricos para futuros estudos e alimentando a investigação sobre as possíveis contribuições no desenvolvimento profissional do docente e aos discentes como usufrutuários das políticas educacionais em saúde mental ofertadas pela universidade, gerando dados que possibilitaram àqueles que irão trabalhar com a temática subsídios teóricos.

### IV - PROCEDIMENTOS DO EXPERIMENTO

#### AMOSTRA

Acadêmicos dos cursos de graduação de uma Universidade Pública do Sul e Minas Gerais.

### V - RISCOS ESPERADOS

O referido estudo apresenta riscos mínimos para os voluntários. O voluntário pode se sentir desconfortável psicologicamente durante o preenchimento do questionário pelo tempo demandado, mas poderá interromper a pesquisa a qualquer momento.

A avaliação do risco da pesquisa é BAIXO.

## VI – BENEFÍCIOS

Esta pesquisa apresentará a percepção de alguns discentes, em relação às políticas públicas educacionais voltadas a Saúde Mental. Os benefícios imediatos são uma reflexão sobre a própria temática e sobre como a própria universidade pode continuar a atuando na promoção e prevenção de Saúde Mental dentro do contexto acadêmico. Fornece material qualitativo e quantitativo sobre a temática “saúde mental universitária” e “políticas públicas educacionais”, para aperfeiçoamento e entendimento dos programas ofertados enquanto políticas públicas educacionais.

## VII – CRITÉRIOS PARA SUSPENDER OU ENCERRAR A PESQUISA

A participação dos voluntários poderá ser suspensa se não houver mais interesse deles.

## VIII - CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Projeto de Pesquisa.

Lavras, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20 \_\_\_\_.

---

Nome (legível) / RG

---

Assinatura

**ATENÇÃO!** Por sua participação, você: não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira; será ressarcido de despesas que eventualmente ocorrerem; será indenizado em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa; e terá o direito de desistir a qualquer momento, retirando o consentimento sem nenhuma penalidade e sem perder quaisquer benefícios. Em caso de dúvida quanto aos seus direitos, escreva para o Comitê de Ética em Pesquisa em seres humanos da UFLA. Endereço – Campus Universitário da UFLA, Pró-reitoria de pesquisa, COEP, caixa postal 3037. Telefone: 3829-5182.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada com o pesquisador responsável e a outra será fornecida a você.

*No caso de qualquer emergência entrar em contato com o pesquisador responsável no Departamento de Educação (PPGE). Telefone (35) 3829-1072/1072, e-mail: mpe.ded@ufla.br*